

LE FIGARO JOURNAL
SUPPLEMENT ILLUSTRÉ

Tatiana de Rosnay

A casa que amei



SUMA
de letras

Da autora de *A chave de Sarah*

Tatiana de Rosnay

A casa que amei



SUMA
de letras

Da autora de *A chave de Sarah*

A casa que amei

SUMA
de letras

Tatiana de Rosnay

Tradução

Catharina Epprecht



Copyright © 2010, Éditions Héloïse d'Ormesson

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Objetiva Ltda.

Rua Cosme Velho, 103

Rio de Janeiro – RJ – Cep: 22241-090

Tel.: (21) 2199-7824 – Fax: (21) 2199-7825

www.objetiva.com.br

Título original

The House I Loved

Capa

Sergio Campante

Imagem de capa

Mimi Haddon/Getty Images

Revisão

Lilia Zanetti

Beatriz Sarlo

Mariana Freire Lopes

Coordenação de e-book

Marcelo Xavier

Conversão para e-book

Filigrana

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

R735c

Rosnay, Tatiana de

A casa que amei [recurso eletrônico] / Tatiana de Rosnay ; tradução Catharina Epprecht. - Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

recurso digital

Tradução de: *The house I loved*

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

192p. ISBN 978-85-8105-123-9 (recurso eletrônico)

1. Romance francês 2. Livros eletrônicos. I. Epprecht, Catharina. II. Título.

12-8796. CDD: 843

CDU: 821.133.1-3

Sumário

Capa

Folha de rosto

Créditos

[Sumário](#)

Dedicatória

Agradecimentos

Epígrafe

Nota da autora

Glossário

Querido

No dia em que a carta chegou

Não durmo tão mal aqui

Mas volto ao dia em que a carta chegou

A barulheira que havia lá fora

Fiquei tão concentrada em lhe escrever

Gilbert é a única pessoa

Tenho um tesouro comigo

Gilbert se foi

Você se lembra do primeiro chamado

Amor do meu coração, querida Rose

Quando penso na sala de estar

Minha adorada Rose

Noite passada não dormi bem

Irmã querida

É um belo alívio

Acabo de levar o maior susto

Há um vidro quebrado

Querida mamã

Mesmo a caligrafia dela

Minha muito querida Violette

Não pude deixar de rir

Nos meus sonhos

Mãezinha

Sinto uma mão gelada

1849

Rose do meu coração

Precisei imensamente de uma pausa

Gilbert me interrompeu

Sáímos em uma espécie

Escrevi agora há pouco

Tenho tido os sonhos mais estranhos

Minha muito querida madame Rose

Quase não sinto dor essa manhã

Há um amontoado de livros

Aos poucos, comecei a passar

Pouco a pouco

Minha cara madame Rose

Senti outra vez a mão gelada

Minha querida madame Rose

Eu aqui embaixo

Apesar do frio tremendo

Monsieur

Na calada da noite

Logo os trabalhos recomeçariam

Nunca soube seu nome todo

Essa manhã Gilbert voltou

O garotinho ainda era pequeno

Essa casa é como meu corpo

Eles e seus barulhos se agitam

Le Petit Journal, 28 de janeiro de 1869

Para minha mãe, Stella, e para NJ, meu dono de casa

Agradecimentos

Agradeço primeiramente ao historiador Didier Le Fur, que me introduziu no universo da Bibliothèque Nationale, e a Véronique Vallauri, cuja loja de flores inspirou a de Alexandrine. Obrigada a toda a equipe da Éditions Héloïse d’Ormesson.

Paris talhou a golpes de sabre, as veias abertas.

Émile Zola, *La Curée*, 1871

A velha Paris não existe mais (a forma de uma cidade muda mais rápido, que pena!, que o coração de um mortal).

Charles Baudelaire, “O cisne”, 1861

Desejo que tudo isso fique marcado em meu corpo quando eu estiver morto. Acredito nessa cartografia — a de estarmos

marcados pela natureza e não simplesmente colocarmos nossa etiqueta em um mapa, como homens e mulheres ricos cujos

nomes são estampados em prédios.

Michael Ondaatje, *O paciente inglês*

Nota da autora

Nascida e criada como parisiense, amo minha cidade como a maior parte das pessoas que aqui nasceram. Sempre fui fascinada por sua riqueza e sua história. Entre 1852 e 1870, Napoleão III e o barão de Haussmann levaram a Paris uma nova modernidade havia muito necessária. Deram à cidade a forma que tem hoje.

Mas eu costumava me perguntar o que teria sido para um parisiense testemunhar todas aquelas mudanças. Como deve ter sido perder uma casa adorada, como acontece com Rose, nossa protagonista. Aqueles 18 anos de “embelezamento”, antes de a cidade ser revirada pela Comuna de Paris, foram sem dúvida um inferno para os parisienses. Zola descreveu com maestria o período e o criticou em *La Curée*. Victor Hugo e Baudelaire também expressaram seu desagrado, assim como os irmãos Goncourt. Mas por maior rancor que guardassem de Haussmann, seu trabalho foi essencial

para a criação de uma Paris realmente moderna.

Tomei algumas pequenas liberdades em relação a datas e lugares neste romance. No entanto, as *rues* Childebert, Erfurth, Taranne e Sainte-Marguerite existiram de fato 140 anos atrás em Saint-Germain-des-Prés. Também estavam lá a praça Gozlin, a *rue* Beurrière, a passagem/galeria Saint-Benoît e a *rue* Sainte-Marthe.

Da próxima vez que você for a Paris e caminhar pelo boulevard Saint-Germain, vá à esquina da *rue* du Dragon em frente ao café de Flore e vai perceber prédios antigos alinhados, ainda de pé entre as construções em estilo Haussmann. São vestígios da antiga *rue* Taranne, onde a fictícia baronesa de Vresse morava. Um famoso designer americano tem sua loja mais importante ali e ela poderia muito bem ser a casa da baronesa. Dê uma olhada por dentro.

Subindo a *rue* des Ciseaux em direção à igreja, tente ignorar a grande avenida barulhenta a sua frente e imagine a pequena e estreita *rue* Erfurth levando direto à *rue* Childebert, exatamente onde hoje, à esquerda, fica a entrada da estação do metrô de Saint-Germain-des-Prés. Se você topar com uma sexagenária grisalha e vistosa de braço dado com uma moça morena e alta, talvez tenha acabado de ver Rose e Alexandrine a caminho de casa.

TR

Paris, janeiro de 2011

Glossário

Arrondissement: subdivisões administrativas parisienses. São numerados do 1o ao 20o em forma de espiral a partir da *Île de la Cité*.

Bal Mabille: Salão de dança a céu aberto que, a partir de 1844, encantou Paris com suas árvores, aleias, gramados, um pavilhão para dias de chuva e 3 mil pontos de iluminação a gás, entre postes, luminárias e guirlandas iluminadas.

Barrière Montparnasse: no século XVIII, a capital francesa tinha várias dessas barreiras fiscais, posicionadas em trechos de muradas que delimitavam a cidade e os *arrondissements*. Com o

tempo foram caindo em desuso, e os muros, destruídos.

Bonheur du jour: literalmente “alegria do dia”, escrivanhinha feminina decorada, em geral com as pernas entalhadas e de belas curvas, muito na moda na segunda metade do século XVIII.

Bouillabaisse: sopa de peixe e ervas típica da culinária francesa.

Eau de vie: destilado de frutas e cereais.

Fada verde (*fée verte*): absinto

Faubourg: termo antigo para periferia ou subúrbio. Os *faubourgs* eram regiões fora do centro da cidade. Hoje, com o crescimento de Paris, há ruas dos antigos *faubourgs* que se encontram na capital e não em seus arredores.

Gendarmes: guardas (contração de *gens d’arme*, literalmente gente de arma).

Hôtel: casarão, não necessariamente um local de hospedagem. Hoje, muitos são museus ou endereços comerciais/administrativos, como é o caso do Hôtel de Ville, onde funciona a prefeitura de Paris.

Île de la Cité (Ilha da Cidade) e *Île St. Louis* (Ilha S. Luís): duas ilhas fluviais do Sena no coração de Paris.

Invalides ou Hôtel de Invalides: literalmente “casarão dos inválidos”, é um palácio que desde o século XVII abriga e presta homenagem a inválidos de guerra. Inicialmente, além do asilo, encerrava um hospital militar e uma igreja. Com o tempo ganhou museus militares.

Loire: é o rio mais longo da França, com nascente no Maciço Central e foz no Atlântico. A região do Vale do Loire é conhecida por seus parques e castelos.

Marais: vizinhança parisiense perto do 3o e do 4o *arrondissements*. Por alguns séculos, foi o bairro judeu da cidade.

Merovíngia: dinastia que governou as tribos francas por mais de três séculos, sendo destronada no século XVIII pela dinastia carolíngia, cujo governante mais conhecido foi Carlos Magno.

Midi: literalmente meio-dia, mas também se refere à parte sul da França, com clima mais quente.

Passage: as chamadas “passagens” podem ser de fato passagens pelo interior de um prédio, dando

para outra rua, ou apenas galerias. A capital francesa é famosa por suas belas *passages*, como as *passages* Verdeau e Jouffroy e a *galerie* Vivienne.

Péniche: barca para navegação fluvial. Como importante via de transporte, o rio Sena sempre teve muitas *péniches* fazendo navegação. Hoje, muitas ancoradas ao longo do rio são apenas para passeio.

Relógio de ormolu: relógio de cornija feito com bronze e pó de ouro.

Rive Droite (à direita do rio, ou margem direita) e *Rive Gauche* (margem esquerda): como Paris é dividida pelo rio Sena, é comum mencionar um dos lados da cidade como localização. A partir do século XX, a *Rive Droite* ficou associada a um estilo de vida elegante e endinheirado, e a *Rive Gauche*, às artes e à boemia.

Querido,

Posso ouvi-los subindo nossa rua. É um estrondo sinistro, estranho. Pancadas e batidas repetitivas. O chão trêmulo sob meus pés. Também há berros. Vozes de homens, altas e animadas. O relincho de cavalos, o sapateado de seus cascos. O som é de batalha, como naquele julho quente e medonho em que nossa filha nasceu, ou naquela época sangrenta em que barricadas foram erguidas por toda a cidade. O cheiro é de batalha. Nuvens sufocantes de poeira. Uma fumaça acre. Sujeira e escombros. Soube que o *Hôtel* Belfort foi destruído, foi Gilbert quem me contou. Mal consigo pensar nisso. Nem vou. Fico aliviada que *madame* Paccard não esteja aqui para ver isso tudo.

Escrevo a você sentada na cozinha. Está vazia, os móveis foram encaixotados e mandados para a cidade de Tours, com Violette. Deixaram a mesa para trás, era muito grandalhona, assim como o pesado fogão esmaltado. Estavam com pressa e eu assisti à mudança contrariada. Odiei cada minuto. A casa rapidamente destrinchada de todos os seus pertences. A sua casa. Que você pensava estar a salvo. Ah, meu amor, não tenha medo. Nunca vou sair daqui.

De manhã o sol entra pela cozinha, algo de que sempre gostei nesse cômodo. Agora está tudo tão triste, sem Mariette correndo de lá para cá, o rosto avermelhado pelo calor do forno, ou Germaine

resmungando e arrumando os fiapos de cabelo que escapavam de seu coque apertado. Não preciso me esforçar para sentir o cheiro do ensopado de Mariette tomando toda a casa. Nossa cozinha outrora alegre está agora vazia e tristonha sem as panelas e caçarolas brilhantes, mantidas impecavelmente limpas por Germaine, sem os temperos e especiarias em seus potes de vidro, os legumes frescos vindos do mercado, o pão quentinho na tábua de corte.

Lembro da manhã em que a carta chegou, ano passado. Era sexta-feira. Eu estava na sala, perto da janela, e lia *Le Petit Journal* bebericando meu chá. Gosto desse momento tranquilo antes de o dia começar. Não foi o carteiro de sempre que a trouxe. Esse, eu nunca tinha visto. Era um sujeito alto e ossudo, seu cabelo louro debaixo de um boné verde achatado. A camisa de algodão azul e gola vermelha parecia grande demais para ele. De onde eu estava, cheguei a vê-lo acenar alegremente, a mão diante do boné, e depois entregar a carta a Germaine. Então se foi e pude ouvir seu assovio manso enquanto seguia pela rua.

Ainda era cedo e eu tinha tomado o café da manhã um pouco antes. Depois de um golinho no chá, voltei ao jornal. Não se falava em outra coisa nos últimos meses que não a Exposição Universal. Todo dia, 7 mil estrangeiros brotavam nas grandes avenidas. Um turbilhão de convidados ilustres: Alexandre II da Rússia, Bismarck, o quediwa do Egito. Um imenso triunfo para nosso imperador. Ouvi Germaine subir as escadas, o farfalhar de seu vestido. Não recebo muitas cartas. Em geral, uma carta de nossa filha, de tempos em tempos, quando ela se lembra de mostrar dedicação. Ou talvez de meu genro, pelo mesmo motivo. Às vezes, um cartão de meu irmão Émile, ou da baronesa de Vresse, em Biarritz, na costa, onde ela passa o verão. Além de contas e impostos de vez em quando.

Naquela manhã, era um envelope longo, branco. Fechado com um selo vermelho e espesso. Virei a carta. *Préfecture de Paris*. Hôtel de Ville.

E meu nome, impresso em grandes letras pretas. Abri. As palavras estavam claras, mas não consegui entender imediatamente, ainda que meus óculos de leitura estivessem bem na ponta do meu

nariz. Minhas mãos começaram a tremer tanto que tive de colocar o papel no colo e dar uma bela respirada. Depois de um tempo, tomei a carta nas mãos outra vez e me forcei a ler.

— O que foi, *madame* Rose? — murmurou Germaine. Ela deve ter visto meu rosto.

Coloquei a carta de volta no envelope. Fiquei de pé e alisei meu vestido com as palmas das mãos.

Um belo vestido azul-escuro com apenas o mínimo de babados para uma velha senhora como eu.

Você gostaria dele. Lembro-me do vestido e dos sapatos que eu usava no dia, chinelos de pano simples, meigos e femininos, e me lembro do grito de Germaine quando lhe contei o que dizia a carta.

Foi só mais tarde, bem mais tarde, que, sozinha no quarto, desabei na cama. Embora eu soubesse que um dia isso iria acontecer, foi um choque para mim. Aquela noite, quando todos em casa

dormiam, acendi uma vela e encontrei o mapa da cidade que você gostava de olhar. Com cuidado

para não deixar pingar cera, eu o abri na mesa da sala de jantar. Sim, eu podia ver o avanço

implacável da *rue* des Rennes, subindo da Estação de Montparnasse e germinando em nossa direção,

e ver o boulevard Saint-Germain, um monstro faminto, rastejando do rio em direção a oeste. Com os dedos trêmulos, tracei seus caminhos até que um dedo encontrasse o outro. Bem sobre a nossa rua.

Sim, meu amor, nossa rua.

Está gelado na cozinha, tenho de descer para pegar outro xale. Luvas também, mas só para a minha

mão esquerda, já que a direita segue escrevendo para você. Você achava que a proximidade da igreja

nos salvaria, meu amor. Você e o padre Levasque.

— Eles nunca vão tocar na igreja, nem nas casas a seu redor — zombava você, quinze anos atrás,

quando o prefeito do departamento do Sena foi indicado. E mesmo Hdepois de sabermos o que

aconteceria com a casa de meu irmão Émile, com a criação do boulevard de Sébastopol, ainda assim não nos assustamos:

— Estamos perto da igreja, ela vai nos proteger.

Costumo ir à igreja me sentar e pensar em você. Faz dez anos que você se foi. Um século para

mim. A igreja é tranquila e cheia de paz. Olho os pilares antigos, a tinta ressecada das pinturas.

Rezo. O padre Levasque me encontra e conversamos na penumbra silenciosa.

— Vai ser preciso mais que um prefeito ou um imperador para fazer mal à nossa vizinhança, *madame* Rose! A igreja está em segurança, assim como nós, seus afortunados vizinhos. Childebert, o rei merovíngio fundador de nossa igreja, olha por suas criaturas como uma mãe olha por seus filhos — sussurrava enfaticamente o padre.

Ele adora me lembrar quantas vezes a igreja foi pilhada, saqueada e queimada pelos normandos no século IX. Acho que foram três. Mas como vocês estavam enganados, meu amor.

A igreja estaria a salvo. Mas nossa casa, não. A casa que você amava.

No dia em que a carta chegou houve uma agitação, um pânico em nossa rua. *Monsieur* Zamaretti, o livreiro, e Alexandrine, a florista, vieram me ver. Haviam recebido a mesma carta da prefeitura, mas pude perceber que a notícia não era tão má para eles. Poderiam recomeçar seus negócios em outro lugar, não é? Sempre haveria lugar na cidade para uma livraria e uma loja de flores. Sim, seus olhos não ousaram encontrar os meus. Eles sentiam que era pior para mim. Como sua viúva, eu era dona desse lugar e alugava as duas lojas, uma para Alexandrine, outra para *monsieur* Zamaretti, como você fazia antes. O mesmo fazia seu pai antes de você, e o pai dele também. Eu sobrevivia dessa renda, era assim que eu pagava minhas contas. Até então.

Era um dia quente e úmido, lembro bem. Houve logo uma confusão na rua, com os vizinhos empunhando suas cartas. Uma coisa horrível. Naquela manhã, parecia que todos estavam na rua, vociferando em direção à *rue* Sainte-Marguerite. Lá estavam *monsieur* Jubert, da gráfica, com seu avental manchado de tinta, *madame* Godfin, herborista, na soleira de sua loja, e *monsieur* Bougrelle, encadernador de livros, baforejando a fumaça de seu cachimbo. *Mademoiselle* Vazembert, do armário, um tanto atirada (e que você não conheceu, graças a Deus), caminhava impaciente para lá e para cá sobre as pedras do calçamento, como se desfilasse seu vestido novo. Nossa encantadora vizinha, *madame* Barou, sorriu docemente ao me ver, mas percebi o quanto ela estava aflita.

Monsieur Monthier, que fazia chocolates, parecia estar chorando. *Monsieur* Helder, dono do

restaurante que você adorava, *Chez Paulette*, mordida os lábios nervosamente, seu bigode cheio mexendo-se para cima e para baixo.

Coloquei meu chapéu, afinal nunca saio de casa sem ele, mas, na ansiedade, muitos esqueceram os seus. O coque de *madame* Paccard estava prestes a desmoronar, pois ela balançava a cabeça furiosamente. O doutor Nonant, irado e também sem chapéu, chacoalhava o dedo em riste. Em dado momento, o dono da adega, *monsieur* Horace, conseguiu se fazer ouvir no meio da confusão. Ele não mudou muito desde que você nos deixou. Seu cabelo encaracolado e escuro talvez esteja um tanto mais grisalho e sua pança anda um pouquinho mais cheia, mas o jeito espalhafatoso e o riso alto continuam iguais. Os olhos de *monsieur* Horace chamejam, negros como carvão.

— Por que as senhoras e os senhores estão tagarelando aí fora? Isso não vai nos ajudar em nada! Ofereço a todos vocês uma rodada de bebida, mesmo àqueles que nunca vêm à minha adega. Ele se referia a Alexandrine, minha florista, que foge de álcool. Acho que certa vez ela me contou que seu pai morreu por conta do alcoolismo.

A loja de vinhos de *monsieur* Horace é úmida e tem um teto baixo, e não passou por reformas desde a época em que você estava entre nós. Fileiras e fileiras de garrafas alinhadas na parede, tonéis robustos de vinho sobre bancos de madeira. Ficamos em volta do balcão. *Mademoiselle* Vazembert e a armação de seu vestido ocuparam bastante espaço. Às vezes me pergunto como as senhoras conseguem ter uma vida normal dentro dessa geringonça desajeitada. Como será que sobem no cabriolé ou se sentam para jantar, como lidam com questões íntimas e fisiológicas? A imperatriz lida muito bem com isso, creio. Afinal ela é mimada por damas de companhia que atendem a cada necessidade e capricho seus. Fico feliz em ser uma velha senhora de quase 60. Não tenho que seguir a moda, me preocupar com a forma do meu corpete, das minhas saias. Mas estou divagando, não estou, Armand? Que eu siga adiante com a história. Meus dedos estão cada vez mais gelados. Logo terei de fazer um chá para me aquecer.

Monsieur Horace nos serviu conhaque *eau de vie* em copos surpreendentemente delicados. Não

toquei o meu, Alexandrine tampouco. Mas ninguém notou. Havia muita coisa acontecendo ali. As pessoas comparavam as cartas recebidas. Todas tinham o mesmo cabeçalho: Ordem de expropriação por decreto. Todos receberíamos determinada quantia em dinheiro, de acordo com a propriedade e a situação. Nossa pequena rua, a *rue* Childebert, seria totalmente demolida a fim de ser construída a continuação da *rue* de Rennes e a do boulevard Saint-Germain.

Naquela manhã, senti que estava a seu lado, aí em cima, ou seja lá onde você esteja agora, e que eu via aquela agitação toda a distância. De alguma forma, isso me protegeu. Assim, foi envolta em uma espécie de torpor que ouvi meus vizinhos e vi suas diferentes reações. A testa de *monsieur* Zamaretti suava e ele a secava levemente com um de seus elegantes lenços de seda. Alexandrine estava impassível.

— Tenho um excelente advogado. Ele vai me tirar dessa. É um absurdo pensar em abandonar a minha gráfica. Tem dez pessoas trabalhando para mim. O prefeito não vai dar a última palavra — disse *monsieur* Jubert, bebendo o conhaque, os dedos sujos de tinta azul.

Com um balanço sedutor de sua anágua cheia de babados, *mademoiselle* Vazembert interveio:

— Mas o que podemos fazer contra o prefeito, contra o imperador, *monsieur*? Há 15 anos eles estão destruindo a cidade. Não temos como impedir.

Madame Godfin balançou a cabeça, seu nariz bem vermelho. Então *monsieur* Bougrelle disse bem alto, dando um susto em todos nós:

— Talvez possamos ganhar dinheiro em cima disso. Muito dinheiro. Se soubermos dar as cartadas certas.

A adega estava nebulosa de tanta fumaça. Meus olhos ardiam.

— Tenha dó, meu bom homem — desdenhou *monsieur* Monthier, que ao menos parou de fungar.

— O poder do prefeito e o poder do imperador são inabaláveis. A essa altura do campeonato, já testemunhamos o suficiente para saber disso.

— Que tristeza — suspirou *monsieur* Helder, com a cara muito avermelhada.

Em silêncio, apenas os olhando e ao lado de uma Alexandrine tão silenciosa quanto eu, percebi que os mais raivosos de todos eram *madame* Paccard, *monsieur* Helder e o doutor Nonant. Não há dúvida de que eram os que mais tinham a perder. O *Chez Paulette* tem vinte mesas e *monsieur* Helder tem toda uma equipe empregada em seu maravilhoso restaurante. Você se lembra de como ele nunca estava vazio? Como os clientes vinham de toda a *Rive Droite* para experimentar seu guisado delicioso? O Hôtel Belfort se posta orgulhosamente na esquina das *rues* Bonaparte e Childebert e ostenta 16 quartos, 36 janelas, cinco andares e um excelente restaurante. Para *madame* Paccard, perder o hotel significa perder a fortuna de uma vida inteira, tudo aquilo por que ela e seu falecido marido batalharam. O início foi duro, eu sei. Eles trabalhavam dia e noite para restaurar o lugar e deixá-lo especial, como é hoje. Nos preparativos para a Exposição Universal, seus quartos ficaram lotados durante semanas.

Quanto ao doutor Nonant, eu nunca o tinha visto tão irado. Seu rosto normalmente calmo agora estava em fúria.

— Vou perder todos os meus pacientes, toda a minha clientela, tudo o que construí ano após ano. É fácil chegar ao meu consultório, fica no térreo, sem escadas para subir, minha sala é ensolarada, ampla, meus pacientes gostam dela. Estou a um passo do hospital em que atendo, na *rue* Jacob. O que vou fazer agora? Como o prefeito pode pensar que eu ficarei satisfeito com essa quantia ridícula? Sabe, Armand, era um sentimento estranho, o de estar dentro daquele lugar ouvindo os outros e sabendo que, no fundo, eu não partilhava de sua ira. Eu não estava preocupada. Eles bradavam sobre dinheiro. E todos me olhavam, esperando que eu falasse alguma coisa, que expressasse meus próprios medos, na condição de viúva, de perder minhas duas lojas e, assim, minha renda. Ah, meu amor, como eu poderia explicar a eles? Como poderia começar a contar a eles o que aquilo significava para mim? Minha dor e meu sofrimento estavam em outra realidade. Não no dinheiro. Não. Era algo além de dinheiro. O que eu via, na minha imaginação, era a casa. Nossa casa. Como você a amava e o que ela significava para nós.

No meio da algazarra, *madame* Chanteloup, a corpulenta lavadeira da *rue* des Ciseaux, e *monsieur* Presson, o vendedor de carvão, fizeram uma entrada triunfal. *Madame* Chanteloup, vermelha de tão agitada, anunciou ter uma cliente funcionária da prefeitura que vira uma cópia do layout de como ficaria a nova avenida. As ruas condenadas em nossa vizinhança eram: Childebert, Erfurth, Sainte-Marthe, Sainte-Marguerite, além da *passage* Saint-Benoit.

— O que significa que a minha lavanderia e a loja do *monsieur* Presson estão a salvo. A *rue* des Ciseaux não vai ser destruída! — disse ela empolgada.

Suspiros e gemidos se seguiram. *Mademoiselle* Vazembert a encarou com desdém e saiu rapidamente da loja, de nariz empinado. Os saltos de seu sapato podiam ser ouvidos no calçamento. Lembro de ter ficado chocada ao saber que a *rue* Sainte-Marguerite, onde nasci, também estava condenada. Mas a verdadeira ansiedade, a que me remoía e me enchia de um medo que não me deixou desde então, dizia respeito à destruição da nossa casa. A casa da *rue* Childebert.

Não era meio-dia ainda. Alguns já tinham bebido demais. *Monsieur* Monthier começou a chorar outra vez, soluços infantis que me deixaram emocionada ao mesmo tempo em que me incomodaram. De novo, o bigode de *monsieur* Helder levantava e abaixava. Voltei para casa, onde Germaine e Mariette me aguardavam ansiosamente. Queriam saber o que lhes aconteceria. A elas, a nós e à casa. Germaine havia ido ao mercado e lá todos falavam das cartas, das ordens de expropriação. E do que aconteceria com a vizinhança. O verdureiro, empurrando seu carrinho caindo aos pedaços, perguntou de mim. O que faria *madame* Rose? Para onde iria?, indagou. Tanto Germaine quanto Mariette estavam nervosas.

Tirei meu chapéu, minhas luvas e pedi calmamente a Mariette que preparasse o almoço. Algo simples e fresco. Já que era sexta-feira, um linguado talvez? Germaine abriu um sorriso largo, era o que tinha acabado de comprar do peixeiro. Ela e Mariette correram para a cozinha. Ainda com tranquilidade, eu me sentei e peguei *Le Petit Journal*, como faço todo dia. A diferença era que não comentava nada do que lia, meus dedos fraquejavam, meu coração batia como um tambor. Eu

pensava sobre o que *madame* Chanteloup havia dito. Sua rua estava a salvo. Ficava poucos metros adiante, no fim da *rue* Erfurth, e estaria a salvo. Como assim? Como era possível?

De noite, Alexandrine veio me ver. Ela queria conversar sobre o que havia acontecido de manhã e sobre o que eu sentia em relação à carta. Como de costume, ela entrou rápido, um vendaval de cachinhos e um xale negro fino, apesar do calor. Gentil mas firmemente, ela disse a Germaine que nos deixasse a sós e se sentou perto de mim.

Vou descrevê-la para você, Armand, já que a conheci um ano depois de sua morte. Eu gostaria que você a tivesse conhecido. Talvez ela seja o único raio de sol da minha triste vida desde que você me deixou. Nossa filha Violette não é nenhum raio de sol para mim, mas disso você já sabe, não é? Alexandrine Walcker substituiu *madame* Collévillé, já idosa, pois também trabalhava no mercado de flores. Tão nova, pensei, quando a vi pela primeira vez, nove anos atrás. Jovem e mandona. Mal tinha 20 anos. Caminhava com os pés pesados na loja, fazendo bico e avaliações mordazes. É verdade que *madame* Collévillé não deixou o local com a aparência das mais limpas. Nem das mais agradáveis, aliás. A loja e suas instalações nunca tinham estado tão escuras e sem graça quanto naquela manhã.

Alexandrine Walcker. Bem alta, com ossos fortes, além de um busto farto que pulava de seu corpete preto. Cara de lua cheia, redonda e pálida, o que primeiro me fez crer que era meio boba. Mas como eu estava errada. Assim que pousou seus olhos cintilantes cor de caramelo sobre mim, entendi tudo. Eles brilhavam de esperteza. Uma boquinha miúda que quase não sorria. Um nariz arrebitado e estranho. E uma juba de cachos castanhos reluzentes em um penteado elaborado no topo da cabeça redonda. Bonita? Não. Charmosa? Não exatamente. Havia algo de muito peculiar em *mademoiselle* Walcker, senti imediatamente. Esqueci de falar de sua voz. Fina e penetrante. Também tinha o hábito estranho de mexer os lábios como se chupasse uma bala. E até aquele momento eu não a tinha ouvido rir. Isso levou um tempo. O riso de Alexandrine Walcker é o som mais delicioso e saboroso que se pode ouvir. Como o burburinho de um chafariz.

Ela certamente não estava rindo quando viu a cozinha pequena e manchada e o quarto adjacente, tão úmidos que as paredes pareciam suar. Ela passou o dedo na umidade, olhou com ar de dúvida e disse com sua voz penetrante:

— Alguém já tentou dar um jeito nisso?

O advogado, sempre brando, contorceu as mãos nervosamente, não ousando me olhar nos olhos.

— Bem, o nosso plano era mexer nisso em algum momento — eu disse. — Mas *madame* Collévillé não parecia se importar com a umidade.

Alexandrine Walcker me olhou com desdém, arqueando as sobrancelhas.

— E a senhora é a proprietária, imagino, *madame*...

— Bazelet — gaguejei. Ai, meu querido, ela fez com que eu me sentisse uma tonta completa.

— Bom, na minha opinião, são os proprietários que devem se preocupar com a questão da umidade. Afinal de contas, você também vive aqui, certo?

Sem sequer esperar minha resposta, ela caminhou cuidadosamente pelos degraus frágeis da escada que descia ao porão, onde *madame* Collévillé mantinha o estoque de flores. Não pareceu empolgada com nenhum aspecto do espaço, de modo que fiquei espantada quando nosso advogado disse que ela ficaria com a loja.

Assim que ela se mudou, houve uma transformação deslumbrante. Você se lembra de como a loja d e *madame* Collévillé sempre pareceu sombria, mesmo no meio da tarde? Como suas flores pareciam clássicas, sem muita cor e, devo admitir, sem graças? Um dia, Alexandrine chegou com uma equipe de operários, rapazes jovens e fortes que por toda a manhã fizeram a maior barulhada — pancadas, estrondos e risadas entusiasmadas —, a ponto de eu mandar Germaine ir lá verificar que confusão era aquela. Como Germaine acabou não voltando, eu mesma me aventurei escada abaixo. E já na soleira, fiquei chocada.

A loja estava que era só luz. Os trabalhadores se livraram das medonhas cortinas marrons de *madame* Collévillé, assim como dos acabamentos cinza. Eles esfregaram cada centímetro de mancha

ou umidade e estavam pintando as paredes de um branco luminoso. O assoalho estava todo polido e brilhava. As divisões que separavam a loja do quarto de trás foram para o chão, o que tornou o espaço duas vezes maior. Fui cumprimentada animadamente pelos jovens e entendi por que Germaine estava demorando para voltar. Era um belo grupo de rapazes. Todos alegres. *Mademoiselle* Walcker estava no porão, dando ordens a outro homem. De onde eu estava, ouvi sua voz estridente.

— Ah, pelo amor de Deus, rapaz, essa parte vai precisar de mais trabalho. Não me venha com suspiros, você sabe tanto quanto eu que o serviço não terminou. Então anda logo, vai. Não temos a manhã inteira.

Ao me ver, acenou com a cabeça, e foi tudo. Nem mesmo um “bom dia, *madame* Bazelet”. Percebi que não era muito bem-vinda e saí humilde como uma servente.

No dia seguinte, Germaine veio me contar, quase sem fôlego, que eu devia descer para dar uma espiada na loja. Ela parecia tão animada que deixei meu bordado de lado e a segui. Rosa! Era rosa, meu amor, um cor-de-rosa que você jamais poderia ter imaginado. Uma explosão de rosa. Rosa escuro do lado de fora, mas nada muito ousado ou ridículo, nada que fizesse nossa casa parecer imprópria. Uma placa simples e elegante do lado externo: “Flores. Encomendas para todas as ocasiões.” Os arranjos da vitrine eram adoráveis, belos como uma pintura, badulaques e flores, uma imensidão de bom gosto e feminilidade, tudo perfeito para instigar os olhos de uma mulher sedutora ou de um cavalheiro charmoso em busca de uma flor de lapela que lhe caísse bem. E do lado de dentro, meu querido, papel de parede cor-de-rosa, a última moda! Esplêndido! E tão encantador. Eu não entendia nada de flores, nem você, e o gosto monótono de *madame* Collévillé certamente não nos ensinou nada. A loja transbordava de flores, as mais lindas que já vi. Rosas divinas, das nuances mais inacreditáveis: magenta, carmim, dourado, marfim. Peônias deslumbrantes com botões pesados, levemente pendentes. E o perfume do lugar, meu amor, um aroma contagiante, de sonho, que se espalhava macio e puro como o toque da seda.

Parei, entrei, juntei as mãos espalmadas em frente ao peito como uma menina. Ela me olhou mais

uma vez, sem sorrir, mas captei uma faísca daqueles olhos astutos. Pelo leve movimento que fez com os lábios, parecia se divertir.

— Então minha senhoria aprova o rosa? — murmurou ela, rearrumando buquês com dedos rápidos e ágeis.

— É adorável, *mademoiselle*... Um rosa adorável.

Eu não sabia como lidar com essa jovem dama orgulhosa e irritadiça. De início, eu me sentia tímida na frente dela.

Foi só uma semana depois que Germaine veio à sala de estar com um cartão para mim. Cor-de-rosa, claro. E dele vinha o aroma mais delicado.

Madame Rose gostaria de uma xícara de chá?

AW.

Foi assim que nossa maravilhosa amizade começou, quase uma década atrás. Com rosas e uma xícara de chá.

Não durmo tão mal aqui. Mas até quando as noites são boas, o mesmo sonho me acorda.

É um momento rápido, mas infernal, quando volto a um instante de agonia que ainda não consigo contar e do qual você nunca soube.

Há trinta anos, sou presa desse pesadelo específico. Tenho de deitar bem quieta e esperar que as batidas do meu coração se acalmem. Por vezes, eu me sinto tão fraca, que tenho de recorrer a um copo d'água. Minha boca fica seca. Eu já tinha esse pesadelo na sua época, quando dormia ao seu lado, mas sempre consegui esconder de você.

Ano após ano, as mesmas imagens voltam, implacáveis. É difícil descrevê-las sem que o medo venha se esgueirar de volta para mim. Vejo as mãos abrindo a veneziana, a silhueta adentrando, o estalar da escada. Ele está na casa. Ai, meu Deus, ele está na casa. E um grito monstruoso brota dentro de mim.

Mas volto ao dia em que a carta chegou, no ano passado. Alexandrine queria

saber das minhas intenções. Ela me bombardeou de perguntas, e eu ficava em silêncio, bordando, em minha poltrona.

— Mas para onde você vai?, perguntou preocupada. — Para a casa da sua filha? Me parece a melhor opção. Quando você pensa em fazer isso? Posso ajudar de alguma forma?

Continuei calmamente o bordado, tentando não deixá-la perceber como eu me sentia tumultuada por dentro, o coração palpitando. Ela colocou a mão em meu braço e assim me forçou a olhar para ela. Sim, Alexandrine é desse tipo de pessoa. Exigia total atenção.

— *Madame* Rose, com certeza arrumarei outro lugar no novo *boulevard*. Não estou com medo. Pode levar um tempo, afinal, chegando aos meus 30, não sou tão nova assim, não é? E não tem nenhum marido na história!

Sorri diante da colocação. Eu sabia que ela era enérgica o suficiente para começar tudo de novo, com ou sem marido. Ela suspirou, puxando um cacho de cabelo.

— Estou de saco cheio de as pessoas perguntarem por que não tenho marido — resmungou furiosa, mas com a voz baixa para que Germaine não a escutasse do cômodo ao lado. — As pessoas deviam parar de me importunar com essas perguntas de casamento. Deviam mesmo. Envelhecer como senhorita não me importa a mínima, tenho minhas flores e tenho você, *madame* Rose.

Eu a escutei, como sempre faço. Acabei por me acostumar com sua voz aguda. Até gosto. Quando terminou de falar, eu lhe disse que não tinha nenhuma intenção de me mudar. Ela ficou chocada.

— Não. Eu vou continuar aqui. Nessa casa — falei, sem ser atingida por sua agitação.

Contei a Alexandrine o que essa casa significava para você, Armand. Expliquei que você nasceu aqui, assim como seu pai e o pai do seu pai. Contei que a casa tinha quase 150 anos e que diversas gerações dos Bazelet passaram por ela. Apenas a família Bazelet morou entre essas paredes, desde sua construção em 1715, quando a *rue* Childebert foi inaugurada.

Nos últimos anos, Alexandrine perguntava com frequência sobre você, e eu lhe mostrei duas fotos suas que estão sempre comigo. Uma sua em seu leito de morte, e a última de nós dois, alguns anos

antes de você partir, tirada pelo fotógrafo da *rue* Taranne. Nessa, você está com a mão em meu ombro e um olhar terrivelmente solene. Eu estou sentada à sua frente, usando um vestido *manteau*. Ela sabe que você era grande e alto, com cabelo castanho, olhos escuros e mãos poderosas. Conteí a ela como você era charmoso, como era gentil, apesar de forte, como ria macio, me enchendo de felicidade; como costumava escrever pequenos poemas para mim, escorregando-os para baixo do travesseiro, ou entre as minhas fitas, meus broches, e como eram preciosos para mim. Conteí a Alexandrine sobre sua fidelidade, sua honestidade e que jamais ouvi você dizer uma mentira. Falei de sua doença, de como ela se abateu sobre nós e aos poucos foi se apoderando, como um inseto comendo vagarosamente uma flor.

Nessa noite em que ela veio me ver, conteí à minha florista como a casa te deu esperanças nos últimos anos, tão difíceis. Estar na casa era a única maneira de você se sentir protegido. Você não via a possibilidade de sair daqui nem por um instante. E agora, uma década depois de sua morte, percebo que a casa tem o mesmo encantamento sobre mim. Você entende, pergunteí a ela, você percebe que essas paredes significam muito mais para mim do que qualquer quantia que o prefeito possa me dar?

E, como todas as vezes em que falo o nome do prefeito, liberei todo o meu desprezo e o meu veneno. Ele rasgou a *Île de la Cité* sem qualquer cuidado, destruiu seis igrejas e estripou o Quartier Latin só para conseguir aquelas linhas retas, aqueles *boulevards* monótonos que não terminam nunca, além de longos prédios cor de creme, todos idênticos, mais altos que nossas casas, uma combinação horrenda de vulgaridade e pretensão luxo. O luxo e a ostentação vazia em que o imperador chafurda e que eu abomino.

Alexandrine mordeu a isca, claro, como sempre fazia. Como era possível eu não ver que os trabalhos grandiosos feitos em nossa cidade eram necessários? O prefeito e o imperador pensaram em uma cidade limpa e moderna, com uma boa rede de esgoto, iluminação pública e água livre de contaminação. Como é que eu não enxergava isso? Como poderia discordar do progresso, da

limpeza, das questões sanitárias, do combate à cólera? (Diante daquela palavra, meu bem, eu vacilei, mas não disse nada, o coração mais uma vez palpitante...) Ela continuou com o discurso: hospitais novos, novas estações de trem, uma nova casa de ópera, prédios públicos, parques e distritos anexados, como eu poderia estar cega àquilo? Quantas vezes ela falou as palavras “novo” e “nova”? Lá pelas tantas, parei de escutá-la e ela foi embora, tão irritada quanto eu. Quando Alexandrine estava na porta, eu disse:

— Você é moça demais para entender como me sinto em relação à casa.

Pude perceber que ela queria falar mais alguma coisa, mas mordeu o lábio e se segurou para não dizer mais nada. Eu sabia do que se tratava. Eu podia ouvir as palavras não ditas: “E você é velha demais.”

É claro que ela estava certa. Sou velha demais. Mas não tão velha que tenha de abandonar a batalha e deixar de lutar pelo que quero.

A barulheira que havia lá fora cessou por um momento. Assim me sinto mais segura ao rondar a casa. Mas os homens logo estarão de volta. Minhas mãos tremem quando ponho o carvão na lareira ou pego um pouco de água. Eu me sinto frágil essa manhã, Armand. Sei que não tenho muito tempo. Tenho medo. Mas não do fim, meu amor. Tenho medo do tanto que preciso lhe dizer nessa carta. Esperei tempo demais. Covardemente. E me entristeço comigo mesma por isso.

Minha respiração sai como vapor enquanto lhe escrevo em nossa casa gelada e vazia. A pena no papel faz um som delicado, arranhado. A tinta preta reluz. Olho minha mão, minha pele curtida, enrugada. A aliança que você colocou no dedo da mão esquerda e que nunca tirei. O movimento do meu pulso. As voltas que cada letra dá. O tempo escorre, sem fim, ainda que eu saiba que cada minuto, cada segundo está sendo contado.

Como começar, Armand? Como começar? Do que você se lembra? No fim, você não reconhecia meu rosto. O doutor Nonant disse para eu não ficar triste, que aquilo não significava nada, mas era uma lenta agonia para você, querido, e também para mim. Você tinha um ar surpreso a cada vez que

ouvira minha voz: “Quem é essa mulher?”, eu escutava você murmurar apontando para mim enquanto eu ficava sentada perto da cama, rija. Quando isso acontecia, Germaine, segurando a bandeja do jantar, virava o rosto enrubescido.

Quando penso em você, não quero lembrar o lento declínio. Quero pensar nos dias felizes. Na época em que essa casa era cheia de vida, de amor e de luz. Quando ainda éramos jovens de corpo e alma. Quando a nossa cidade ainda não tinha sido desfigurada.

Estou com mais frio do que nunca. O que vai acontecer se eu pegar um resfriado? Se eu ficar doente? Tomo cuidado ao andar pelo quarto. Ninguém pode me ver. Sabe lá Deus quem pode estar do lado de fora, à espreita. Enquanto tomo uma bebida quente, penso no fatídico dia em que o imperador conheceu o prefeito em 1849. Sim, foi naquele ano, meu bem. Naquele mesmo ano terrível. Um ano de horror para nós dois. Não, não vou me alongar agora falando desse ano. Mas voltarei a ele quando tiver reunido coragem suficiente.

Há algum tempo li que o imperador e o prefeito se conheceram em um dos palácios presidenciais, e não consigo deixar de pensar no interessante contraste desse encontro. O prefeito com sua estatura alta e imponente, com seus ombros largos, o queixo barbado e aqueles olhos azuis penetrantes. O imperador, de pele tão clara, quase doente, sua figura frágil, bigode, cabelos negros. Li ainda que havia um grande mapa de Paris em uma parede inteira, riscado por linhas azuis, verdes e amarelas que passavam pela cidade como artérias. Progresso necessário, informavam-nos.

Foi há cerca de 20 anos que se começou a imaginar, planejar e esquadrihar o embelezamento da cidade. Você me mostrou no jornal o imperador e seus sonhos de uma nova Paris, inspirada em Londres, com suas grandes avenidas. Nem eu nem você jamais estivemos em Londres, não sabíamos o que o imperador queria dizer com aquilo. Nós dois, ambos parisienses, nascidos e criados por aqui, amávamos a cidade como ela era. Você veio ao mundo na *rue Childebert*, e eu, oito anos mais tarde, na *Sainte-Marguerite*. Nós mal viajavamos, saíamos pouco da nossa cidade, da nossa área. Nosso reino eram os jardins de Luxemburgo.

Sete anos atrás, eu, Alexandrine e a maior parte de nossos vizinhos caminhamos para o outro lado do rio até a *place* de la Madeleine, para a abertura do novo *boulevard* Malesherbes. Fazia três anos que você havia nos deixado, e você não imaginaria a pompa e circunstância do evento. Creio que teria ficado irritado. Era um dia de verão fervilhante e cheio de poeira, e havia uma multidão suando sob as roupas finas. Por horas, fomos empurrados e apertados contra a Guarda Imperial que se alinhava ao longo da rua. Eu quis voltar logo para casa, mas Alexandrine sussurrou que aquela era uma cena importante para um parisiense testemunhar.

Por fim, chegou o imperador, aquele homem insignificante. E mesmo de longe pude notar que sua pele tinha algo de amarelado, uma cor pouco saudável. Não era a primeira vez que eu o via ao vivo, como você deve se recordar. (Lembra-se das ruas cheias de flores depois de seu golpe de Estado?) Enquanto isso, o prefeito esperava pacientemente debaixo de uma tenda enorme sob um sol inclemente. Também não era a primeira vez que eu via o prefeito, pois, assim como o imperador, ele gostava de desfilas e de ter seu retrato em todos os jornais. Depois de oito anos de demolições, qualquer parisiense sabia bem qual era a aparência do prefeito. Ou do barão, como você gostava de chamá-lo. Foram feitos longos discursos de autoelogio, apesar do calor acachapante. Os dois homens saudavam um ao outro muitas e muitas vezes, e outros homens eram chamados à tenda, o que os fazia se sentir mais importantes. A cortina gigantesca que tapava a visão do *boulevard* se abriu majestosamente. A plateia comemorou e bateu palmas. Eu não.

Eu já sabia que aquele senhor alto, barbudo e de queixo horrível iria se tornar meu pior inimigo. Fiquei tão concentrada em lhe escrever essa carta, que não ouvi Gilbert bater na porta. Temos um código: duas batidas rápidas e uma arranhada mais longa com a ponta de seu gancho. Acho que você não chegou a ver esse homem especificamente, ainda que gostasse de conversar com alguns esfarrapados no mercado quando nossa filha era pequena. Com o cuidado de sempre para não ser percebida, me levantei para abrir a porta. Já passou do meio-dia, e daqui a pouco os operários voltarão com o barulho trovejante dessa empreitada assassina. A porta range,

como sempre, pelo menos desde a primeira vez em que coloquei os pés nessa casa, ao seu lado, tantos e tantos anos atrás.

Num primeiro relance, dá até medo olhar para Gilbert. Alto, excessivamente magro, preto de sujeira e fuligem, um cabelo emaranhado e um rosto que é um bando de rugas retorcidas, como a casca de uma árvore. Os dentes são poucos e amarelados, os olhos, verdes brilhantes. Ele entra e traz junto seu fedor, mas agora estou acostumada. É uma mistura estranha, mas reconfortante de aguardente, tabaco e suor. Sua longa capa preta, que passa varrendo o chão, está em farrapos. Ele tem uma postura reta, apesar da cesta pesada presa às suas costas. Sei que guarda todos os seus tesouros nela, todos os pedaços e cacarecos que garimpa cuidadosamente nas ruas de madrugada, lampião numa mão e gancho na outra: barbantes, fitas antigas, moedas, metais, cobs, guimbas de cigarro, cascas de frutas e legumes, broches, pedaços de papel, flores secas. E comida, claro, além de água.

Aprendi a não torcer o nariz para o que ele me traz. Dividimos uma refeição rápida, que comemos com as mãos. Não é nenhuma iguaria. E apenas uma refeição por dia. Com o inverno avançando, é cada vez mais difícil encontrar carvão para aquecer nosso escasso banquete. Eu fico pensando como ele encontra comida, como a traz até aqui, nessa região que agora mais parece uma praça de guerra. Quando pergunto, ele não responde. Às vezes lhe dou algumas moedas, da bolsinha de veludo que ainda guardo comigo o tempo todo, com carinho e cuidado, e em que está tudo o que tenho.

As mãos de Gilbert são sujas, mas especialmente elegantes, como as de um pianista, e apresenta dedos alongados e afilados. Ele nunca fala de si, de seu passado, de como foi parar nas ruas. Não tenho a menor ideia de sua idade. E sabe-se lá onde dorme ou há quanto tempo vem levando essa vida. Eu o conheci cinco ou seis anos atrás. Imagino que ele more perto da *barrière* Montparnasse, onde os maltrapilhos acampam em uma terra de ninguém cheia de barracos, e de onde eles descem pelos jardins de Luxemburgo até o mercado de Saint-Sulpice.

A primeira vez que o notei foi por sua altura e sua estranha cartola, obviamente jogada fora por

algum cavalheiro, um acessório surrado e furado, que balançava no alto de sua cabeça, como um morcego ferido. Ele esticou a palma da mão por algum trocado, abrindo um sorriso largo e sem dentes e brilhando seus olhos verdes. Havia nele algo de amigável e respeitoso, o que foi uma surpresa, afinal essas pessoas podem ser agressivas e grosseiras, como você bem sabe. O jeito bondoso e educado de Gilbert me tocou. Por isso, dei-lhe algumas moedas e segui para casa.

No dia seguinte, fiquei surpresa ao vê-lo no chafariz da minha rua. Devia ter me seguido. Trazia um cravo vermelho na mão, provavelmente uma flor caída de um buquê.

— Para a senhora, *madame* — disse. Ao caminhar em minha direção, percebi sua postura peculiar. Vi que mancava de uma perna, esticada, o que lhe dava a pose desajeitada de um dançarino grotesco. — Com os cumprimentos humildes e dedicados de Gilbert, seu criado.

Tirou a cartola, revelando os cabelos emaranhados, e fez uma reverência até o chão, como se eu fosse a imperatriz em pessoa.

Gilbert é a única pessoa com quem falo esses dias. É uma época de isolamento e discórdia, e pensei que fosse ser mais difícil para mim. Minha vida mimada como sua esposa e viúva, como dama do *faubourg* Saint-Germain, com empregada doméstica e cozinheira sob meu teto, não tornou a nova vida mais árdua. Talvez porque eu esperasse por isso. Não temo o desconforto, o frio, a sujeira.

A única coisa que temo é não ter tempo de dizer o que preciso revelar a você. É não ter tempo de explicar. Deixe-me tentar, então. Ouça. A verdade é que eu te amo, e naquela época em que você se esvaía da vida, não pude te contar. Não pude expressar meu amor nem meus segredos tão silenciosos. Sua doença impediu. Aos poucos, ano a ano, você se tornou um homem doente. Não aconteceu da noite para o dia, foi um processo lento. Mas, ao fim, você já não tinha paciência. Você não queria ouvir. Estava em outro mundo. Por vezes, sua mente tinha total clareza, em especial de manhã, e você voltava a ser o Armand de verdade, aquele de quem eu sentia tanta falta. Mas isso não durava. A confusão mental voltava de forma implacável, e eu perderia o contato com você — de novo.

Não tem importância, Armand. Sei que agora você está me ouvindo. Sei que é todo ouvido.

Gilbert, que estava dormindo ao calor do fogão esmaltado, interrompe minha escrita para contar sobre as demolições na vizinhança. O esplendoroso Hôtel Belfort, na nossa rua, foi ao chão. Não sobrou nada de lá, conta ele. Gilbert assistiu a tudo. Foi muito rápido. Uma porção de homens, armados com picaretas. Ouço horrorizada o que ele diz. *Madame* Paccard foi morar com a irmã em Sens. Nunca voltará a Paris. Partiu no outono, quando entendemos que não havia mais esperança. E continua Gilbert: a *rue* Childebert está vazia agora. Todos se foram. É uma terra fantasma, gelada. Não consigo pensar que nossa ruazinha animada vai ser reduzida a isso. Conteí a Gilbert que a primeira vez em que coloquei os pés nessa casa foi para comprar flores de *madame* Collévillé. Há uns quarenta anos. Eu tinha 19 anos. A história o diverte. Ele quer ouvir mais.

Lembro que era um dia de primavera. Maio. Uma daquelas manhãs frescas, douradas e promissoras. Minha mãe, num capricho, queria lírios do vale. Mandou-me à florista da *rue* Childebert porque não gostou dos botões brancos no mercado de flores.

Desde criança, sempre adorei as ruazinhas sombrias em volta da igreja. Eram tranquilas e silenciosas se comparadas ao alvoroço da *place* Gozlin, onde eu morava. Eu e meu irmão costumávamos passear nessa vizinhança, não era muito longe de casa. Havia menos tráfego por aqui, quase nenhuma carruagem. As pessoas faziam fila em torno do chafariz Erfurth, cumprimentando-se educadamente. As crianças brincavam contentes, vigiadas por suas governantas. Os lojistas conversavam longamente na soleira de suas portas. Às vezes se via um padre, em suas longas vestes negras, Bíblia debaixo do braço, correndo para a igreja. No verão, quando se deixavam as portas da igreja abertas, era possível ouvir as orações e os hinos até o fim da rua.

Quando entrei na floricultura, percebi que não estava sozinha. Um cavalheiro estava lá, alto e forte, de rosto fino e cabelo escuro. Usava um fraque azulado e um modelo de calça que só chegava aos joelhos. Também comprava lírios do vale. Esperei minha vez. E ele me ofereceu uma flor. Havia algo de tímido em seus olhos escuros.

Minhas bochechas queimaram. Sim, eu era bem recatada. Quando cheguei aos 14 ou 15 anos, passei a notar os homens me observando nas ruas, seus olhos em mim mais tempo do que o necessário. De início, isso me deixava sem graça. Eu tinha vontade de cruzar os braços na frente do corpo e esconder o rosto sob a touca. Até que me dei conta de que aquilo era o que acontecia com as meninas quando viravam mulheres. Um rapaz que eu sempre encontrava quando ia ao mercado com minha mãe acabou se apaixonando por mim. Era um jovem corpulento de rosto avermelhado que não me agradava. Minha mãe achou aquilo divertido e implicava comigo. Ela era uma tagarela expansiva, e eu costumava me esconder por trás de todo seu espalhafato.

Gilbert solta um risinho. Creio que esteja se divertindo com minha pequena história. Conto a ele como o tal homem alto seguiu me olhando, mais e mais. Naquele dia, eu usava um vestido marfim de gola bordada, um casaquinho de mangas bufantes, um xale e na cabeça uma touca com rendas e babados. Simples, mas bonita. Sim, creio que eu fosse agradável aos olhos, digo a Gilbert. Cintura marcada (que mantive ao longo dos anos), cabelos pesados, cor de mel, e bochechas rosadas. Fiquei me perguntando por que o jovem cavalheiro não saía da loja, por que continuava lá. Esperou que eu fizesse meu pedido e, quando saí, segurou a porta aberta para mim e me seguiu até a rua.

— Perdoe-me, *mademoiselle*, mas espero que visite a loja outras vezes. — Tinha uma voz grave e profunda, que logo achei bonita. Eu não sabia o que dizer, só conseguia olhar as flores brancas. — Moro logo ali — e apontou uma fileira de janelas acima de nós. — Essa casa aqui é da minha família.

Disse isso com um orgulho simples. Olhei para a fachada de pedra clara. Era um prédio alto, antigo e quadrado, com telhas de ardósia, que ia até a esquina da *rue* Childebert com a *rue* Erfurth, em frente ao chafariz. Havia de fato algo de majestoso. Contei três andares, cada qual com quatro janelas de venezianas cinza, com a sacada com grades de ferro trabalhado, a não ser por duas janelas de água-furtada. A porta logo atrás do cavalheiro era verde-escura. Acima do batedor de porta, que

tinha a forma de uma mão feminina segurando uma pequena esfera, havia o nome “Bazelet”. (Eu ainda não o conhecia, não tinha a menor ideia de que aquele nome e aquela casa um dia seriam meus.)

“Da minha família”, dissera ele. Será que ele tinha mulher e filhos? Percebi que meu rosto estava ficando vermelho. Por que eu estaria me fazendo perguntas tão íntimas sobre aquele homem? Seus olhos escuros e intensos fizeram meu coração disparar. Aqueles olhos não se afastavam dos meus. Era ali que aquele homem encantador morava com sua “família”. Por trás daquelas paredes de pedra tão lisa, por trás da porta verde. Então percebi uma mulher que nos olhava. Estava à janela do primeiro andar, olhando para baixo, para nós, cada qual abraçado a suas flores. Ela era mais velha, vestia marrom e tinha o rosto cansado e enrugado, mas trazia um leve e agradável sorriso nos lábios. — É *maman* Odette — disse o cavalheiro, ainda com a mesma satisfação.

Pela primeira vez, o olhei bem. Ele devia ter cinco ou seis anos a mais que eu, talvez mais, e ainda havia jovialidade em seu rosto e em seu porte. Então ele vivia ali com sua mãe. Ele não falou em mulher nem filhos. Não havia aliança em seu dedo.

— Meu nome é Armand Bazelet — murmurou, acenando discretamente com a cabeça. — Creio que more pelas redondezas, já a vi antes.

Continuei muda. Fiz que sim, as bochechas mais vermelhas do que nunca.

— Perto da *place* Gozlin, imagino — continuou.

Consegui balançar a cabeça outra vez e dizer:

— Sim, eu moro lá com meus pais e meu irmão.

Ele sorriu.

— Por favor, diga-me seu nome, *mademoiselle*. — Ele parecia suplicar com o olhar, e eu quase ri de sua expressão.

— Meu nome é Rose.

Seu rosto se iluminou e ele desapareceu rapidamente dentro da loja. Um ou dois minutos depois, voltou acenando uma rosa branca:

— Uma linda rosa para uma linda dama.

Fiz uma pausa na história. Gilbert insistiu que eu continuasse.

Contei-lhe que ao chegar em casa, minha mãe quis saber quem me havia dado a flor.

— O incansável pretendente do mercado, talvez? — perguntou ela, em tom desdenhoso.

Respondi calmamente que tinha sido o *monsieur* Armand Bazelet, da *rue* Childebert, ao que ela apertou os lábios um contra o outro.

— Da família Bazelet? Daquelas propriedades?

Mas não lhe respondi e fui para meu quarto, que dava para a barulhenta *place* Gozlin, balançando a rosa e a passando em minhas bochechas, nos lábios, deleitando-me com sua textura aveludada e seu perfume delicioso.

Foi assim que você, Armand, meu amor, apareceu em minha vida.

Tenho um tesouro comigo. Um verdadeiro tesouro do qual jamais me desfarei. O que é?,

você poderia me perguntar. Minha roupa favorita? O vestido de seda cinza e lilás de que você tanto gostava? Não, não é nenhum dos vestidos que eu adorava. Mas admito que é terrível me desfazer das

minhas roupas. Descobri recentemente uma costureira incrível na *r u e* de l'Abbaye, *madame*

Jaquemelle, uma senhora encantadora de admirável bom gosto. Era um prazer fazer encomendas a

ela. Mas ao ver Germaine dobrando minhas vestes, me dei conta da fragilidade de nossa existência.

Nossas posses do dia a dia são meros nada, levados no turbilhão da indiferença. Lá estão nas

minhas malas, arrumadas por Germaine, meus vestidos, saias, xales, casaquinhos, jaquetas, toucas,

chapéus, roupas de baixo, meias, luvas, tudo prestes a ser encaminhado à casa de Violette, para ficar

à minha espera. Todas as roupas que nunca mais vou ver e que foram escolhidas com uma imensa

dedicação — ah, a hesitação entre duas cores, dois modelos, dois tecidos... Essas roupas eram tudo

para mim. E agora não importavam mais. Como mudamos rápido. Como evoluímos rápido, tanto

quanto um cata-vento com a chegada de uma brisa forte. Sim, sua Rose abriu mão das roupas

adoradas. Quase ouço sua reação de incredulidade.

Mas, então, o que será que eu guardo para mim numa caixa de sapatos em péssimo estado? Você quer saber, não é? Pois bem, são cartas! Cartas preciosas, muito preciosas. Uma dezena, ou mais, que para mim significam mais do que roupas. As primeiras cartas de amor que você me enviou. Sim, eu as guardei muito bem guardadas, por todos esses anos. Cartas de *maman* Odette. De Violette. De... Não vou falar o nome dele, não posso. De meu irmão, da baronesa de Vresse, de *madame* Paccard, de Alexandrine.

Veja só, eles estão todos a meu alcance. Por vezes, eu simplesmente coloco minha mão na caixa, um gesto reconfortante que me traz paz. Em outros momentos, tiro uma carta de lá e a leio, bem devagar, como se fosse pela primeira vez. Como uma carta é algo íntimo! A inclinação de uma caligrafia tem o mesmo poder de uma voz. O cheiro do papel faz meu coração bater mais forte. Viu, Armand, não estou sozinha aqui embaixo. Tenho todos vocês ao meu lado.

Gilbert se foi. Não volta até amanhã, imagino. Às vezes, ele dá uma passada ao anoitecer para ter certeza de que está tudo bem. Os sons inquietantes começaram outra vez e escrevo do abrigo que ele construiu para mim no porão da loja de Alexandrine, depois da portinha dos fundos da nossa despensa que levava à loja. Era onde ela estocava as flores, assim como *madame* Colléville fazia antes. É mais quentinho e aconchegante do que se esperaria. A princípio achei que a falta de janelas me faria sentir sufocada, mas logo me acostumei. Gilbert improvisou uma cama para mim, suficientemente confortável, com o colchão de penas do antigo quarto de Violette e um amontoado de cobertores de lã que aquecem bem.

Daqui debaixo as batidas e os sons de coisas se espatifando chegam abafados, menos aflitivos. Mas parecem estar mais perto a cada dia. Soube por Gilbert que começaram pela *rue* Sainte-Marthe e pela *passage* Saint-Benoit, onde eu costumava caminhar com meu irmão e onde você brincava quando era menino. Foi por lá que as picaretas deram início a seu trabalho horrendo. Eu não vi, mas posso muito bem imaginar o estrago. O bairro de sua infância foi destruído, meu coração. Também se foi o café tão peculiar em que você ia de manhã. Assim como a passagem sinuosa que levava à *rue*

Saint-Benoit, aquela viela escura e velha com calçamento de pedra irregular, onde um gato tigrado saltitava. Foram-se os gerânios cor-de-rosa das janelas, a meninada alegre correndo na rua. Tudo se foi.

Sinto-me em segurança aqui embaixo, nesse nicho da casa, com a chama bruxuleante da vela lançando sombras compridas à minha volta. Às vezes passa correndo um camundongo. Quando me aninho por aqui, perco a noção do tempo, do dia indo embora. A casa me ampara em um aconchego protetor. Em geral, espero os estrondos diminuírem e, quando tudo está em silêncio, me esgueiro lá para cima para esticar as pernas.

Como eu poderia deixar a casa, meu amor? Esse prédio alto e anguloso é a minha vida. Cada cômodo tem uma história. A minha história. A sua. Preciso escrever essas histórias nessas folhas de papel. Sinto um anseio fortíssimo, insaciável. Quero escrevê-las para que as palavras se mantenham fortes, com vida própria, e para que existam de verdade. Para que a história dessa casa e de seus moradores continue a existir para sempre. Para que não sejamos esquecidos. Sim, nós, os Bazelet da *rue Childebert*. Moramos aqui e apesar das peças que o destino nos pregou, aqui fomos felizes. E ninguém — pode escrever o que estou dizendo —, ninguém vai tirar isso de nós.

Você se lembra do primeiro chamado dos carregadores de água, antes de amanhecer, vindo em direção a nossa casa, quando ainda estávamos acordando na cama? Aqueles camaradas vigorosos caminhavam rua abaixo e cruzavam a *rue des Ciseaux*, puxando atrás deles um burro cansado que carregava os barris. Lembra-se do assobio constante dos varredores de rua e do badalar matinal dos sinos da igreja, tão próximo que parecia que os sinos tocavam dentro da nossa sala, e de como a igreja de Saint-Sulpice, logo ali, badalaria de volta, como um eco harmônico? Era o princípio do dia em nossa ruazinha. A caminhada de manhã com Germaine até o mercado, quando as pedras do calçamento ainda estavam frescas, quando as cloacas teriam sido esvaziadas de noite. O passo rápido descendo a *rue Sainte-Marguerite*, as lojas abrindo uma a uma com o tinido das portas de metal, passando pela *rue Montfaucon* até a praça quadrada cercada pelos prédios do mercado,

repleta de cheiros tentadores e um banquete para os olhos. Quando Violette era menina, eu a levava junto, assim como minha mãe fizera comigo na época dela. Eu levava o pequenino também, duas vezes por semana. (Ainda não consigo escrever sobre o pequenino. Deus que me perdoe! Que covarde eu sou.) Eu e você fomos nascidos e criados entre o pináculo da igreja de Saint-Germain e as torres da igreja de Saint-Sulpice. Conhecemos essas redondezas como a palma da mão. Sabemos como o cheiro azedo e penetrante do rio pode subir pela *rue* des Saints-Pères quando o calor do verão é forte. Conhecemos a película brilhante de gelo que os jardins de Luxemburgo exibem no inverno. Sabemos como o trânsito fica complicado na *rue* Saint-Dominique e na *rue* Taranne, quando as senhoras elegantes saem para exibir os brasões de suas famílias em carros de aluguel, com os condutores dos cavalos lutando por espaço com os carrinhos de mercadorias supercheios e as charretes impacientes e lotadas. Apenas quem estava montado a cavalo conseguia passar facilmente pela aglomeração. Você se lembra, Armand, do ritmo de nossos tempos de jovem, um ritmo que não mudou depois que me tornei esposa, mãe e, enfim, viúva. Mesmo com os levantes que tomaram nossa cidade tantas vezes, por conta das crises políticas, e com todo o alvoroço, nossa forma de viver, a preocupação cotidiana com a cozinha, a faxina e os cuidados com a casa, nunca se alterou. Quando *maman* Odette ainda estava entre nós, se lembra de como ela era exigente quanto ao sabor de sua *bouillabaisse* e à qualidade de seus escargots, ainda que lá embaixo uma multidão furiosa protestasse nas ruas? E a preocupação extrema com a rouparia, o quão perfeitamente engomadas as roupas deveriam estar. Você se lembra do fim do dia? Jantar às 18h. Os lampiões na rua começavam a se acender um a um nas mãos do acendedor, que vivia assoviando. Nas noites de inverno ficávamos à chaminé. Germaine me trazia chá de camomila e às vezes você saboreava um pouquinho de licor. Como eram calmas e tranquilas aquelas noites... O lampejo da iluminação pública tremulava levemente, num brilho róseo e difuso, apaziguador. Você se concentrava em seu jogo de dominó, depois em sua leitura. Eu, em meu bordado. Só se ouviam a sua respiração profunda e o estalar das chamas. Sinto falta daquele anoitecer imperturbável, Armand. Com o avanço da escuridão e o fogo

enfraqecendo, nós nos recolhíamos. Germaine teria deixado a costumeira garrafa de água quente em nossa cama. E cada noite se transformaria despreocupadamente em uma manhã.

Vejo muito bem nossa sala de estar em meus pensamentos. Agora é apenas uma casca esvaziada, vazia como a cela de um monge, mas ainda a vejo como era antes. Esse foi o primeiro cômodo em que coloquei meus pés quando vim conhecer sua mãe. Com pé-direito alto, uma sala espaçosa, com papel de parede estampado de folhas verde-esmeralda, e uma lareira de pedra clara. Cortinas grossas de seda adamascada cor de bronze. Quatro janelas grandes, feitas com vidraças menores douradas, vermelhas e violetas, davam para a *rue* Childebert. De lá se via o chafariz Erfurth, onde todos os nossos vizinhos iam diariamente buscar água. Madeiras trabalhadas, um lustre delicado, maçanetas de cristal, entalhes refinados de cenas campestres ou de caçadas, tapetes suntuosos. Um cacto exótico ficava em um nicho. Na grande cornija, havia um busto de mármore de um jovem romano, um relógio de ormolu com o mostrador de horas laqueado e um par de candelabros brilhantes de pé de prata, encimados por uma redoma de vidro.

Naquele primeiro dia com sua mãe, quando fui visitá-la de tarde, fiquei imaginando você crescendo por aqui, como aconteceu com seu pai, que morreu quando você tinha 15 anos. O meu morreu quando eu tinha 2, em um acidente de cavalo. Não me lembro do meu pai e você não falava muito sobre o seu.

— Meu marido era impetuoso e irascível, mas Armand é um menino tão paciente. É de uma natureza mais doce e gentil — sussurrou-me *maman* Odette enquanto tomávamos café.

Sei que sua mãe me aceitou desde o início, desde o primeiro dia, desde que você nos apresentou. Ela usava um vestido de veludo avermelhado, com um corpete marcado e mangas evasê, e estava sentada em sua poltrona favorita, aquela grande e verde, com franjas, o tricô sobre os joelhos. Ela sorriu para mim com tamanha candura, que aqueceu meu coração.

— Então você tem um irmão, minha querida? Como ele se chama?

— Émile — respondi, enquanto você me passava um pedaço de brioche em um belo prato.

Seus olhos, Armand, nunca me deixavam, o que sua mãe percebia com imensa felicidade, os dedos gordinhos trabalhando no tricô.

Em poucos meses, ela se tornou uma segunda mãe para mim, mesmo antes de nos casarmos em Saint-Germain. Quando eu tinha 7 anos, minha mãe, Berthe, casou novamente, com um homem grosseiro e arrogante, Edouard Vaudin. Eu e Émile o detestávamos. Que infância desamparada tivemos na *place* Gozlin. Berthe e Edouard viviam apenas para si. Não se interessavam por nós. E *maman* Odette me deu o presente mais precioso: fez com que eu me sentisse amada. Sua mãe me tratava como se eu fosse sua própria filha. Eu e ela nos sentávamos por horas na sala a cada vez que eu ia visitá-la, e eu ouvia suas histórias, abobada. Ela contava histórias de quando você era mais jovem, falava de como gostava de você, seu filho único, de como era quando menino bem pequeno, depois um aluno brilhante e um filho leal, suportando Jules Bazelet e seus acessos de raiva.

Na primeira vez que você me beijou, estávamos nas escadas, perto do degrau que sempre range; não me recordo se estávamos subindo ou descendo, embora me lembre bem do primeiro beijo e dos rodopios que meu coração deu. Para um homem da sua idade, oito anos a mais que eu, você era acanhado. Mas eu gostava desse seu jeito, ele me confortava.

Quando eu ia visitar você e sua mãe, naquele comecinho, era como se toda a *rue* Childebert me desse boas-vindas assim que eu passasse da *rue* des Ciseaux para a *rue* Erfurth, e olhasse o flanco da igreja à minha frente. Era angustiante voltar à *place* Gozlin. Mas a afeição de sua mãe e seu amor fortalecedor eram como meu escudo. Minha mãe não partilhava nada comigo, estava preocupada demais com sua vida vazia, as festas e jantares que frequentava, o modelo de seu novo chapéu, o revirado de seu novo penteado. Eu e Émile aprendemos a nos virar sozinhos. Fizemos amizade com os lojistas e donos de café da *rue* du Four, enquanto esperávamos pela volta de nossa mãe para casa. Éramos conhecidos como os “pequenos Cadoux”, e nos ofereciam pães e doces quentinhos, recém-saídos do forno, caramelos e outras guloseimas. Os meninos Cadoux, bem-educados e pacatos, apavorados com seu padrasto escandaloso.

Eu não sabia o que significava “família” até que conhecesse você e *maman* Odette. Até que essa casa alta e quadrada de porta verde na esquina da *rue* Childebert se tornasse meu lar. Meu porto seguro.

Rue Childebert, 12 de junho de 1828

A mor do meu coração, querida Rose,

Essa manhã caminhei até o rio, sentei à margem por um tempinho e aproveitei o despertar do dia ensolarado. Vi as pêniches baforando fumaça para lá e para cá, fumaça que subia para o céu, e me senti um homem de sorte. Um homem de muita sorte por ter o seu amor. Não creio que meus pais se amassem, acredito que minha mãe aturava meu pai da melhor maneira possível, com uma coragem e generosidade que ninguém percebia, já que ela quase nunca reclamava.

*Quando penso na semana que vem, naquele momento sagrado, em como você será minha, sou tomado de alegria. Mal posso acreditar que você, a linda Rose Cadoux, vai se tornar legitimamente minha mulher. Fui à igreja de Saint-Germain muitas vezes; fui batizado lá, fui a missas, casamentos, batizados, velórios e conheço de cor cada centímetro da igreja. Mas agora, em poucos dias, sairei da igreja de braços dados com você pela primeira vez, com você, minha esposa, de braços dados em um dia glorioso e abençoado, em que me tornarei seu dedicado marido. Eu a levarei para a casa em que nasci, na *rue* Childebert, e passaremos pela porta verde, escada acima até o nosso quarto e mostrarei o quanto lhe adoro.*

Esperei por você toda a minha vida, Rose. E não é apenas sua beleza magnífica, sua distinção, mas também seu altruísmo, sua bondade, seu bom humor. Sua personalidade me arrebatou, seu riso, seu gosto pelas belas roupas, o jeito como você anda, o dourado de seus cabelos, o perfume de sua pele. Sim, estou perdidamente apaixonado. Jamais ameí assim. Eu estava pronto para uma mulher respeitosa, uma mulher que cuidasse de mim e da casa. Mas você é muito mais do que uma mulher comum. É completamente fora do comum.

*Essa casa da *rue* Childebert será o lar da nossa família, doce Rose. Serei o pai de seus filhos.*

Nossos filhos crescerão nessa vizinhança, como aconteceu comigo e com você. Quero, ao seu lado, vê-los crescer e desabrochar. E também a seu lado, nós todos abrigados por essas paredes, quero que os anos passem tranquilamente. Escrevo-lhe isso na sala de estar que em breve será sua. A casa será sua também. Tudo aqui dentro será seu. Essa será uma morada de amor.

Você é tão amada, Rose, profundamente. Você ainda é jovem, mas emana uma grande maturidade. Você sabe ouvir, sabe cuidar. E seus olhos, ah, a beleza tranquila, a força tranquila de seus olhos.

Não quero nunca me ver longe desses olhos, desses cabelos, desse sorriso. Logo, você será minha, de nome e de corpo. Conto os dias, e meu amor ardente por você queima dentro de mim como uma chama viva.

Para sempre seu,

Armand

Quando penso na sala de estar, não consigo tirar certas imagens da minha cabeça.

Muitas são felizes, claro. O momento em que subi as escadas, como sua noiva, a renda do vestido passando macia em meu rosto, meu pescoço, sua mão quente nas minhas costas. O murmúrio dos convidados, embora eu só tivesse olhos para você, meu marido. Na escuridão fresca de Saint-Germain sussurrei os votos, tímida demais até para olhar no seu rosto, envergonhada com o tanto de gente atrás de nós, com minha mãe e suas amigas elegantes, o vestido espalhafatoso dela, o chapéu exagerado.

Vejo a mim mesma, aquela menina de branco, segurando com força o pequeno buquê de rosas claras, de pé em frente à lareira, a aliança de ouro novinha no dedo. Uma mulher casada. *Madame Armand Bazelet*. A sala devia ter umas cinquenta pessoas. Champanhe e iguarias. Mas parecia que estávamos só nós dois. De tempos em tempos, seu olhar encontrava o meu, e eu me sentia em segurança, mais confiante do que jamais estive em toda a minha vida, segura por seu amor, por sua casa. Porque desde o princípio amei sua casa, assim como amei sua mãe. Como sua mãe, a casa me

abraçava. Me acolhia. Eu me deleitava com o cheiro peculiar daqui, a mistura de cera de abelha e linho fresco, além do aroma da culinária simples e gostosa.

Não há, porém, apenas memórias doces e serenas. Infelizmente. Algumas das lembranças são muito difíceis de fazer voltar, ainda mais agora. Sim, sou uma medrosa, Armand. Minha coragem vem aos poucos. Tenha paciência. Vamos começar com essa:

Você se lembra do dia em que voltávamos da viagem a Versailles com *maman* Odette, antes de Violette nascer, e descobrimos que a porta da frente havia sido forçada? Subimos as escadas correndo e descobrimos tudo nosso amontoado, nossos livros, roupas. Os móveis estavam revirados; a cozinha, uma bagunça. Havia pegadas de lama borrando o chão e os tapetes. O bracelete de ouro de *maman* Odette havia sido roubado, assim como meu anel de esmeralda e a sua abotoadura de platina. Seu cofre secreto perto da chaminé da lareira estava vazio. A polícia chegou, alguns homens fizeram buscas pela vizinhança, mas nunca recuperamos nossas coisas. Lembro o quanto você ficou chateado e que depois colocou uma nova tranca na porta, uma mais robusta.

Outra lembrança bem triste: a sala de estar me faz pensar na sua mãe. Tanto o dia em que a conheci como o dia em que ela morreu. Oito anos entre um acontecimento e o outro, o feliz e o terrível. No entanto, agora que escrevo aqui, mais de trinta anos depois, eles parecem bem próximos no tempo.

Violette tinha 5 anos, um monstrinho. *Maman* Odette era a única que dava conta dela, a única que a domava. Violette nunca tinha seus ataques de ira na frente de *maman* Odette, sempre me perguntei que mágica essa avó fazia. Talvez apenas me faltasse autoridade, talvez eu fosse uma mãe boazinha demais, frouxa. Na verdade, eu não sentia nenhuma inclinação natural por Violette. Foi o menininho, mais tarde, quem roubou meu coração. Eu aturava o temperamento de minha filha, herdado de seu avô paterno.

Aquele dia você não estava em casa, tinha ido ao advogado da família na *rue* de Rivoli. Não voltaria até tarde da noite, para o jantar. Nossa filha, como de costume, estava de mau humor, o rosto

torcido numa carranca inapropriada. Nada lhe agradava aquela manhã, nem sua boneca nova, nem um tentador pedaço de chocolate. E lá estava *maman* Odette em sua poltrona verde franjada, fazendo tudo o que podia para tirar um sorriso da netinha. Como ela era paciente e assertiva. Enquanto eu costurava, pensava que devia tê-la como exemplo de atitude maternal, com seu jeito sereno e firme, sem deixar de ser carinhosa. Como ela conseguia? Experiência, suponho. Anos e anos lidando com um marido instável.

Ainda me lembro do barulho da agulha batendo contra meu dedal de prata, e do “hm” ... tranquilo d e *maman* Odette enquanto acarinhava o cabelo da minha filha. Do silvo da lenha em brasa na lareira. Lá fora, de vez em quando, uma carruagem passava fazendo barulho, ou se ouviam os passos ritmados de alguém na rua. Uma manhã congelante de inverno. As calçadas estariam escorregadias para meu passeio com Violette, depois de sua soneca. Eu precisaria segurar bem sua mão, o que ela odiava. Eu tinha 27 anos e uma vida confortável e plácida. Você era um marido bom, carinhoso, às vezes um pouco avoado, e parecia estar envelhecendo mais rápido do que eu. Aparentava ser mais velho do que era, sendo que naquela época tinha 35 anos. Seus momentos de abstração não me incomodavam, eu até os julgava charmosos (você esquecia onde estavam as chaves ou que dia era), mas sua mãe sempre apontava que você já tinha falado uma determinada frase ou feito certa pergunta. Eu estava cerzindo uma meia gasta, absorta naquela tarefa. *Maman* Odette parou de murmurar. Foi aquele silêncio súbito que me fez levantar os olhos para o rosto de minha filha. Ela encarava sua avó e parecia fascinada, inclinando a cabeça para ver melhor. Só consegui ver as costas de minha sogra enquanto ela se inclinava mais para perto da menina, seus ombros redondos e sua cintura ampla sob o vestido de veludo cinza. Os olhos de Violette demonstravam curiosidade. O que estaria sua avó lhe contando? Qual seria sua expressão? Estaria fazendo uma careta engraçada? Eu dei um risinho e coloquei a meia de lado.

De repente, *maman* Odette deixou escapar um engasgo, um som horrível, chiado, como se um pedaço de comida estivesse entalado no fundo de sua garganta. Percebi que seu corpo estava caindo

lentamente para frente, em direção à Violette, que não se mexeu, uma estátua petrificada. Eu me lancei para frente o mais rápido que pude para pegar o braço de sua mãe e, enquanto seu rosto girava para mim, eu quase desmaiei de horror. Ela estava irreconhecível, lívida, seus olhos eram duas órbitas brancas tremelicando, a boca aberta. Do lábio inferior escorria um filete brilhante de saliva e ela deu uma segunda engasgada, só mais uma, e suas mãos rechonchudas tremeram fracas em direção ao busto. Então ela caiu de uma só vez em meus pés. Fiquei ali, chocada, incapaz de me mexer.

Apoiei meus dedos em meu peito e senti o coração bater com força.

Ela estava morta. Bastava olhar para saber, o corpo imóvel, o rosto esbranquiçado, aqueles olhos horríveis. Violette correu para se esconder em minhas saias, agarrando-se ao meu quadril e ao tecido grosso. Eu queria afastar os dedos que me apertavam e pedir ajuda, mas não conseguia me mexer. Simplesmente fiquei lá, aturdida. Precisei de algum tempo para recuperar as forças. Corri para a cozinha, assustando a empregada, enquanto Violette começava a chorar angustiada. Uivos longos e agudos, que machucavam meus ouvidos. Rezei para que ela se calasse.

Maman Odette estava morta e você não estava em casa. A empregada gritou ao ver o corpo no tapete. De alguma maneira, consegui reunir forças para dizer que ela se recompusesse e fosse buscar ajuda. E lá foi ela aos soluços. Eu continuei com a criança, que ainda berrava, sem conseguir olhar para o corpo. Minha sogra parecia totalmente bem no café da manhã. Teve bastante apetite para comer seus pãezinhos. Por que aquilo tinha acontecido? Como era possível? Ela não podia estar morta. O médico viria e a reanimaria. As lágrimas começaram a descer pelo meu rosto.

Afinal, chegou o médico, arrastando-se escada acima, carregando sua maleta preta. Estava ofegante ao abaixar e se ajoelhar para sentir, com dois dedos, a pulsação no pescoço de *maman* Odette. Ofegou ainda mais ao se deitar para encostar aquele velho ouvido no tórax dela. Balançou a cabeça grisalha e fechou os olhos de *maman* Odette. Acabou. Ela se foi.

Quando meu pai morreu, eu era bem criança, por isso não lembro. Sua mãe foi o primeiro de meus entes queridos a partir. Sua morte foi uma sombra para mim. Como eu seguiria em frente sem seu

sorriso, o som de sua voz, seus caprichos, seu riso suave? Como que para me provocar, objetos por toda a casa me lembravam dela constantemente. Seus leques, suas toucas, sua coleção de miniaturas de animais em marfim. As luvas com suas iniciais, a Bíblia que não saía de sua bolsa. Os sachês de lavanda que ela escondia aqui e ali, seu perfume encantador.

Pouco a pouco, a sala se adensou de gente. O padre que nos casou veio aqui e tentou me confortar, em vão. Os vizinhos começavam a se juntar na porta de casa. *Madame* Collévillé estava em prantos. Todos tinham carinho por *maman* Odette.

— Foi o coração, sem dúvida — informou o doutor, enquanto o corpo de minha sogra era levado para o quarto dela. — Onde está o seu marido?

Todos perguntavam onde você estava. Alguém se ofereceu para lhe levar um recado. Creio que tenha sido *madame* Paccard, do Hôtel Belfort. Eu revirei seu escritório em busca do endereço do advogado. E, enquanto passava a mão na cabeça de nossa filha, não conseguia parar de pensar na mensagem de mau agouro que se encaminhava a você, cada vez mais perto, inexorável. Você não sabia. Você estava com maître Regnier, esmiuçando títulos e outros investimentos e não tinha a menor ideia do que se passava. Com o rosto contraído de dor, imaginei seu olhar ao receber o papel, como você ficaria pálido à medida que as palavras comesçassem a fazer sentido, como iria cambalear, seu belo paletó sobre os ombros, a cartola caindo um pouco de lado, e a bengala deixada para trás na pressa. Então o caminho pelo Sena, em um cavalo que pareceria rastejar como uma lesma, o trânsito, as ruas congeladas e as terríveis e contínuas marteladas de seu coração.

Nunca esquecerei seu rosto ao entrar em casa.

— Onde ela está? — você perguntou, me olhando e depois se curvando para beijar nossa filha.

— Lá em cima — murmurei, me sentindo tonta.

Você jogou o paletó em minha direção e afrouxou a gravata. Seus gestos eram esbaforidos, quase brutais.

— O que aconteceu, Rose?

Vi seus olhos cheios de lágrimas. Coloquei suas mãos entre as minhas, sentindo sua dor trêmula.

Contei como sua mãe morreu. Lágrimas silenciosas rolavam por suas bochechas. Depois de se apumar, você seguiu escada acima para ver o corpo dela, sozinho. Fiquei lá embaixo, perto da escada com seu paletó, e chorei.

Ela era tudo para você, assim como para mim. Era nossa sustentação, nossa fonte de sabedoria.

Éramos crianças, e ela cuidava de nós com imensa afeição. Quem cuidaria de nós agora?

Esse dia horrendo passou, soterrado nas demandas do pós-morte. Condolências, flores, cartões, sussurros, murmúrios, roupas de luto e a obscuridade desalentadora que os acompanha. Nossa porta principal foi coberta com um pano negro; os passantes se benziavam ao passar por ela.

Senti que a casa me acolhia, mantendo-me firme entre suas paredes de pedra, como um navio imponente durante a tempestade. A casa me protegia, me confortava. Você tinha de cuidar da papelada e dos preparativos para o enterro no *cimetière* du Sud, onde estão seu pai e seus avós. A missa seria em Saint-Germain. Notei sua agitação compenetrada. Violette ficou silenciosa, o que não era normal, apertando a boneca contra o peito. As pessoas se mexiam à nossa volta querendo ser úteis, um balé de intenções que não terminava nunca. De quando em quando, uma mão gentil dava tapinhas em meu braço ou me oferecia algo para beber.

Novamente o rosto branco de *maman Odette* voltava à minha memória. O engasgo, o chiado. Será que ela sofreu? Será que eu podia ter evitado sua morte? As memórias voltam à tona. Nossas caminhadas diárias ao mercado, passando depois pela *rue* Beurrière, pela *cour* du Dragon, onde ela gostava de ver os ateliês e de conversar com o ferreiro. Seu caminhar sem pressa, seu braço dado ao meu, a fita de sua touca batendo em meu ombro. Quando chegávamos à *rue* Taranne, ela gostava de parar um pouco, suas bochechas rosadas e a respiração ofegante. Então levantaria os olhos castanhos para mim, assim como você faz, e abriria um sorriso radiante.

— Que menina bonita é você, minha Rose.

Minha mãe nunca, nem mesmo uma vez que fosse, disse que eu era bonita.

Rue Childebert, 28 de setembro de 1834

Minha adorada Rose,

Como a casa está vazia sem você, Armand e a menininha! Ai, ai, a casa de repente parece tão grande, cada parede ecoa solidão. Faltam duas longas semanas até vocês voltarem da viagem à Borgonha. Como ficarei até lá? Não aguento me sentar sozinha na sala. Meu tricô, meu jornal, minha Bíblia, tudo cai da minha mão. Só agora, nessa época dura, percebo o que você significa para mim, doce Rose. Sim, você é a filha que eu nunca tive. Com o perdão da observação, sinto que sou mais próxima de você do que sua mãe. Como tivemos sorte em nos encontrar por meio do meu filho, seu marido. Você é a luz de nossas vidas, Rose. Antes de você vir morar aqui, havia certa melancolia rondando essa casa. Foi você quem trouxe o riso e a alegria para cá.

Creio que você não tenha noção disso, tão generosa e pura que é. Ainda que por trás dessa sua doçura, Rose, exista uma força muito grande. Às vezes me pergunto como você será quando chegar à minha idade. Por mais que tente, não consigo vê-la como uma velha senhora, porque você é a personificação da jovialidade. O balanço gracioso de seus passos, a riqueza dourada de seu cabelo, seu sorriso, seus olhos. Ah, Rose, esses olhos nunca vão se apagar. Quando você for velha e grisalha como eu, ainda assim seus olhos vão cintilar de tanto azul.

Por que você demorou tanto a aparecer na minha vida? Sei que não viverei muitos anos mais, o médico me alertou quanto ao meu coração e não há muito mais a fazer no meu estado. Sigo sem você em minhas caminhadinhas e elas estão bem menos divertidas. (Madame Collévillé me acompanha e ela anda terrivelmente devagar, além de ter um cheiro azedo e desagradável...)

Ontem vimos uma briga na rue de l'Echaudé. Incrivelmente dramática. Um camarada sem dúvida abusou da Fada Verde e ficava importunando uma dama de roupa muito alinhada. Outro homem lhe disse que parasse, afastando-o da distinta senhora, ao que o bêbedo se precipitou em direção a eles. Ouviu-se uma pancada horrorosa, houve gritaria, sangue e o pobre homem que tentava ajudar a dama saiu de nariz quebrado. A essa altura, outro homem entrou na briga e,

logo, antes mesmo que nos déssemos conta, toda a rua estava cheia de homens suados lutando. A senhora ficou lá, de pé, agarrada a seu guarda-sol com um jeito totalmente amável e bobo. (Ah, você adoraria o vestido dela. Guardei os detalhes pensando em você: era um daqueles vestidos em forma de ampulheta, uma maravilha de bolinhas azuis e uma touca muito elegante de penas de avestruz que tremulavam, assim como ela).

Volte logo para casa, queridíssima Rose, e traga meus adorados para cá também.

Sua sogra, que te ama,

Odette Bazelet

Noite pas ada não dormi bem. O pesadelo veio me atormentar de novo. O invasor subia as escadas vagarosamente, levando todo o tempo que queria, sabendo que eu estava no andar de cima e dormindo. Ouço vividamente agora o estalido dos degraus, o que me enche de terror. Sei que trazer o passado de volta nunca é um processo pacífico, remexemos em arrependimentos e sentimentos confusos. No entanto, o passado é tudo que me restou. Estou sozinha agora, meu amor. Violette e meu genro pomposo acham que estou a caminho da casa deles. Meus netos esperam sua *grand-mère*. Germaine deve estar se perguntando onde estará *madame*. Meus móveis chegaram semana passada, minhas malas e meus baús foram entregues dias atrás. Germaine deve ter desfeito minha bagagem, guardado todas as minhas roupas. Por certo que meu quarto naquela casa enorme com vista para o Loire estará pronto. Flores na cama. Lençóis limpinhos. Quando começarem a se inquietar, certamente escreverão. Isso não me preocupa.

Há mais ou menos 15 anos, quando o prefeito começou sua destruição em massa, soubemos que a residência de meu irmão Émile seria posta abaixo para abertura do novo Boulevard de Sébastopol. Émile não parecia se preocupar, ele receberia um bom dinheiro de indenização. Ele e sua mulher, Edith, tinham decidido se mudar com os filhos para o oeste da cidade, onde a família dela morava. Émile não era como você, não era tão ligado à casa. Para você, casas são como pessoas, não é mesmo? Elas têm alma, coração, elas vivem e respiram. As casas têm memória. Émile é hoje um

cavalheiro idoso, careca e com gota. Creio que você não o reconheceria. Acho que ele lembra minha mãe, mas, graças a Deus, ele não tem sua vaidade nem seu desejo de ostentação. São só as covinhas no queixo e o nariz alongado, que não foram herdados por mim.

Depois do falecimento de minha mãe (logo após o golpe de Estado) e da completa destruição da casa de meu irmão, passamos a vê-lo menos, não foi? Não chegamos nem a visitar seu novo lar, em Vaucresson. Mas você gostava do meu irmão, “Mimile”, como chamava afetuosamente. Ele se tornou o irmãozinho que você nunca teve.

Numa noite de mau agouro, eu e você decidimos caminhar pelas ruas novas e pelas obras para ver o andamento. Émile já havia se mudado com a família. Você seguia a passos lentos, Armand, sua doença já dava as caras, você teria apenas mais dois anos de vida, embora, claro, nós não soubéssemos disso. Você só conseguia caminhar devagarzinho, segurando meu braço.

Nós não estávamos preparados para o que nos esperava. Nosso tranquilo *faubourg* Saint-Germain não tinha nada a ver com o que avistávamos agora. Aquilo não era mais Paris. Aquilo era uma guerra.

Simplesmente não sabíamos mais onde estávamos. Subimos a *rue* Saint-André-des-Arts, esperando chegar à *rue* Poupée, como sempre, mas a rua havia sumido. No lugar dela havia uma imensa vala margeada por prédios em ruínas. Olhamos à nossa volta abismados. Onde estava a casa de Émile? A vizinhança de Émile...? O restaurante na *rue* des Deux Portes onde festejamos o casamento do meu irmão? A famosa padaria da *rue* Percée? E onde estaria a loja encantadora em que comprei aquelas lindas luvas bordadas para *maman* Odette? Não havia sobrado nada. Avançamos devagar, pasmos.

Descobrimos que a *rue* de la Harpe havia sido selvagemmente mutilada, assim como a *rue* Serpente. À nossa volta, prédios caindo aos pedaços tremiam perigosamente, revelando tiras rasgadas de papéis de parede, pedaços de chaminés queimados e escurecidos, portas que incrivelmente ainda estavam presas em suas dobradiças, apesar de penduradas nos escombros,

escadas em caracol intactas espiralando-se até o nada. Era uma visão digna de alucinação, e trazê-la de volta me dá náuseas.

Cautelosamente, pegamos um caminho para uma área mais abrigada, olhando angustiados para baixo, para o fundo da vala. Hordas de trabalhadores com picaretas, pás e martelos estavam apinhadas, como um exército gigantesco, pelos montes de escombros e poeira de destruição que feriam nossos olhos. Cavalos lado a lado puxavam caçambas com tábuas. Aqui e ali, algumas fogueiras queimavam furiosamente, em uma violência inimaginável. Suas chamas vorazes eram alimentadas por homens que lhes jogavam entulho e vigas de madeira.

O barulho era abominável. Sabe, ainda posso ouvir o estalejar das chamas, os chamados e gritos dos operários da rua, os golpes insuportáveis das picaretas cavando a pedra, as batidas ensurdecedoras que faziam o chão sob nossos pés estremecer. Nossas roupas ficaram rapidamente pintadas de fuligem, nossos sapatos, cobertos de algo viscoso, a barra da minha saia estava molhada. Nossos rostos ficaram cor de cinza, por conta da poeira, e nossas bocas e línguas ficaram ressecadas. Tossimos, lágrimas descendo pelas nossas bochechas. Percebemos que não éramos os únicos espectadores; havia outras pessoas reunidas para ver a destruição. Tinham os rostos sujos e impressionados, olhos vermelhos e lacrimejantes, e sofriam em meio às cinzas e à poeira.

Havíamos lido sobre isso no jornal, sabíamos, como qualquer parisiense, que partes de nossa cidade seriam renovadas, mas jamais teríamos imaginado esse inferno. E ainda assim, pensei, paralisada diante do que via, ali era onde as pessoas tinham vivido, onde moraram. Por lá, entre aquelas paredes que se desintegravam, estavam os restos de uma lareira e a sombra de um quadro que um dia esteve pregado a ela. Uma família havia se reunido em frente à cornija no inverno. E aquele papel de parede tão alegre esteve no quarto de alguém, de alguém que dormiu e sonhou naquele lugar. E agora, o que sobrou? Um terreno baldio.

Viver em Paris sob o reinado de nosso imperador e nosso prefeito era como viver numa cidade sitiada, diariamente invadida por sujeira, pó de entulho, cinzas e lama. Nossas roupas, nossos

sapatos e chapéus estavam sempre empoeirados. Nossos olhos ardiam, nossos cabelos tinham uma camada de partículas cinza. Dando pancadinhas no seu braço, pensei: irônico que bem perto dos campos de destruição em massa outros parisienses levassem suas vidas placidamente. E isso era apenas o começo. Mal sabíamos o que nos esperava. Aturamos os trabalhos de embelezamento por três ou quatro anos sem ter noção de que o prefeito não descansaria enquanto não infligisse à nossa cidade mais quinze anos de expropriações e demolições.

Decidimos sair depressa dali. Você ofegava e estava extremamente pálido. Como voltaríamos à *rue Childebert*? Perdemos o rumo. Estávamos em território desconhecido. Para onde quer que fôssemos, encontrávamos o pandemônio, tempestades de cinzas, explosões semelhantes a trovões, avalanches de tijolos. Ficamos em pânico. Havia lama e detritos empapados sob nossos pés, e seguíamos tentando, desesperados, encontrar nosso caminho.

— Saiam daí, pelo amor de Deus! — berrou uma voz furiosa, enquanto uma fachada caía bem perto de nós, com um estrondo ensurdecedor, e sua vidraça se despedaçava em cacos.

Levamos horas até conseguir chegar em casa. Não conversamos aquela noite. Quando nos sentamos para jantar, você não comeu nada e suas mãos tremiam. Comecei a entender que o levar para ver a destruição havia sido um erro terrível.

Tentei confortá-lo e repetia suas próprias palavras de quando o prefeito fora indicado:

— Eles nunca vão tocar na igreja, nem nas casas a seu redor. Estamos seguros, nossa casa está segura.

Mas você não me ouvia. Saiu da mesa e foi até a janela, apertando e soltando as próprias mãos.

Vi você coçar um lado de seu rosto, mais e mais, a tal ponto que desejei arrancar suas unhas.

— Venha tomar um pouco de sopa quente, meu querido — pedi. — Vai lhe fazer bem, depois dessa longa caminhada.

Seus olhos estavam vidrados, absortos. Eu sabia que você ainda via as fachadas ruindo, a multidão de trabalhadores usando suas picaretas nos prédios, as chamas queimando na fossa.

Levantei para tentar convencê-lo a voltar para a mesa, mas você me afastou violentamente. Eu não sabia mais o que fazer. Então me sentei, desamparada, imóvel, até que a comida esfriou, e silenciosamente a levei para a cozinha. Fazê-lo ir para a cama aquela noite também foi uma provação. Você novamente me enxotou, sem dizer uma palavra, com uma veemência que me deixou chocada.

Foi nesse momento, imagino, que surgiram os primeiros sinais de sua doença. Eu não notei imediatamente, mas agora está claro. Você padecia de alguma confusão mental, estava agitado, distraído. Parecia perdido.

Dali em diante, você se recusou a sair de casa, mesmo que para um pequeno passeio nos jardins. Ficava na sala de estar, as costas eretas, encarando a porta por horas. Não percebia Germaine ou a mim, nem qualquer pessoa que lhe dirigisse a palavra. Você era o homem da casa, era o que murmurava. Sim, você era o homem da casa, Armand. E ninguém tocaria em sua casa. Ninguém. A destruição continuou depois de sua morte, mas acontecia em outras partes da cidade, levada a cabo pelo prefeito desumano e sua equipe sanguinária. Eu tentava aprender a viver sem você. Mas dois anos atrás, bem antes de a carta chegar, houve um incidente. E então eu soube. Sim, eu soube.

Aconteceu quando eu saía da loja de *madame* Godfin com meu chá de camomila. Percebi um cavalheiro na esquina, próximo ao chafariz tentando arduamente preparar uma câmera para tirar uma foto, com seu assistente solícito o rodeando. Era cedo e a rua não estava muito cheia. O homem era baixinho e corpulento, tinha bigode e um cabelo quase grisalho. Eu não havia visto muitas câmeras antes, apenas a do fotógrafo da *rue* Taranne que fez nossos retratos.

Diminuí o passo ao me aproximar para vê-lo trabalhando. Parecia algo complicado. De início, não consegui entender quem ele estava fotografando, afinal não havia mais ninguém na rua além de mim. A máquina estava virada para a *rue* des Ciseaux. Em um momento em que ele estava compenetrado, perguntei discretamente ao jovem assistente o que faziam.

— *Monsieur* Marville é o fotógrafo oficial do prefeito — respondeu estufando o peito de orgulho.

— Entendo... E quem *monsieur* Marville está fotografando agora?

O jovenzinho me encarou como se eu tivesse dito algo estúpido. Ele tinha uma feição boba e dentes estragados demais para sua idade.

— Bem, *madame*, ele não faz fotos de pessoas, mas de ruas. — Encheu o peito de novo e continuou: — Seguindo as ordens do prefeito, e com a minha ajuda, *monsieur* Marville está fotografando as ruas de Paris que serão destruídas para a renovação.

Vaucresson, 26 de abril de 1857

Irmã querida,

Estamos em nossa nova residência, em Vaucresson. Imagino que levaria umas duas horas para você chegar aqui, caso quisesse nos visitar com Armand, o que espero que faça. Mas entendo que uma visita dependerá da condição de seu marido. Da última vez que o vi, ele estava bem debilitado. Escrevo para lhe dizer, querida irmã, o quanto julgo sua situação injusta. No passado, você e Armand me pareciam um casal profundamente feliz — uma felicidade que, para mim, é rara. Você deve, sem dúvida, se lembrar da nossa infância triste, da afeição pífia que nossa mãe nos dispensava (que Deus a tenha). Acho que não partilho com minha mulher nada de tão forte e significativo quanto o que você e seu marido partilham. Sim, a vida foi cruel com você, e ainda não consigo nem escrever o nome do meu sobrinho. Mas você e Armand sempre pareceram passar por cima dos golpes do destino, e eu admiro isso imensamente.

Acho que você vai gostar da nova casa, Rose. Fica em um morro e tem um grande jardim verde, que as crianças adoram. É ampla e ensolarada, muito alegre. E longe do barulho e da poeira das obras do prefeito. Às vezes acho que Armand seria mais feliz em um lugar como esse aqui do que na sombria rue Childebert. Ele adoraria o perfume doce da grama, dos bosques próximos, o cantar dos passarinhos, ainda que, claro, eu me lembre bem como você e ele adoram a sua vizinhança. Não é estranho? Apesar de eu ter crescido com você na place Gozlin, eu ficava feliz

em saber que sairia de lá um dia. Mesmo tendo eu e Edith morado por longa data na condenada rue Poupée, eu tinha total certeza de que não viveria toda minha vida por aí na cidade. Quando recebemos a carta da prefeitura informando da futura destruição de nossa casa, percebi que era a mudança que eu sempre estive esperando.

Sei que você acredita que a rue Childebert está a salvo, Rose, por estar tão perto da igreja de Saint-Germain. Sei o quanto a casa da família de Armand significa para ele. Mas você não acha que dar tanta importância à casa é imprudente? No estado de saúde de Armand hoje, perder a casa pode ser o maior dos desastres. Não seria mais ponderado sair da cidade? Eu poderia ajudá-la a encontrar algum lugar charmoso perto de nós em Vaucresson. Imagino que você gostaria da tranquilidade e da harmonia dessa cidadezinha. Você ainda não tem 50 anos, ainda há tempo para se mudar e começar de novo, e você sabe que eu e Edith a ajudaríamos. Violette está casada e feliz, morando em Tours, criando seus filhos, ela não precisa mais dos pais. Não há nada que lhe prenda a Paris.

Eu lhe imploro, Rose, que pense nisso. Pense na saúde de seu marido e no seu bem-estar.

Com carinho, do seu irmão,

Émile

*É um belo alívio saber que vivalma pousará os olhos no que escrevo aqui. Sinto-me liberta e minhas confissões, apesar de um fardo, parecem um pouco mais suaves. Você está acompanhando o que lhe digo, Armand? Pode me ouvir? Gosto de pensar que está aqui, ao meu lado. Gostaria de ter uma câmera fotográfica, como a do *monsieur* Marville, e ter fotografado cada um dos cômodos de nossa casa, para que ficassem imortalizados.*

Eu começaria com nosso quarto — coração do nosso lar. No outro dia, quando os homens da mudança vieram preparar os móveis para levá-los para a casa de Violette, passei muito tempo em nosso quarto. Se as paredes falassem, não contariam muitas histórias? Elas testemunharam vida e morte. Eu estava de pé onde ficava a cama, olhando para a janela, e disse a mim mesma: foi aqui que

Armand nasceu, foi aqui que Armand morreu. Foi onde seu pai faleceu e provavelmente o pai dele também. E foi aqui que dei à luz nossos filhos.

Vou me lembrar sempre do papel de parede amarelo-canário, das cortinas de veludo bordô e do pau de cortina com pontas em forma de setas; da lareira de mármore, do espelho oval de moldura dourada. E da delicada *bonheur du jour*, com suas gavetas cheias de cartas, selos e canetas. A mesinha marchetada com pau-rosa, onde você colocava seus óculos e luvas, e eu, os livros comprados na livraria do *monsieur* Zamaretti. A cama grande de mogno com detalhes em bronze, e os chinelos de feltro do lado esquerdo, onde você dormia. Sim, sempre lembrarei como o sol entrava nesse quarto, mesmo nas manhãs de inverno, passeando seus feixes de ouro pelas paredes, iluminando o amarelo do papel de parede até ficar de um dourado incandescente.

Ao me lembrar de nosso quarto, a dor aguda do parto volta a mim. Dizem que as mulheres esquecem a dor com o tempo, mas não, jamais me esquecerei do dia em que Violette nasceu. Minha mãe nunca conversou comigo sobre as coisas da vida. Aliás, do que minha mãe falou comigo? Por mais que eu procure na memória, não consigo me lembrar de nenhuma conversa interessante, de nenhum momento memorável. Mesmo sua mãe sussurrou apenas algumas poucas palavras antes de eu entrar no quarto para ter nosso primeiro filho. Ela me disse para ser corajosa. As palavras me deram um frio na espinha. O obstetra era um senhor tranquilo que não falava muito, e a parteira que costumava me visitar estava sempre com pressa, como se houvesse outra senhora na vizinhança precisando de seus cuidados. O início da gravidez foi tranquilo, sem enjoos ou outros desconfortos. Eu tinha 22 anos e muita saúde.

O calor abrasador de julho. Por semanas não houve chuva. Entrei em trabalho de parto e minha dor nas costas ficou cada vez mais forte. De repente me perguntei se o que me aguardava não seria completamente tenebroso. Não ousei reclamar. Eu estava deitada na minha cama, *maman* Odette aflagava minha mão. A parteira chegou atrasada. Havia ficado presa no meio de uma multidão, chegou sem fôlego, sua touca amarrada desajeitadamente. Disse baixo para você e sua mãe que as pessoas

estavam começando a protestar, que as coisas estavam ficando feias. Ela pensou que eu não tinha ouvido, mas ouvi.

Com o passar das horas e com a progressiva compreensão do que significava a coragem aludida por *maman* Odette, ficou claro para mim que nosso filho havia escolhido chegar ao mundo no meio de uma revolução efervescente. De nossa ruazinha, ouvíamos o crescente burburinho do levante.

Começou com gritos e berros e os sons de patas de cavalos nas ruas. Vizinhos em pânico contaram que a família real havia fugido.

Eu ouvi isso tudo de longe. Colocaram um pano úmido na minha testa, o que não diminuía a dor nem o calor. Às vezes eu tinha ânsias de vômito, meu estômago se retorcendo em agonia, subindo com bile. Em lágrimas, confessei a *maman* Odette que eu não seria capaz de levar aquela provação adiante. Ela tentou me apaziguar, mas percebi que estava inquieta. Ela ia à janela a todo momento, olhando para fora. Desceu para falar com você e com os vizinhos. O tumulto e as manifestações eram a prioridade de todos, não o bebê. Ao que me parecia, ninguém se importava com o neném ou comigo. O que aconteceria se todos saíssem de casa, inclusive a parteira, se todos tivessem de sair e me deixar, sem ajuda, incapaz de me mexer? Será que todas as mulheres passavam por esse horror? Ou era só comigo? Teria minha mãe sentido isso? E *maman* Odette quando você nasceu? Perguntas inimagináveis, que eu não me atrevi a perguntar em voz alta e que, aliás, só escrevo porque sei que ninguém vai ler.

Lembro de começar a soluçar descontroladamente, a dor e um medo enorme dilacerando minha barriga. Ainda deitada e me retorcendo de dor numa cama molhada de suor, eu podia ouvir os gritos de “Abaixo os Bourbon!” vindos da janela aberta. A explosão de um canhão nos surpreendeu e a parteira, nervosa, ficava andando para lá e para cá. Ouvimos o barulho de tiros não muito longe e eu rezei para que o bebê chegasse logo e a insurreição terminasse. Não me importava a mínima com o destino do rei ou com o que aconteceria com a cidade. Como fui egoísta, pensando apenas em mim, não pensando sequer no bebê, apenas em mim e em minha dor monumental.

A dor continuou por horas, noite adentro, com a agonia constante me rasgando com dentes de fogo. Você saiu discretamente, estava sem dúvida lá embaixo com *maman* Odette. E eu fazia o que podia para manter mais tranquila a minha respiração ofegante. Isso foi no início. Mas logo fui tomada por aquelas ondas de dor martirizantes, cada vez mais fortes, e eu tive de deixar os gritos escaparem, ainda que os tentasse abafar com a palma suada de minha mão e com o travesseiro. Depois, delirando de dor, guinchei a plenos pulmões sem nem me preocupar com a janela aberta ou com você lá embaixo. Nunca em minha vida, eu havia gritado tão alto, tão forte. Minha garganta estava seca. Nem mais as lágrimas desciam. Achei que ia morrer, e quando a dor ficou insuportável desejei, de fato, morrer.

Foi quando o sino da catedral de Notre Dame badalou mais alto, numa ladainha sem fim que parecia marretar meu cérebro exausto, que o bebê nasceu — em meio ao pior dos quebra-quebras, o último dos três dias de tumulto nas ruas, quando o Hôtel de Ville foi atacado. Disseram a *maman* Odette que a bandeira tricolor do povo tremulava nos telhados e que a bandeira em branco e ouro dos Bourbon não era mais vista em lugar algum. A você disseram que houve muitas baixas entre civis. Uma menina. Eu estava esgotada demais para sentir desapontamento. Ela foi colocada em meu peito e eu a olhei, uma criatura enrugada contorcendo o rostinho, e, inexplicavelmente, não senti nenhuma onda de amor nessa primeira troca de olhares com minha filha. Ela me deu uma empurradinha com seus punhos mínimos e um miado de reclamação. Não, não houve amor à primeira vista entre mim e minha filha. Trinta e oito anos depois, nada mudou. Não sei por que isso aconteceu. Não posso explicar. É um mistério para mim. Por que uma pessoa ama um filho e não o outro? Por que uma criança afasta sua mãe? De quem é a culpa? Por que acontece assim tão cedo, no nascimento? Por que não se pode fazer nada em relação a isso?

Senti o ressentimento de Violette crescer ano a ano. Você se recorda, alguns anos depois de *maman* Odette morrer, aquela cena na sala de jantar? Violette ainda era criança e já se mostrava irritadiça. Não consigo lembrar como começou a discussão, de onde veio. Ela reclamava, como de

costume, e eu a repreendi.

— Tente ver o lado bom, querida, você é muito negativa — eu disse suavemente, com um sorriso nos lábios.

Ah, como ela me olhou zangada. Cuspiu as palavras:

— Quando eu crescer, mamãe, não quero ser nada parecida com você. Você é bonita demais, boa demais, gentil demais. Quero que os outros me respeitem.

Lembro que você a censurou, ainda que com sua costumeira brandura. Violette não falou mais nada por todo o jantar, mas seus dizeres me magoaram profundamente. *Bonita demais, boa demais, gentil demais.* Era assim que minha própria filha, uma garotinha, me via? Uma mulher, bonita, mas covarde e sem força de caráter?

Ela se tornou uma mulher dura, rígida e inflexível, sem uma gota da sua doçura ou da minha gentileza. Como pode acontecer de uma pessoa parir uma criança, do seu próprio sangue, e mesmo assim não sentir nenhum vínculo com ela? A ponto de ela parecer uma estranha. Acho que ela se parece com você, os olhos e cabelos escuros, o nariz. Ela não é bonita, mas poderia ser se sorrisse mais. Violette não tem sequer a petulância da minha mãe, sua vaidade coquete, que tinha algo de divertido. O que meu genro, o sr. Certinho, Laurent, viu nela? Uma dona de casa perfeita, talvez. Imagino que seja uma boa cozinheira. Ela toma conta da casa do médico de interior com mão de ferro. E seus filhos... Clémence e Léon... Eu os conheço tão pouco. Há anos que não coloco os olhos naquelas carinhas lindas...

Tenho de assumir a total responsabilidade por isso, meu querido. Na condição de avó, eu deveria ter resgatado o vínculo com meus netos. Mas é tarde demais. Talvez ser uma filha frustrada faça a pessoa ser uma boa mãe. Talvez a falta de amor entre mim e minha filha seja de minha responsabilidade. Talvez seja culpa minha. Vejo-o dando tapinhas no meu braço com aquela sua cara de leve reprimenda. Mas, entenda, Armand, que eu amava o menino tão mais. Provavelmente fui eu que criei essa situação. E agora, no inverno da minha vida, posso olhar para esses fatos passados

quase sem dor. Mas não sem remorso.

Ah, querido, como sinto sua falta. Olho para a última fotografia sua que tenho: você em seu leito de morte. Eles o vestiram com o terno preto elegante, aquele para as melhores ocasiões. Seu cabelo, que quase não tinha fios brancos, foi puxado para trás, e seu bigode, escovado. As mãos juntas sobre o peito. Quantas e quantas vezes olhei para essa foto desde que você partiu? Acho que milhares. Acabo de levar o maior susto, meu bem. Minhas mãos tremem tanto, que mal consigo escrever isso. Enquanto eu olhava detidamente para cada detalhe do seu rosto na foto, veio um barulho alto da porta principal. Alguém tentava entrar. Dei um pulo, o coração saltando fora, até deixei a xícara de chá cair no chão. Quebrou com um estrondo. Gelei, morri de medo. Teriam ouvido? Será que perceberiam que ainda há gente na casa? Engatinhei bem baixinho e perto da parede, indo em direção à entrada. Havia vozes do lado de fora, e o farfalhar de pés. A maçaneta mexeu de novo. Colei o ouvido na porta com a respiração presa. Havia vozes de homens cada vez mais altas e claras naquela manhã gelada.

— A vez dessa aqui está chegando, semana que vem os trabalhos já devem começar. Os moradores já foram embora, está tudo tão oco quanto uma concha velha.

Grudei-me ainda mais na porta, a madeira em meu rosto. Depois me afastei rapidamente.

— Essa porta velha ainda está bem forte — disse um.

— Você sabe como essas casas vêm abaixo. Não demora muito para acabar com ela, nem com a rua inteira, aliás — zombou o segundo.

— É verdade, essa ruazinha e a outra ali na esquina vão estar no chão em um segundo.

Como seriam esses homens, fiquei me perguntando enquanto eles iam embora. Dei uma olhada pela fenda da veneziana. Dois juvenzinhos com roupa social, provavelmente da equipe do prefeito, encarregados da renovação e do embelezamento. Um ressentimento cresceu em mim. Gente sem coração, uns papa-defuntos. Insensíveis, desalmados. Será que se importavam em seguir despedaçando a vida das pessoas, destruindo suas casas? Não, eles não estavam nem aí.

O prefeito e o imperador sonhavam com a cidade moderna. Uma cidade realmente grandiosa. E nós, moradores de Paris, não éramos mais que peões nesse jogo. “Desculpe, senhora, sua casa está no caminho do futuro boulevard Saint-Germain. A senhora terá de sair daí.” Enquanto catava os pedacinhos da xícara caída, eu me questioneei sobre como meus vizinhos estariam enfrentando isso. Teria sido mais fácil para eles? Teriam caído em prantos ao deixar suas casas e, ao final da rua, voltar os olhos para elas pela última vez? E os Barou, aquela família encantadora do fim da *rue* Childebert, onde estariam agora? *Madame* Barou, assim como eu, tinha ficado de coração partido com a ideia de sair da vizinhança. Ela também veio para cá como uma jovem noiva e deu à luz seus filhos naquela casa. Onde estariam todos agora? Para onde teriam ido? *Monsieur* Zamaretti veio se despedir pouco antes de ser dada a ordem de evacuar a rua. Emplacou outro negócio na *rue* du Four Saint Germain, junto a um colega livreiro. Ele beijou minha mão, bem no estilo italiano, cheio de reverência, e com a promessa de me visitar em Tours na casa de Violette. Claro que nós dois sabíamos que não nos veríamos outra vez. Mas não esquecerei Octave Zamaretti. Depois de você partir, ele salvou minha vida, assim como Alexandrine me salvou. Salvaram minha vida? Posso imaginar você me olhando bem surpreso. Voltarei ao assunto mais tarde, Armand. Tenho um bocado a lhe contar a respeito de Octave Zamaretti e Alexandrine Walcker. Tenha paciência, querido. *Monsieur* Jubert sumiu logo após a ordem de expropriação. Sua gráfica ficou com um ar esquecido e abandonado. Para onde terá ido? Para onde terão ido os 12 empregados que iam à gráfica todo dia ganhar a vida? Não me preocupo muito com *mademoiselle* Vazembert e sua crinolina, por certo que ela encontrou um protetor, como fazem facilmente damas com a aparência dela. Mas sinto falta de *madame* Godfin e sua figura corpulenta, seu sorriso de boas-vindas quando eu ia comprar chá, sua loja limpíssima, que cheirava a ervas, especiarias e baunilha. É difícil imaginar que meu mundinho, feito das figuras familiares do dia a dia, esteja condenado a desaparecer. Alexandrine e suas vitrines irresistíveis, *monsieur* Bougrelle e seu cachimbo, *monsieur* Helder saudando os clientes, *monsieur* Monthier e as lufadas cheirando a chocolate que vinham de

sua loja, a risada gutural de *monsieur* Horace e seus convites constantes para provar a última novidade do estabelecimento. Nossa rua colorida, com suas construções baixas próximas à igreja, estava para ser varrida do mapa.

Eu sei bem como será esse *boulevard*. Vi bastante do que o prefeito e o imperador têm feito à nossa cidade. Nossa vizinhança tranquila está prestes a ser demolida para que uma nova via barulhenta possa surgir aqui, passando pertinho da igreja. Sua largura imensa. O trânsito, a balbúrdia, os ônibus, a multidão.

Daqui a cem anos, quando os seres humanos estiverem vivendo em um mundo totalmente moderno — que ninguém consegue imaginar hoje, nem o mais ousado dos pintores ou escritores, nem você, meu querido, que gostava de imaginar o futuro —, as pequenas ruas estreitas que se ramificam da igreja, como em um convento, estarão enterradas e esquecidas, para sempre.

Ninguém vai se lembrar da *rue* Childebert, da *rue* Erfurth, da *rue* Sainte-Marthe. Ninguém vai se lembrar da Paris que eu e você amamos.

Há um vidro quebrado aqui embaixo, entre o lixo que Alexandrine não teve tempo de jogar fora. Vejo o reflexo de meu rosto nele se eu colocá-lo em certo ângulo, com cuidado para não cortar o dedo. Com a idade, meu rosto perdeu a forma, ficou mais longo, menos gracioso. Não sou uma pessoa fútil, mas tenho orgulho da minha aparência, sempre cuidei das minhas roupas, dos meus sapatos, das minhas toucas.

Mesmo nesses últimos e estranhos tempos não vou parecer uma esfarrapada. Faço minha toalete como posso, com a água que Gilbert me traz e o perfume que ainda guardo, um que a baronesa de Vresse me deu ano passado, quando eu e Alexandrine a encontramos em sua casa à *rue* Taranne para fazermos compras no Bon Marché. Ouvi falar que a *rue* Taranne está a salvo por enquanto. Mas por quanto tempo? Ousarão destruir seu esplendor? O *boulevard* voraz também vai devorá-la? Engoli-la de uma só vez?

Meus olhos não mudaram, são os mesmos que você adorava. Azuis ou verdes, a depender do

tempo. Meu cabelo agora é grisalho, com uma sombra de louro. Nunca pensei em tingi-lo, como faz a imperatriz, pois acho bem vulgar.

Dez anos é muito tempo, não é mesmo, Armand? Escrever essa carta traz você muito para perto.

Quase posso senti-lo me olhando por cima do meu ombro enquanto escrevo, sua respiração em minha nuca. Faz muito tempo que não vou lhe visitar no cemitério. A mim, me dói ver seu túmulo, seu nome na lápide, o seu e o de *maman* Odette, mas ainda mais devastador é ler o nome de nosso filho, Baptiste, bem abaixo do seu.

Aí está, escrevi o nome pela primeira vez nesta carta. Baptiste Bazelet. Ai, a dor. A dor lancinante. Não posso deixar que ela tome conta, Armand. Tenho de lutar contra ela. Não posso ceder. Se eu me entregar, acabo me afogando nela. Se o fizer, não me restarão mais forças.

No dia em que você morreu, você conseguiu reunir a última faísca de lucidez. Você me disse, lá em cima, no nosso quarto, minhas mãos sobre as suas:

— Tome conta da casa, Rose. Não deixa aquele barão, aquele imperador...

E aí seus olhos foram cobertos por aquela película de estranheza e você voltou a me olhar como se não me conhecesse. Mas eu havia escutado o suficiente. Entendi o que você quis dizer. Quando você se foi, seu corpo já sem vida, o choro de Violette atrás de mim, tive consciência do que significava o seu pedido, e eu tinha de honrá-lo. Eu havia lhe prometido. Dez anos mais tarde, meu querido, a hora chegou. Eu não hesitei.

Exatamente no mesmo dia em que você partiu, 14 de janeiro, soubemos do atentado contra o imperador no antigo *Opéra*, na *rue* Le Peletier. Lançaram três bombas, cerca de duzentas pessoas ficaram feridas e uma dúzia morreu. Cavalos foram estraçalhados, todas as vidraças da rua se quebraram, a carruagem real ficou de cabeça para baixo e o imperador mal escapou da morte, assim como a imperatriz. Li mais tarde que o vestido dela ficou encharcado com o sangue das vítimas, mas que, ainda assim, a imperatriz foi ao *Opéra* para mostrar ao povo que não tinha medo.

Eu não ligava para o ataque, não queria saber do córsico que o pôs em prática, Orsini (que mais

tarde seria guilhotinado), muito menos de suas motivações. Você estava partindo e absolutamente mais nada me importava.

Você morreu em paz, sem dor, em nosso quarto, sobre nossa cama de mogno. Parecia aliviado por deixar esse mundo e todas as coisas terrenas que você não compreendia mais. Com o passar dos anos, vi sua doença avançar gradualmente, uma doença que espreitava os recônditos da sua mente e sobre a qual os médicos falavam com prudência. Sua doença não poderia ser vista ou medida. Talvez nem tivesse um nome. Nenhum remédio a curaria.

Na fase final, você não suportava a luz do dia. Pedia que Germaine fechasse as venezianas na sala de estar, como se fosse meio-dia. Às vezes, dava um salto de onde estivesse sentado, olhava para mim, de orelhas em pé e se esforçando para escutar algo.

— Você ouviu isso, Rose?

Eu não tinha ouvido nada, fosse uma voz, um latido, uma porta batendo. Mas aprendi a dizer “sim, também ouvi”. E quando você começava a falar mais e mais, agitado, torcendo as mãos, dizendo que a imperatriz vinha para o chá, que tínhamos de pedir a Germaine que preparasse frutas frescas, eu aprendi a concordar com a cabeça e murmurar reconfortantemente que, claro, tudo já estava sendo feito. Você gostava de ler o jornal inteiro todas as manhãs, prestando atenção a cada notícia e mesmo aos anúncios. A cada vez que se citava o prefeito, você despejava uma lista de insultos. Alguns bem grosseiros.

O Armand de quem sinto falta não era esse último, velho e confuso aos 58 anos, quando a morte se abateu sobre você. Sinto falta do homem forte e jovial com um sorriso meigo. Fomos casados por 30 anos, meu bem. Gostaria de voltar àqueles primeiros dias de paixão, suas mãos em meu corpo, nossos prazeres secretos. Ninguém jamais lerá essas linhas, então posso dizer o quanto você me dava prazer e que marido ardente você era. Naquele quarto lá em cima, eu e você nos amávamos como um homem e uma mulher devem se amar. Porém, quando a doença começou a consumi-lo, seu toque enfraqueceu e, com o passar do tempo, se esvaiu. Achei que eu não lhe atraía mais. Será que havia

uma outra mulher? Meus medos foram diminuindo, mas uma nova ansiedade surgiu, quando percebi que você não tinha desejo algum, nem por mim nem por ninguém. Você adoeceu e o desejo se foi, para sempre.

Houve aquele dia horrível, bem no finalzinho, em que eu voltava do mercado com Mariette e encontramos Germaine às lágrimas, em frente a nossa casa, na rua. Você tinha saído. Ela encontrou a sala vazia, sua bengala e seu chapéu haviam desaparecido. Como isso podia ter acontecido? Você odiava sair de casa, nunca saía. Procuramos de cima a baixo, fomos aos estabelecimentos comerciais, do *hôtel de madame* Paccard à loja de *madame* Godfin, mas ninguém, nem mesmo *monsieur* Horace, que passava horas na porta da rua, ou qualquer funcionário da gráfica, o tinha visto. Não havia nenhum sinal de você. Corri à polícia perto da igreja de Saint-Thomas-d'Aquin e expliquei a situação. Meu marido, um senhor de idade, um cavalheiro com certa confusão mental estava desaparecido havia três horas. Odiei descrever sua doença, contar-lhes que você não tinha mais juízo, que por vezes, quando se sentia desorientado, chegava a ser assustador. Era comum você esquecer o próprio nome, contei, então como voltaria para casa, se também não lembrava o próprio endereço? O comissário de polícia era um homem amável e pediu uma descrição detalhada de você. Enviou seu pessoal na busca e disse para eu não ficar preocupada. Mas fiquei.

De tarde, houve uma imensa tempestade, com a água tamborilando no telhado com uma força tremenda. Um trovão estourou tão forte que as paredes vibraram. Angustiada, pensei em você. O que estaria fazendo? Estaria abrigado? Será que alguém o havia levado para algum lugar coberto? Ou teria algum desconhecido asqueroso se aproveitado odiosamente de sua confusão?

Fiquei à janela, a chuva caía em cântaros, Germaine e Mariette choravam às minhas costas. Eu não aguentava mais. Saí com meu guarda-chuva, que logo se tornou inútil, com a chuva me molhando por completo. Consegui caminhar até os jardins, ensopados, que escorriam para os lados mais parecendo um grande mar de lama amarela. Eu tentava imaginar aonde você poderia ter ido. À sepultura de sua mãe e de seu filho? Às igrejas? Ao café? A noite se aproximava e nada de você.

Vóltei meio cambaleante para casa, abatida. Germaine havia preparado um banho quente. Eu contava os minutos, que se arrastavam. Seu sumiço já passava de 12 horas. O comissário veio me ver, com o rosto sério. Enviara seus homens a todos os hospitais das redondezas para ter certeza de que você não havia dado entrada. Em vão. Ele foi embora, mas disse para eu não desanimar. Ficamos sentadas à mesa olhando a porta, em silêncio. A noite chegou. Não comíamos nem bebíamos. Mariette começou a se descontrolar e eu a mandei para seu quarto. Ela mal se aguentava em pé.

No meio da noite, uma batida na porta da frente. Germaine correu para abri-la. Vimos um jovem vestindo roupas elegantes de caçada. E lá estava você, maltrapilho e sorrindo, ao lado do rapaz e segurando no braço do padre Levasque. O jovem, que se apresentou como Hector Bouteiller, contou: — À tarde fui caçar no bosque de Fontainebleau com alguns amigos e encontrei esse senhor, que parecia perdido. A princípio, o cavalheiro não conseguia dizer quem era, mas falava insistentemente na igreja de Saint-Germain-des-Prés, por isso eu o trouxe no meu cavalo.

Enquanto ele falava, lá estava você, meu querido, com um sorriso abobado nos lábios. Germaine puxou o avental até a boca, o rosto pálido. O padre Levasque completou em voz baixa:

— Eles vieram à igreja, *madame* Rose, e claro que eu reconheci *monsieur* Bazelet imediatamente.

Pedi a todos que entrassem. Você ainda guardava uma expressão bondosa e perdida. Eu estava completamente atordoada. A floresta ficava a quilômetros de distância. Fui lá quando eu era criança e lembro ter levado toda a manhã para chegar. Como você teria conseguido chegar a Fontainebleau? Quem o havia levado? E como? Eu quis muito lhe fazer essas perguntas.

Agradei imensamente ao rapaz e ao padre Levasque, ofereci-lhes café, licor, e gentilmente te levei para o quarto. Eu sabia que você não tinha respostas para mim. Fui acordar Mariette e nós o sentamos e o examinamos cuidadosamente. Suas roupas estavam imundas, borradas de lama e sujeira. Havia tufos de grama e espinhos em seus sapatos. Percebi manchas escuras em sua capa de chuva. E para minha preocupação, uma ferida profunda em seu pescoço e arranhões vermelhos em suas mãos. Mariette sugeriu que chamássemos o doutor Nonant, mesmo no adiantado da hora. Concordei. Ela se

enrolou em sua capa e lá se foi, junto com Germaine, noite adentro.

Quando finalmente chegou o médico, você estava em sono profundo, sua mão na minha, a respiração tranquila como a de uma criança. Ele cuidou de você, enquanto eu chorava em silêncio, com lágrimas desesperadas de alívio ainda misturado com medo. Eu apertava seus dedos, repassando os acontecimentos incompreensíveis do dia. Jamais saberíamos o que lhe acontecera, como e por que você foi encontrado a horas de distância da cidade, vagando pela floresta com a garganta ensanguentada. Você jamais nos contaria o que havia ocorrido.

Apesar de o médico ter me preparado para a iminência da sua morte, foi um golpe terrível quando de fato aconteceu. Eu chegava perto dos 50 e senti que minha vida já havia passado. Estava sozinha. De noite, eu deitava acordada em nossa cama e escutava o silêncio. Não podia mais ouvir sua respiração, o roçar dos lençóis quando você se mexia. Sem você, nossa cama parecia uma tumba fria e úmida. Parecia que até a casa se perguntava onde você estava. Sua poltrona cruelmente vazia. Seus mapas, seus papéis, seus livros, sua caneta-tinteiro, e nada de você. Seu lugar na mesa de jantar gritava sua ausência. A concha rosa que você havia comprado em um antiquário na *rue des Ciseaux* e que soava como o mar quando pressionada contra o ouvido. O que fazer quando nossos entes queridos partem para sempre e ficamos para trás com os pequenos objetos de seu cotidiano? Como enfrentar algo assim? Seu pente, sua escova me levavam às lágrimas. Seus chapéus. Seu jogo de xadrez. Seu relógio de bolso de prata.

Nossa filha se mudou para Tours, onde vive há oito anos, com o marido e dois filhos; minha mãe morreu há sete; e Émile, meu irmão, já saiu da cidade. As únicas pessoas a me fazer companhia eram os vizinhos, cujo apoio foi um verdadeiro tesouro para mim. Todos me paparicavam. *Monsieur* Horace deixava garrafinhas de licor de morango por aqui, e *monsieur* Monthier me oferecia chocolates de dar água na boca. *Madame* Paccard me convidava para almoçar todas as quintas em seu *hôtel*, e *monsieur* Helder, para jantares segunda-feira cedo no *Chez Paulette*. Uma vez por semana, *madame* Barou me visitava. Eu e o padre Levasque caminhávamos nos jardins do

Luxemburgo aos sábados de manhã. Ainda assim, quando você me deixou, houve um buraco, um vazio dolorido em minha vida. Você era um homem quieto, mas ocupava um amplo espaço de silêncio, e era disso que eu sentia falta. De sua firmeza, sua força.

Ouçoo as batidas em código de Gilbert e me levanto para atendê-lo. Essa manhã está incrivelmente congelante, e minha pele chega a ficar roxa de frio. Gilbert entra mancando, batendo as mãos enluvadas e pisando firme no chão. A lufada gelada que traz consigo me faz tremer dos pés à cabeça. Ele vai direto ao fogão esmaltado e reacende o carvão com prazer.

Eu o olho e conto dos homens da prefeitura que tentaram abrir a porta. Ele resmunga:

— Não precisa se preocupar, não tem trabalho hoje, está frio demais. Podemos deixar o aquecedor aceso a noite toda, ninguém vai perceber a fumaça. A área está totalmente abandonada. Tenho certeza de que vão suspender os serviços por um tempo.

Eu me aproximo do aquecedor, sentindo-o descongelar meu corpo enrijecido de frio. Gilbert aquece um pouco de comida em uma panela engordurada. O cheiro apetitoso faz cócegas em meu nariz, meu estômago ronca. Onde será que ele conseguiu a comida e o carvão? Por que faz essas coisas para mim? Quando lhe pergunto, ele simplesmente sorri.

Depois de nossa refeição, ele me entrega uma carta com um largo sorriso no rosto. Conta que o carteiro estava andando meio perdido e confuso, sem saber o que fazer com a correspondência, uma vez que a rua estava interditada e condenada. Não sei como ele conseguiu pegar minha carta. Gilbert é um homem misterioso e gosta de me surpreender.

Como eu suspeitava, a carta era da minha filha. Tinha sido escrita havia mais de uma semana.

Querida mamãe,

Estamos todos muito preocupados por você não ter chegado. Germaine está certa de que algo lhe aconteceu e eu rezo para que ela esteja errada.

Da última vez que nos falamos, você disse que estaria aqui no início do mês. Todos os seus bens pessoais estão aqui e os móveis maiores estão em um armazém.

Laurent soube de uma casinha encantadora à beira do rio, não longe de nós e não muito cara, onde achamos que você ficará perfeitamente confortável. E você ficará contente em saber que ela não é nada úmida, disse-me ele. Tem, claro, um quarto grande para Germaine. Uma senhora de idade amiga nossa mora na casa ao lado. Mas se você preferir ficar conosco, é óbvio que isso também é possível.

As crianças estão bem e ansiosas pela sua vinda. Clémence toca piano lindamente e Léon está aprendendo a ler. Por favor, escreva-nos com mais detalhes de sua chegada. Não estamos entendendo onde você está.

Meu marido tem certeza de que é mais saudável para você deixar o faubourg Saint-Germain e ficar a nossos cuidados. Na sua idade, quase aos 60, afinal, essa é a coisa certa a se fazer. Você não pode seguir vivendo o passado e deixando a dor ser mais forte do que você.

Esperamos ansiosamente por notícias,

Sua filha,

Violette

Mesmo a caligrafia dela me faz estremecer, é tão afiada, tão implacável. O que fazer?

Devo ter ficado com aspecto hesitante porque Gilbert me pergunta o que há de errado. Explico que a carta é de Violette e o que ela quer. Ele dá de ombros.

— Escreva a ela de volta, *madame* Rose. Diga que vai ficar com amigos. Que em algum momento mais adiante irá para lá ficar com ela. Ganhe tempo.

— Mas como farei a carta chegar a ela?

Outro balançar de ombros, como se fosse algo sem importância.

— Eu levo ao correio para a senhora.

Ele sorri para mim de um jeito paternal, mostrando aqueles dentes horrendos.

Então fui buscar um pedaço de papel, sentei-me e escrevi a seguinte carta à minha filha.

Minha muito querida Violette,

Sinto muito por ter causado preocupação a você e seu marido. Ficarei por algum tempo com minha amiga, a baronesa de Vresse, na rue Taranne. Creio já ter falado dela para você. É uma senhora da sociedade muito agradável, e eu a conheci através de mademoiselle Walcker, minha florista. Sim, ela é muito jovem, poderia ser minha neta, mas se afeiçãoou a mim. Gostamos da companhia uma da outra.

A baronesa me ofereceu muito generosamente que ficasse com ela antes de ir para a sua casa. Ela tem uma casa adorável na rue Taranne. Desse modo, não me envolvo na destruição da nossa vizinhança e não a tenho de testemunhar. Fazemos compras no Bon Marché daqui de perto e ela me leva ao ateliê de Worth, o grande costureiro com quem faz seus vestidos. Estou aproveitando essa estadia maravilhosa, indo ao teatro, a bailes e à ópera. Uma velha senhora de 60 anos ainda pode fazer essas coisas, eu lhe asseguro.

Avisarei com antecedência quando eu for chegar, mas por enquanto não conte com a minha presença porque planejo continuar com a baronesa de Vresse o máximo possível.

Mande meus melhores cumprimentos a seu marido e filhos e à minha dedicada Germaine.

Diga-lhe que Mariette encontrou um bom trabalho com uma família abastada que vive perto do Parc Monceau.

Com carinho,

Sua mãe

Não pude deixar de rir com a ironia daquelas poucas frases: bailes, teatro, costureira, até parece! Sem dúvida que minha filha, a típica esposa provinciana e tolinha, sentiria uma pequena inveja quando lesse sobre minha deslumbrante vida social fictícia.

Pigarreei e li a carta em voz alta para Gilbert. Ele resmungou e perguntou de repente:

— Por que a senhora não diz a verdade para ela?

— Sobre o quê?

— Sobre o motivo de você não deixar a casa.

Fiz uma pausa antes de responder.

— Porque minha filha não entenderia.

Nos meus sonhos, meus sonhos bons, ele volta para me assombrar, meu pequeno. Vejo-o descer correndo as escadas, depois seus sapatos fazem barulho no calçamento de pedras lá fora. Ouço sua voz, sua gargalhada barulhenta. Azul lhe caía bem, e mandei fazer todas as suas camisas em diversos tons de azul, assim como seus casacos e suéteres, até mesmo seu boné era azul. Meu príncipe azul e dourado. Quando ele era bebê, costumava ficar sentado em meu colo bem quieto observando o mundo a sua volta. Acho que os primeiros objetos em que prestou atenção foram os entalhes da decoração da sala e os retratos sobre a cornija da lareira. Seus olhos redondos e curiosos atentavam, iam de um lado a outro da sala, o dedo na boca. Ele respirava em paz encostado em mim. Seu corpo ficava aquecido contra o meu.

Eu sentia tamanha felicidade nesses momentos. Sentia-me verdadeiramente uma mãe, uma sensação que nunca tive com Violette, minha mais velha. Sim, aquele serzinho era meu, e eu tinha de cuidar dele e protegê-lo. Dizem que as mães preferem os filhos às filhas — não será essa uma verdade secreta? Não nascemos para trazer filhos ao mundo? Sei, porém, que você amava sua filha. Ela tinha uma ligação com você que eu nunca tive.

Quando sonho com Baptiste, eu o vejo tirando um cochilo, ainda bem novo, no quarto das crianças. Eu ficava maravilhada com suas pálpebras madreperolas cobrindo seus olhos, seus cílios agitados. As bochechas redondas e macias. A boca entreaberta e a respiração lenta e calma. Eu ficava olhando meu filho durante horas, enquanto Violette brincava com seus amigos lá embaixo, sob os cuidados da babá.

Eu não gostava que a babá tocasse em Baptiste enquanto ele era neném. Eu sabia que não era conveniente que eu passasse tanto tempo com ele, mas não conseguia deixar de fazer isso. Eu é que tinha de alimentá-lo e de lhe dar carinho. Ele era o centro da minha vida, e você observava com um olhar bondoso. Você não sentia ciúmes, eu acho. *Maman* Odette havia sido assim com você, então

não era algo surpreendente. Eu o levava a todo canto que pudesse. Se eu tivesse de comprar um xale ou escolher um chapéu, ele ia comigo. Todos os lojistas o conheciam, os vendedores no mercado sabiam seu nome, mas nosso filho nunca ficou vaidoso por sua popularidade, nem tirou proveito dela. Quando sonho com ele, como tenho sonhado há vinte anos, acordo com lágrimas nos olhos. Meu coração dói. Era mais fácil quando você estava por aqui e eu podia alcançá-lo no escuro, sentindo seu ombro reconfortante.

Mas agora não há ninguém comigo. Apenas o frio e o silêncio mortal. Choro sozinha. Sei muito bem como fazer isso.

Bussy le Repos, 6 de julho de 1847

Mãezinha,

Estou gostando muito de ficar com Adèle e a família dela em Bussy. Sinto muita falta de você, da Violette e do papa. Mas também estou me divertindo muito. Então não se preocupe. Sinto falta de casa. Muito legal aqui. Muito quente. Ontem tomamos banho em um laguinho. Não muito fundo e o irmão mais velho de Adèle me colocou no ombro cheio de lama. A mãe de Adèle faz escalopinhos. Como tanto que às vezes minha barriga dói. Sinto sua falta de noite, na hora de dormir. A mãe de Adèle vem dar um beijo, mas ela não é tão bonita quanto você, nem tem uma pele macia e cheirosa como a sua. Por favor escreve outra carta, por que as cartas demoram tanto para chegar? O pai de Adèle não é tão engraçado quanto papa. Mas é legal mesmo assim. Ele fuma cachimbo e solta fumaça na nossa cara. Tem um cachorro branco grande, primeiro fiquei com medo dele porque pula na gente, mas esse é o jeito dele de dizer oi. O nome dele é Prince. Podemos ter um também? Também tem uma gata que se chama Mélusine, mas ela faz um chiado para mim então eu não encosto nela. Estou escrevendo o melhor que eu posso. O irmão de Adèle corrige os meus erros, ele é uma pessoa legal, eu quero ser como ele quando eu crescer, ele tem dez anos a mais que eu. Adèle teve um ataque ontem à noite, tinha uma aranha na cama dela, uma que era muito grande, mamãe por favor olha a minha cama para ter certeza de que não tem

aranha, eu sinto falta de você e eu te amo e manda um beijo para o papa e para a minha irmã.

Seu filho,

Baptiste Bazelet

Sinto uma mão gelada em meu peito e grito em meio ao silêncio. Claro que não havia ninguém aqui, nenhuma mão gelada. Como alguém poderia me encontrar aqui embaixo nesse porão escondido? Preciso de um momento para descansar meu coração, para respirar normalmente. Ainda posso ouvir a escada estalar, ver uma mão cheia de sardas escorregando pelo corrimão, sentir que alguém parou rapidamente diante da porta antes de entrar. Será que algum dia vou estar livre disso? Será que terei paz? No meu pesadelo, a casa não me protege mais. Foi invadida. Não é mais segura. Enrolada em diversas camadas de xales grossos de lã, subi com uma vela ao andar mais alto, até o quarto das crianças. Não ia lá há algum tempo, mesmo quando a casa ainda tinha gente. É um quarto longo e de teto baixo com vigas aparentes, e ao pé da porta ainda posso vê-lo como era, cheio de brinquedos e jogos. Ainda vejo nosso filho, seus cachinhos dourados, seu rostinho doce. Eu costumava passar horas no quarto com Baptiste, brincando com ele, cantando para ele, todas essas coisas que não fiz para nossa filha simplesmente porque ela nunca deixava.

Ao passar os olhos pelo quarto vazio, me lembro dos momentos felizes com o menino. Você havia decidido fazer obras na casa para consertar vários problemas: goteiras no telhado, rachaduras, manutenção geral. Cada buraco, cada cantinho foi inspecionado. Logo veio uma equipe para a obra, e a casa foi reformada: repintada, madeiras consertadas, assoalhos polidos novamente. Era um grupo animado e de boa índole e acabamos simpatizando com eles. Havia *monsieur* Alphonse, o empreiteiro, com sua barba negra e voz alta, e havia Ernest, seu assistente ruivo. A cada semana chegava um grupo diferente, que se ocupava de alguma parte específica da obra. Toda segunda-feira você avaliava os progressos e discutia cada parte da obra com o empreiteiro. Levou um bocado de tempo e você estava orgulhoso de todo o processo. Queria que a casa ficasse com a melhor aparência possível. Seu pai e seu avô não fizeram muito nesse sentido, e você tomou a responsabilidade das

obras para si.

De vez em quando, ainda havia algum trabalho a ser feito. Convidávamos amigos para jantar, para passar alguns dias. Lembro que isso ocupava bastante meu tempo, a elaboração dos cardápios, a organização dos convidados à mesa, a checagem dos cômodos que precisavam ser arejados para a chegada de uma nova visita. Eu levava essas tarefas muito a sério. Cada cardápio era anotado em um caderno especial para que eu nunca servisse a mesma comida duas vezes a um convidado. Como eu tinha orgulho da nossa casa, como ela era confortável e bonita naquelas noites de inverno, com fogo na lareira e a luz suave das lâmpadas. Tempos felizes.

Naquela década abençoada, Violette se tornou uma menina silenciosa e autocentrada. Era boa aluna, séria, mas nós nos falávamos pouco. Não tínhamos nada em comum, assim como minha mãe e eu. Ela conversava mais com você, creio, mas também não lhe era próxima. Quanto a Baptiste, ela não tinha o menor interesse nele. Havia uma diferença de nove anos entre os dois. Ela era a lua, prateada, fria e distante, ele era um sol triunfante e dourado, puro esplendor, puro calor.

Baptiste era uma criança tocada pela graça. Seu parto foi rápido e sem dor, o que me impressionou, afinal eu havia me preparado para um novo sacrifício, como o que passei com Violette. Mas lá estava aquela criança gloriosa, saudável, rosinha, cheia de energia, nascida já com os olhos bem abertos para o mundo. Como gostaria que *maman* Odette tivesse visto seu neto, mas ela já havia nos deixado havia cinco anos. Sim, aquela foi uma década de ouro, tão dourada quanto os fios de cabelo de nosso filho. Ele era uma criança simples e feliz. Quase não reclamava, mas se o fazia, era com tanto charme que derretia o coração de qualquer um. Baptiste gostava de construir pequenas casas com os tijolinhos coloridos de madeira que você lhe dera de aniversário. Ele passaria horas construindo uma casa, cômodo a cômodo.

— Esse é o seu quarto, *maman* — diria, orgulhoso. — O sol bate dentro, como você gosta. E *papa* tem um escritório aqui, com uma mesa grande para poder colocar todos os papéis dele dentro e para fazer todo o trabalho importante.

É difícil escrever isso, Armand. Temo o poder das palavras, a forma como elas podem nos ferir, como o golpe de uma faca. A luz da vela tremula na parede. Tenho medo. Medo do que tenho de dizer. Muitas vezes na confissão com o padre Levasque, tentei tirar esse peso de cima de mim. Impossível. Nunca consegui.

Eu temia que o Senhor tirasse meu filho de mim, que meu tempo com ele estivesse contado. Cada instante com ele era maravilhoso. Um deleite manchado de medo. Outra revolução se abateu sobre a cidade em fevereiro. Dessa vez eu não estava de cama, e eu a vi. Eu tinha 40 anos, era firme e forte, apesar da idade. Os tumultos estouraram nos bairros mais pobres e barricadas foram erguidas, fechando as ruas com gradeados de ferro, charretes viradas, móveis, troncos. Você explicou que o rei havia fracassado em acabar com a corrupção e que a crise econômica foi sem precedentes. Isso não me preocupava, meu dia a dia como mulher e mãe não havia se alterado. É verdade que os preços no mercado subiram vertiginosamente, mas nossas refeições ainda eram fartas. Nossa vida continuava a mesma. Por enquanto.

1849. Baptiste tinha 10 anos. Ano em que o prefeito e o imperador se conheceram. Um ano depois das barricadas e da Revolução de Fevereiro. Já se passaram vinte anos desde então, mas ao escrever agora meu coração ainda sangra. Ele não parava quieto, como um duendezinho, sempre lépido, ágil como um relâmpago. Sua risada enchia a casa. Às vezes ainda a ouço.

Vieram os primeiros rumores sobre a doença. A primeira vez que ouvi falar foi no mercado. O último surto fora logo depois de Violette nascer, dez anos antes. Milhares de pessoas morreram. Era preciso ter muito cuidado com a água. Baptiste adorava brincar no chafariz da *rue Erfurth*. Eu podia vê-lo da janela, a governanta o estava vigiando. Eu o alertei, você também, mas ele tinha vontade própria.

Tudo aconteceu muito rápido. Os jornais logo estariam repletos das mortes que se somavam, o número apenas aumentava. A palavra medonha aterrorizava nossas casas. Cólera. Uma senhora da *rue de l'Echaudé* havia sucumbido. Toda manhã se anunciava uma nova morte. O medo tomou conta

da nossa rua.

Certa manhã, então, Baptiste caiu em nossa cozinha. Corri para ele, quando ouvi o grito de dor, ele no chão chorando e gritando que estava com cãibra na perna.

— O que foi meu pequeno? Meu querido...? — sussurrei enquanto ele choramingava se contorcendo e revirando em meus braços. Germaine sugeriu que tirássemos suas calças para ver o que havia de errado com as pernas. Meus dedos desajeitadamente abriram os botões.

— *Maman*, está doendo... — disse ele baixinho, e como me lembro da voz, suave e fraquinha, uma voz que partiu meu coração.

Não parecia haver nada errado com a canela ou com a coxa. Eu tentei confortá-lo, fiz o melhor que pude. Baptiste estava com a testa quente e úmida. Começou a soluçar, tremendo de dor. Ouvimos um burburinho repugnante de seu abdômen, e eu disse a mim mesma que aquilo não podia estar acontecendo. Não, não com meu filho, meu filho amado. Isso não. Lembro-me de gritar por você, chamar seu nome aos berros enquanto subia as escadas.

Você ouviu o grito e desceu correndo, o rosto lívido como uma folha de papel. Ainda consigo escutar seus passos escada abaixo. Você estava com um livro em uma mão e os óculos enlaçados na outra. Violette seguiu o sobressalto, os olhos esbugalhados.

— Rose, por Deus, o que...

Foi então que você viu nosso filho e os objetos entre seus dedos se espatifaram no chão. Violette deu um grito. Também lembro como o levamos para o quarto, eu e você, enquanto Germaine correu para chamar o médico. Tarde demais. Eu percebi pelo seu rosto que você já sabia disso, mas não queria me contar. Foram poucas horas. Horas que minuto a minuto escoavam a fatalidade, a morte. Com cada clique do relógio que ia embora, o corpinho que se contorcia perdia todos os líquidos. Fluíam para fora, escorriam, e nós, com horror, só podíamos assistir a tudo aquilo.

— Faz alguma coisa! Você precisa salvar o meu filho! — implorei ao médico.

Durante todo o dia, o jovem *docteur* Nonant envolvia o quadril do meu filho em lençóis limpos,

derramava água fresca em sua garganta, mas de nada adiantou. As mãos e os pés de Baptiste pareciam ter sido mergulhados em tinta preta. Seu rostinho rosa e lustroso estava agora seco, monstruoso, azulado. As bochechas redondas ficaram chupadas e formaram uma máscara ressecada de uma criatura que eu não reconhecia mais. Os olhos fundos já não tinham lágrimas para chorar. Os panos estavam grossos de tudo o que ele colocava para fora, jorros de água suja e fedida que seu corpo expurgava num fluxo que parecia não terminar.

— Temos de rezar — murmurou o padre Levasque, que você havia chamado nos últimos e terríveis momentos, quando entendemos que não havia mais esperança. Velas foram acesas no quarto

e orações, murmuradas fervorosamente.

Ao olhar esse cômodo outra vez, é disto que me recordo: o mau cheiro, as velas, as rezas, o choramingo suave de Germaine, a tosse de Violette, tudo repetindo de novo e de novo em minha cabeça. Você se sentou esticado e silencioso a meu lado, às vezes pegava minha mão e a apertava gentilmente. Eu estava tão fora de mim, tamanha a dor, que não entendia sua tranquilidade. Lembro de me perguntar: será que, diante da morte de um filho, homens são mais fortes do que mulheres porque não dão à luz, porque não sabem o que significa carregar uma vida dentro de si e trazer um bebê ao mundo? Estarão as mães ligadas à prole por um laço secreto, físico e íntimo que os pais jamais irão experimentar?

Àquela noite, em casa, vi meu filho amado morrer e senti minha vida se tornar um vazio totalmente sem sentido.

No ano seguinte, Violette se casou com seu noivo Laurent Pesquet e deixou o lar para morar em Tours, mas nada mais me sensibilizava desde a perda do meu menino.

Eu assistia de longe ao que acontecia em minha vida, e minha existência se tornou uma espécie de torpor pasmado. Lembro que você falou de mim com o doutor Nonant, que veio me ver. Aos 41 anos, eu estava velha demais para ter outro filho. E nenhum substituiria Baptiste.

Mas eu sabia por que o Senhor reclamara meu filho. Tremeo ao escrever isso, e não é mais de frio.

Me perdoe.

Rue Childebert, 20 de agosto de 1850

Rose do meu coração,

Não consigo suportar sua dor, seu pesar. Ele era a criança mais adorável, mais encantadora, mas Deus decidiu chamá-lo de volta para Ele, e temos de respeitar Sua escolha. Não há o que fazer, meu amor. Escrevo isso diante da lareira, com a vela tremulando na noite silenciosa. Você está no andar de cima, em nosso quarto, tentando descansar. Não sei o que fazer para ajudá-la e me sinto inútil. É um sentimento terrível. Gostaria que mamãe Odette estivesse aqui para consolá-

la, mas ela já se foi há muito tempo, sem nunca ter conhecido o menininho. Ela teria cercado você de amor e carinho naqueles momentos agonizantes. Por que somos nós, homens, tão incompetentes nesses assuntos? Por que não sabemos como reconfortar, como lidar com esses cuidados? Estou furioso comigo mesmo escrevendo isso a você. Sou um marido imprestável, porque não consigo consolá-la.

Desde que ele nos deixou, ano passado, você é o fantasma do que era. Está muito magra e branca, não sorri mais. Mesmo no casamento de nossa filha, há pouco tempo, naquele dia lindo e ao longo do rio, você não sorriu nenhuma vez. Todos notaram e é claro que comentaram comigo a respeito, seu irmão, tão preocupado; até mesmo sua mãe, que nunca percebe nada de você; e seu novo genro, jovem médico, falou-me discretamente sobre você. Algumas pessoas me sugeriram uma viagem ao sul, ao litoral, em busca de sol e calor. Outros falaram em descanso, em comida mais nutritiva, exercício.

Seus olhos estão vazios e tristes, o que parte meu coração. Ai, o que posso fazer? Hoje caminhei por nossa vizinhança e tentei encontrar algum badulaque que lhe animasse. Voltei de mãos abanando. Eu me sentei no café da place Gozlin, perto de onde você cresceu, e li os jornais, que só tratavam da morte de Balzac. Como você sabe, ele é um de meus escritores prediletos, mas por conta de sua dor tão forte e prolongada eu simplesmente não consigo ficar triste pelo falecimento de monsieur de Balzac. O pobre tinha mais ou menos a minha idade e também tinha uma esposa que amava apaixonadamente, como eu a amo com um ardor que acende minha vida. Rose, meu amor, sou um jardineiro saudoso que não sabe mais como fazer sua rosa amada brotar esplendorosa. Hoje você é fria, como se não ousasse florescer e aparecer para mim, deixando seu perfume me encantar enquanto as pétalas se abriam uma a uma. Será culpa do jardineiro? Nosso amado filho se foi e, com ele, parte de nossa vida. Mas nosso amor ainda é poderoso, não é? Nosso amor é nossa maior força, é do que precisamos para nos alegrar a fim de sobreviver. Lembre-se de como nós nos amávamos mesmo antes de nosso filho, como nosso amor

deu vida a ele. Temos de guardar nosso amor, alimentá-lo e nos deleitar nele. Partilho de sua dor, respeito seu luto e, na condição de pai, pranteio nosso filho, mas não podemos pranteá-lo como amantes? Afinal, ele nasceu desses dois amantes. Sinto falta do cheiro doce de sua pele, minhas mãos anseiam por acariciar as curvas de seu corpo adorado, meus lábios queimam por lhe dar milhares de beijos em lugares secretos que só eu conheço e venero. Quero sentir você ondular contra mim com minhas carícias, debaixo da violência suave de meu abraço. Estou faminto de nosso amor, quero sentir a doçura de sua carne, sua intimidade feminina, quero voltar ao êxtase febril que tínhamos como amantes, como marido e mulher verdadeiramente apaixonados, naquele reino silencioso do nosso quarto.

Você é minha prioridade, Rose, e vou lutar com toda a minha força para resgatar sua fé no nosso amor, na nossa vida.

Para sempre seu,

Armand, seu marido

Precisei imensamente de uma pausa, assim não pude escrever por um tempinho.

Mas agora que a pena volta a deslizar sobre o papel, torno a me ligar a você. Não lhe escrevi muitas cartas. Não nos separávamos, não é? Guardei todos os seus poemas. Não eram exatamente poemas, eram? Eram pequenas frases de amor, que você deixava aqui e ali para que eu encontrasse. Como senti falta desses versinhos. Quando a saudade se torna grande demais, eu cedo e os procuro. Deixo-os em uma carteira de couro junto a nossa aliança e a seus óculos de leitura. “Rose, querida Rose, é como o amanhecer a luz de seu olhar, mas apenas para o meu contemplar.” E este: “Rose, rosa encantada, nada de espinhos em você, apenas botões de doçura e amor.” Não há dúvida de que alguém pode achá-los bobos. Não me importa.

Quando os leio, ainda posso ouvir sua voz profunda e amável. Acima de tudo, sinto falta da sua voz, Armand. Por que os mortos não podem voltar para conversar conosco? Você poderia vir me sussurrar algo enquanto tomo meu chá de manhã, e de noite murmuraria mais um pouco, enquanto fico

na cama acordada em silêncio. Também gostaria de ouvir a risada de *maman* Odette e as palavrinhas incompreensíveis de nosso filho. A voz de minha mãe? Não, creio que não. Dessa voz, não sinto falta. Quando ela morreu de velhice, bem velha, em sua cama na *place* Gozlin, não senti nada, nem mesmo uma ponta de tristeza. Você estava atrás de mim e Émile, e você me olhava como se lesse algo em meu rosto. Eu queria lhe contar que não era de minha mãe que sentia falta ali, mas de *maman* Odette, que morrera quase vinte anos antes. Acho que você sabia. E eu ainda pranteava nosso filho. Por anos depois da morte dele, eu visitava seu túmulo todo dia, caminhava até o *cimetière* du Sud, passando pela *barrière* Montparnasse. Às vezes você vinha comigo, mas em geral eu ia sozinha. Uma paz estranha e dolorosa me invadia quando eu sentava sobre sua sepultura, chovesse ou fizesse sol, meu guarda-chuva ou sombrinha me protegendo. Naquele momento, eu não desejava falar com ninguém e se alguém se aproximasse, eu me esconderia debaixo da sombrinha para me sentir segura e ter privacidade. Havia uma senhora mais ou menos da minha idade que sempre ia a um túmulo próximo ao de Baptiste. Ela também ficaria ali sentada por horas com as mãos no colo. Estaria rezando?, eu me perguntava. Às vezes, eu fazia orações, mas preferia falar diretamente com meu filho. Conversava mentalmente com ele, como se estivesse na minha frente. A princípio, a presença da outra senhora me incomodava, mas logo me acostumei a ela. Jamais nos falamos. Às vezes acenávamos rapidamente uma para a outra com a cabeça. Por quem ela chorava? Um marido, um filho, uma filha, uma mãe? Conversaria com seu ente querido da mesma maneira que eu? Você nunca me perguntou o que eu falava com Baptiste quando o visitava. Era respeitoso. Eu lhe contava as notícias e as fofocas da vizinhança. Contei da loja de *madame* Chanteloup na *rue* des Ciseaux, que quase veio abaixo em um incêndio, e como os bombeiros lutaram contra as chamas a noite toda, como foi excitante e horrível ao mesmo tempo. Contava a ele como andavam seus amigos (o engraçadinho Gustave, da *rue* de la Petite Boucherie, e a invocada Adèle, da *rue* Sainte-Marthe). Contei quando encontrei Mariette, a nova cozinheira, tímida e talentosa, e como Germaine mandava nela, meio escandalosa, até que eu intervim, ou melhor, você interveio, como o homem da casa.

Dia após dia, mês depois de mês, ano a ano, eu ia ao túmulo de nosso filho. Eu contava a ele coisas que não ousaria lhe contar, meu amado. Nosso novo imperador, por exemplo, falei de como eu não estava impressionada com aquele homenzinho enfezado desfilando em cima do cavalo e debaixo do chuvisco gelado, com a multidão gritando “Vida longa ao imperador!”, ainda mais depois de tantas mortes com o golpe de Estado. Falei do balão enorme em forma de águia que voou sobre nossos telhados com a ascensão do imperador. O balão era impressionante; o imperador não. Naquela época, você, como a maior parte das pessoas, acreditava que o imperador era “incrível”. Eu sempre tive a fala mansa demais para dar voz a meus verdadeiros sentimentos políticos. Então contei baixinho a Baptiste que, na minha modesta opinião, aqueles Bonaparte metidos eram um tanto cheios de si, talvez demais. Contei do casamento ostentoso na catedral, com a imperatriz nascida na Espanha, que todos queriam ver e de todo o bafafá em torno do evento. E depois, quando o príncipe nasceu, contei dos tiros de canhão nos Invalides. Como tive inveja por aquele príncipe bebê! Eu me pergunto se você chegou a sentir isso. Sete anos antes, nós havíamos perdido o nosso príncipezinho, nosso Baptiste. Eu não suportava ler os artigos nos jornais sobre a nova criança real, eu cuidadosamente desviava o olhar de qualquer notícia ou imagem nojenta da imperatriz toda orgulhosa com seu filho.

Gilbert me interrompeu para dar a notícia mais impressionante. Tinha acabado de ver Alexandrine esgueirando-se pela rua. Perguntei o que ele queria dizer com aquilo. Ele me olhou com ar grave.

— Sua florista, *madame* Rose. A alta, bem morena, com todo aquele cabelo e o rosto redondo.

— Sim, é ela — sorri por dentro com a descrição, que lhe caía bem.

— Bem, ela estava logo ali do lado de fora da casa, *madame*, dando uma olhada. Achei que ela ia tocar a campainha ou abrir a porta, então dei um pequeno susto nela. Já estava ficando escuro lá fora, e ela quase deu um salto de susto quando apareci no canto da casa. Ela se sacolejou como uma galinha agitada e não chegou a me reconhecer, tenho certeza.

— O que ela estava fazendo?

— Bem, acho que ela estava procurando pela senhora, *madame* Rose.

Olhei para sua cara suja.

— Mas ela acha que estou com Violette, ou a caminho de lá.

Ele forçou um lábio contra o outro, fez um bico.

— Ela é uma menina inteligente, *madame* Rose. A senhora sabe disso. Não vai cair nessa tão facilmente.

E ele tinha razão, claro. Poucas semanas antes, com olhos de águia, Alexandrine supervisionou a preparação e a saída da mudança, meus móveis e bagagens.

— A senhora vai mesmo para a casa de sua filha, *madame* Rose? — perguntou como quem não quer nada, inclinada sobre uma das malas na tentativa de fechá-la com a ajuda de Germaine.

Eu respondi, ainda mais displicentemente, olhando para a marca escura na parede onde ficava o espelho oval.

— Ué, claro que vou. Mas antes devo passar algum tempo com a baronesa de Vresse. Germaine vai na frente para a casa de minha filha com a maior parte da bagagem.

Alexandrine lançou-me um olhar perspicaz. Sua voz irritante machucando meus ouvidos:

— Mas veja que estranho, *madame*, eu estive com a baronesa recentemente, entregando flores, e ela não comentou nada disso comigo.

Eu não seria impedida de fazer o que queria, não importava o quanto gostasse da garota (e acredite, Armand, sou mais ligada a essa criatura estranha que está sempre fazendo bico do que à minha própria filha), não deixaria que ela estragasse meus planos. Busquei outra estratégia. Tomei sua mão magra entre as minhas e lhe dei uns tapinhas no pulso.

— Pois bem, Alexandrine, o que você acha que uma velha senhora como eu faria em uma casa vazia, em uma rua fechada? Eu não tenho escolha a não ser ir para a casa da baronesa e depois para a da minha filha. É o que devo fazer. Acredite em mim.

Ela me olhou brava.

— Tentarei acreditar na senhora, *madame* Rose. Tentarei.

Contei, preocupada, a Gilbert:

— De algum modo ela soube pela minha filha que não cheguei... E a baronesa deve ter lhe dito, creio, que não fui para sua casa. Ai, céus...

— Poderemos mudar para outro lugar, se for o caso — sugeriu Gilbert. — Conheço alguns mais quentes e mais confortáveis.

— Não, eu não vou deixar a casa nunca. Nunca.

Ele suspirou arrependido.

— Eu sei, *madame* Rose, mas a senhora deveria dar um pulinho lá fora hoje essa noite, para ver como estão as coisas. Eu deixarei meu lampião mais fraco. As áreas condenadas não têm sido muito vigiadas desde que o frio começou. Não vão nos importunar. O chão tem gelo, mas se a senhora segurar em meu braço ficará bem.

— O que é que você quer que eu veja, Gilbert?

Ele me lançou, meio enviesado, aquele sorriso charmoso.

— Talvez a senhora queira se despedir da *rue* Childebert e da *rue* Erfurth. Não é?

Com dificuldade, engoli em seco.

— É, tem razão.

Sáímos em uma espécie de expedição, ele e eu. Ele me enrolou toda, como se eu estivesse a caminho do Polo Norte. Eu usava um casacão desgrenhado que fedia tanto a anis e carunchos, que suspeitei já ter estado ensopado em absinto. Também tinha uma boina de pelos, endurecida de tão suja, mas que me deixava aquecida. Sem dúvida havia pertencido em outras épocas a algum amigo da baronesa de Vresse ou alguém do tipo. Quando chegamos lá fora, o frio me envolveu em um abraço gelado, que me surpreendeu e me tirou o fôlego. Eu não podia ver nada, a rua estava muito escura. Fez-me lembrar daquelas noites de tinta negra antes da iluminação pública ser instalada. Naquela

época era assustador vir para casa, mesmo por um caminho seguro. Gilbert levantou seu lampião e o abriu para que a chama suave nos iluminasse um pouco mais. Nossa respiração subia em nuvens claras acima de nossa cabeça. Eu me mantinha firme, à espera da cratera que tinha visto quando a casa de Émile foi engolida pelo *boulevard* faminto. Forcei a vista para ver melhor pela escuridão. A fileira de casas em frente à nossa não estava mais lá. Foram arrasadas, era impressionante ver aquilo. No lugar delas, montanhas de destroços que não tinham sido levados — ainda. A loja de *madame* Godfin era um amontoado de madeira demolida. O prédio de *madame* Barou tinha uma das paredes ainda de pé, mas prestes a ruir. A gráfica havia sumido totalmente. A loja de chocolate de *monsieur* Monthier não passava de uma massa de madeira chamuscada. O *Chez Paulette* havia se desintegrado em uma colina de pedras. Do nosso lado da rua, as casas se mantinham bravamente de pé, mas demonstravam uma nova fragilidade que me fazia estremecer. A maior parte das janelas estava quebrada, ao menos as que estavam com as venezianas abertas. Nas fachadas foram afixadas as ordens e os decretos de expropriação. Papel e lixo se amontoavam onde antes passava o calçamento de pedra. Meu querido, era de partir o coração.

Caminhamos lentamente rua abaixo, aquela rua abandonada e estranhamente silenciosa. O ar congelante parecia adensar à nossa volta. Meus sapatos escorregaram na calçada congelada, mas Gilbert me segurava firmemente, apesar de sua perna. Voltei a pensar em como ele era alto. Quando chegamos ao fim da rua, não pude deixar de me assustar: a *rue* Erfurth havia desaparecido totalmente, não havia mais nada até a *rue* des Ciseaux. Nada, a não ser uma bagunça de escombros. Todas as boutiques e lojas familiares haviam desaparecido, assim como o banco em que eu me sentava com *maman* Odette, e mesmo o chafariz, não havia mais nada lá. De repente me senti tonta, como se não entendesse mais onde eu estava. Perdi a força das pernas. Gilbert me perguntou se eu estava bem e eu assenti com a cabeça, sem ação. Sabe, por vezes a idade me alcança e eu me sinto a senhorinha que sou. Acredite, essa noite meus 60 anos pesam imensamente sobre mim.

Eu podia ver ali por onde o *boulevard* Saint-Germain continuaria sua varredura monstruosa,

passando bem ao lado da igreja. As fileiras de nossas casas escuras, onde nenhuma janela mais estava acesa, nossos telhados frágeis se destacavam do céu invernal sem estrelas brilhando. Era como se um gigante tivesse se arrastado por lá e, com uma mão enorme e desajeitada como a de uma criança raivosa, houvesse socado as ruazinhas que conheci por toda a minha vida.

E ainda assim, mesmo com toda a destruição, havia pessoas que ainda moravam em suas casas, prédios que estavam a salvo. As pessoas comiam, bebiam e dormiam, tocavam seu dia a dia, suas vidas comuns, festejavam aniversários, casamentos, batizados. O trabalho realizado por lá foi certamente um incômodo para essas pessoas — poeira, lama, barulho —, mas suas moradias não estavam ameaçadas. Essas pessoas jamais saberiam o que é perder uma casa amada. Eu me senti afundar de tristeza, meus olhos marejaram. E mais uma vez cresceu em mim o ódio pelo prefeito, um ódio tão forte, tão poderoso, que se não fosse pelo braço firme de Gilbert, teria caído dura de cara na neve.

Quando voltamos para casa, eu estava arrasada, e Gilbert deve ter percebido porque passou a noite toda comigo. Um cavalheiro da *rue* des Canettes, que o conhecia e lhe dava dinheiro e comida de vez em quando, ofereceu sopa para o jantar. Nós a bebericamos deliciados, o líquido quente nos preenchendo. Eu não podia deixar de pensar em Alexandrine, vindo por um caminho de difícil acesso, até essa área fechada e condenada da cidade, procurando por mim. Isso me sensibilizou, que ela tenha se arriscado por ruas abandonadas, passando por baixo de barreiras de madeira com avisos ameaçadores de Não passar ou Perigo. Eu me pergunto o que estaria ela esperando? Encontrar-me degustando minha xícara de chá em minha sala de estar vazia? Teria adivinhado que eu usava seu porão como esconderijo? Deve ter suspeitado de algo ou não teria vindo aqui. Gilbert tinha razão. Ela era uma menina esperta. Como sentia sua falta.

Algumas semanas antes, enquanto a rua toda fazia as malas diante da demolição que se aproximava, passamos a manhã juntas nos jardins de Luxemburgo. Ela havia encontrado trabalho em uma grande floricultura perto do Palais Royal.

— Não estou contente, o dono da loja parece ser tão mandão quanto eu. Vão sair faíscas. Mas serve perfeitamente ao momento e pagam bem — explicou-me enquanto dávamos a volta em um canteiro de flores.

— E você encontrou onde morar? — perguntei.

— Encontrei, é um apartamento ensolarado de dois cômodos perto do Louvre. É claro que sentirei falta da *rue Childebert*, *madame* Rose, mas não sou eu a jovem de mente moderna e que apoia o que o prefeito tem feito pela cidade?

Parei de caminhar e olhei como se através dela, como se ela tivesse a minha altura.

— Até parece, minha querida, não consigo acreditar nem por um segundo que você aprove o novo *bois* de Boulogne perto de La Muette.

Ela acenou positivamente e de maneira veemente, o chapéu quase caindo de sua cabeça.

— Sim, eu aprovo, e acho o lago bem bonito.

Fiz um muxoxo. Eu achava o *bois* de Boulogne vulgar e você também acharia se o tivesse visto.

Como aquele ambiente moderno, cheio de relevos ao invés de uma vista livre e plana, além de árvores novas, poderia querer se comparar com o esplendor antigo dos Médici que havia em nosso jardim de Luxemburgo?

Oito anos antes, Alexandrine também não havia se importado com a anexação dos subúrbios, com o fato de nosso 11o *arrondissement* ser agora o 6o. Você tampouco teria gostado. Paris ficou gigantesca, cheia de tentáculos! Agora tinha vinte *arrondissements* e ganhou 400 mil parisienses da noite para o dia. Nossa cidade engolfou Passy, Auteuil, Batignolles-Monceau, Vaugirard, Grenelle, Montmartre, assim como lugares em que eu jamais estivera, como Belleville, La Villette, Bercy e Charonne. Era desconcertante e amedrontador.

Apesar de nossas diferenças, sempre foi interessante conversar com Alexandrine. É claro que ela era cabeça-dura e às vezes saía de perto exaltada, mas sempre voltava com um pedido de desculpas. Eu me afeiçoei a ela de maneira especial. Sim, era como outra filha, uma filha inteligente, amorosa e

culta. Você acha que estou sendo injusta? Creio que sim. Mas você tem de entender como Violette cresceu distanciada de mim, tanto física quanto mentalmente. Um motivo para eu gostar de Alexandrine ainda mais era que ela havia nascido no mesmo ano de Baptiste. 1839. Falei a ela de nosso filho, mas apenas uma vez. Era doloroso demais pronunciar aquelas palavras.

Às vezes me pergunto por que ela não tem marido. Será por conta de sua personalidade forte? O fato de sempre dizer exatamente o que pensa e de que se mostrar submissa lhe seria impossível? Talvez. Ela já me confessou que não sentia falta de ter uma família, um filho. Também disse que procurar por um marido seria a última coisa que ela desejaria na vida. Eu achava essas ideias incredivelmente diferentes, praticamente chocantes. Ao mesmo tempo, Alexandrine não se parece com ninguém que eu conheça. Ela nunca me contou muito de sua infância em Montrouge. Seu pai era chegado a uma bebida e não era muito gentil. Sua mãe morreu quando ela ainda era nova. Desse jeito, veja, acabei me tornando sua *maman*.

Escrevi agora há pouco que depois de você partir duas pessoas salvaram minha vida.

Tenho certeza de que você se surpreendeu com a declaração e talvez tenha se perguntado o que eu estava querendo dizer com isso. Explico agora. (Só uma pequena interrupção: Gilbert está roncando do jeito mais extraordinário que já vi. Eu estou enfiada no porão, o mais agasalhada possível, com um tijolo aquecido em meu colo e ele está lá em cima perto do fogão esmaltado. Ainda assim consigo ouvi-lo. Dá para acreditar? Há muito tempo que não ouço um homem roncar. Desde que você morreu. É um som estranho, mas ainda assim reconfortante.)

Você se lembra da história do cartão cor-de-rosa que recebi certa manhã? O cartão com perfume de rosas? Aquele dia, desci para a loja de Alexandrine pela primeira vez, e ela estava sentada esperando por mim na saleta nos fundos de seu estabelecimento, perto de onde me sento nesse momento para lhe escrever.

Ela havia preparado uma refeição deliciosa. Um delicado bolo de limão, wafers e morangos com creme. Além de um chá delicioso, que eu jamais havia experimentado. Ela me disse que o chá vinha

da China, era chamado de Laspsang Souchong e ela o havia comprado na Mariage Frères, uma nova e requintada loja de chá no Marais.

A princípio fiquei tensa, afinal tivemos um mau começo, como você deve se lembrar, mas ela foi bem agradável comigo.

— A senhora gosta de flores, *madame* Rose? — perguntou.

Tive de lhe confessar que eu não entendia nada do assunto, mas que as achava adoráveis.

— Bem, isso já é um começo! — e riu. — Com o nome da senhora, como poderia não gostar de flores?

Depois de comermos, ela me perguntou se eu gostaria de ficar um pouco na loja, para ver como ela trabalhava. Fiquei surpresa com a oferta, mas também lisonjeada em pensar que a jovem dama achava minha companhia agradável. Ela me pegou uma cadeira e eu me sentei perto do balcão, fazendo meu bordado. Mas para ser sincera, Armand, não bordei muito, porque o que vi e ouvi naquele primeiro dia foi fascinante.

Para começar, como lhe falei, a loja era agradabilíssima, alegre, um colírio para os olhos. Eu estava bem à vontade no meio daquelas paredes cor-de-rosa, os arranjos de flores e o perfume contagiante. Alexandrine tinha um aprendiz juvenzinho chamado Blaise, que não falava quase nada, mas era dedicado.

Para minha surpresa havia muito trabalho na loja. Flores são presentes para tantas ocasiões, tantos motivos. Por toda a tarde vi Alexandrine arranjar habilmente suas íris, tulipas e lírios. Suas mãos eram rápidas e precisas. Ela usava um avental preto e longo que lhe dava uma elegância sóbria.

Blaise pairava em seu entorno, observando-a cuidadosamente. Eles mal se falavam. Vez ou outra, ele saía para entregar um buquê lá por perto.

Não havia qualquer momento de tédio. Do nada, surgiu um cavalheiro encantador, cabelos encaracolados, capa negra esvoaçante, em busca de um botão de gardênia para usar de noite na ópera. Em seguida, uma senhora chegava para encomendar flores para um batismo e outra, que me

levou às lágrimas, toda vestida de preto, além de cansada e pálida, para um velório. O jovem padre que trabalhava com o padre Levasque veio escolher lírios para a reabertura da igreja depois de dois anos de obras de restauro. *Madame* Paccard passou para fazer seu pedido semanal. Ela sempre queria flores frescas para seus clientes no Hôtel Belfort. *Monsieur* Helder queria um arranjo especial para uma festa de aniversário em seu restaurante na *rue* Erfurth.

Alexandrine ouvia atenciosamente cada cliente e cada pedido, fazia sugestões, ouvia novamente, apresentava uma ou outra flor ou imaginava um buquê e o descrevia, ouvia mais um pouco. Ela levava o tempo que precisasse levar, mesmo que se fizesse uma fila na loja, para a qual ela logo arrumaria mais cadeiras, oferecia um doce ou uma xícara de chá e o novo cliente esperava pacientemente. Não era de impressionar que a nova loja andasse tão bem, se comparada ao estabelecimento antiquado e lúgubre de *madame* Collévillé.

Eu ansiava fazer perguntas a Alexandrine enquanto ela corria pela loja. De onde vinham as flores? Como as escolhia? Por que havia se tornado florista? Mas ela se mexia tão rapidamente que eu mal conseguia lhe dar uma palavra. Eu podia apenas observá-la, minhas mãos postas no colo, enquanto ela tocava seu dia de trabalho.

Na manhã seguinte, voltei. Dei uma batidinha tímida na janela e ela acenou com a cabeça, chamando-me para dentro:

— Sua cadeira espera pela senhora, *madame* Rose! — disse com um floreio, e sua voz me pareceu menos irritante, com certo charme até.

Por toda a noite pensei na loja de flores, Armand. Uma vez acordada, ansiei por voltar para a loja e para Alexandrine. Comecei a entender o ritmo de seu dia. De manhã cedo, chegavam as flores frescas, que ela e Blaise buscavam no mercado. Ela me indicou rosas vermelho-escuras divinas.

— Veja, *madame* Rose, elas são tão adoráveis que somem rápido do mercado. Essas são chamadas rosa amadis e são irresistíveis.

E ela tinha razão. Ninguém resistiria àquelas rosas suntuosas, a seu perfume inebriante, sua cor tão

rica e sua textura aveludada. Ao meio-dia, já não havia sobrado mais nenhuma rosa amadis na loja. Todas já teriam sido vendidas.

— As pessoas adoram rosas — explicava Alexandrine enquanto preparava buquês a serem vendidos já prontos para clientes a caminho de casa ou de um jantar. — A rosa é a rainha das flores. É um presente sempre acertado, não tem erro.

Enquanto conversávamos, ela fez três ou quatro buquês. Cada um totalmente diferente do outro, elaborados com flores e folhagens diferentes, além de fitas de cetim. Pareciam tão naturais, harmoniosos, mas eu sabia que tinha dado trabalho fazê-los. Essa menina tinha jeito com flores. Certa manhã, Alexandrine estava agitada. Ela descontava no pobre Blaise, que tocava suas tarefas bravamente, como um soldado diante de um inimigo. Eu me perguntei o que teria gerado aquele tumulto. Alexandrine não parava de olhar o relógio na parede, indo à porta que dava para a rua e a abrindo, o sino da igreja badalando brevemente a cada hora cheia, e ela saía à calçada, mãos na cintura, vasculhando com os olhos a *rue* Childebert de cima a baixo. Eu estava perplexa. Por quem ela estaria esperando? Um noivo? Uma entrega especial?

E de repente, quando achei que nem eu aguentaria mais a espera, uma figura apareceu na soleira da porta. A mulher mais encantadora que já vi.

Ela quase flutuava enquanto caminhava pela loja, como se estivesse em cima de uma nuvem. Ah, querido, como eu poderia sequer começar a descrevê-la? Até Blaise fez uma reverência sobre os joelhos. Ela era pequenina e requintada, uma bonequinha de porcelana. E, claro, vestia-se na última moda. A saia cor de malva (aquele ano a imperatriz só usava malva) com a gola e os punhos de renda branca, e sua touca era a peça mais linda que se possa imaginar. Ela veio com uma serviçal, que esperou do lado de fora naquela manhã primaveril ensolarada.

Não consegui tirar os olhos daquela estranha encantadora. Seu rosto era perfeitamente oval, tinha belos olhos negros, uma pele branquíssima, dentes perolados e os cabelos negros e brilhantes presos em um arranjo com tranças. Eu não tinha a menor ideia de quem seria, mas logo percebi que era

importantíssima para Alexandrine. A senhora estendeu as mãos na direção de Alexandrine, que tomou suas mãozinhas brancas nas dela adorando.

— Ah, *madame*, achei que não viria mais!

A dama adorável jogou a cabeça para trás alegremente em uma risada.

— Mas, *mademoiselle*, mandei avisar que eu chegaria às 10h, e cá estou, apenas alguns minutos mais tarde! Temos tanto a fazer, não é? Estou certa de que teve ideias esplêndidas para mim!

Eu a encarava encantada, assim como Blaise, que chegou a ficar de boca aberta.

— Ah, tive lindas ideias, *madame*. Estava apenas lhe esperando para mostrar. Mas antes deixe-me apresentá-la à proprietária do prédio, *madame* Bazelet.

A dama se virou para mim com um sorriso gracioso. Levantei-me para cumprimentá-la.

— O primeiro nome de *madame* Bazelet é Rose. Não é adorável?

— Ah, é mesmo. Imensamente adorável!

— *Madame* Rose, essa é minha melhor e mais maravilhosa cliente, a baronesa de Vresse.

A mãozinha branca apertou a minha e Alexandrine acenou para Blaise, que correu para pegar papéis e desenhos no quartinho dos fundos e os colocar na mesa da loja com cuidado. Eu quis saber do que se tratava aquilo tudo.

E comecei a entender quando a baronesa descreveu minuciosamente o vestido. Um vestido de baile. Ah, querido, seria um grande evento. A baronesa faria um baile para a própria imperatriz. A princesa Matilde iria, assim como o prefeito e sua mulher, além de todo o tipo de gente elegante. Alexandrine agia como se tudo isso fosse muito corriqueiro, mas eu estava fora de mim tamanha a animação. O vestido estava sendo feito por Worth, claro, o famoso costureiro da *rue de la Paix*, frequentado por todas as damas elegantes. O vestido da baronesa era de um rosa chamejante, disse-nos ela, com um acabamento arredondado na gola, cheio de rendas e uma anágua com cinco camadas de babados, com acabamentos de borlas. Alexandrine mostrou-lhe os esboços. Havia pensado em uma grinalda delicada de botõezinhos de rosa, madrepérola e strass para o cabelo e o corpete do

vestido da baronesa.

Que desenhos lindíssimos! Eu estava impressionada com o talento criativo de Alexandrine, mesmo com tanto trabalho na loja. Imagino que você esteja se perguntando por que eu, que sempre fui tão crítica às frivolidades da imperatriz, estava agora tão admirada com a baronesa de Vresse. Para ser honesta, meu querido, ela era encantadora. Não havia nada de vazio ou superficial naquela dama. Diversas vezes ela me pediu sugestões, como se eu fosse alguém cuja opinião importasse. Não sei quantos anos tinha — talvez na casa dos 20, creio? —, mas se podia dizer que ela teve uma educação impecável. Falava várias línguas e tinha viajado o mundo. Teria também a imperatriz? Certamente. Seja como for, você teria adorado a baronesa. Sei disso.

Ao fim do dia, eu já sabia um pouquinho mais sobre a baronesa de Vresse, nascida Louise de Villebague, casada com apenas 18 anos com Felix de Vresse. Soube que ela tinha duas meninas, Bérénice e Apolline, que ela adorava flores e que diariamente decorava sua casa na *rue* Taranne com arranjos florais. Também descobri que só gostava de trabalhar com Alexandrine, porque *mademoiselle* Walcker “entendia as flores” verdadeiramente, como me disse a baronesa, com um olhar sério naqueles olhos negros e brilhantes.

Paro aqui, querido. Minha mão dói depois de tanto escrever. O ronco de Gilbert é reconfortante e me faz sentir segura. Devo agora me enrolar em todos aqueles cobertores e dormir o máximo que conseguir.

Tenho tido os sonhos mais estranhos. O último, definitivamente esquisito. Eu estava deitada em algum tipo de prado rasteiro, olhando o céu. Era um dia particularmente quente e meu vestido de inverno incomodava um pouco a pele, fazendo-a coçar. O terreno era extremamente macio e, quando virei a cabeça, me dei conta de que me deitava em uma cama feita de uma camada grossa de pétalas. Algumas estavam espremidas e amassadas, o que liberava um perfume delicioso. Não muito longe, pude ouvir uma menininha cantando suavemente. Talvez fosse Alexandrine, embora eu não tivesse muita certeza. Eu queria me levantar mas descobri que não podia, minhas mãos e meus

pés estavam amarrados por fitinhas de seda. Tampouco podia falar porque havia uma echarpe de algodão amarrada, passando pela minha boca. Tentei me libertar, mas meus movimentos eram lentos e pesados, como se eu tivesse sido dopada. Fiquei deitada, então, indefesa. Não estava com medo. Era o calor que me incomodava, assim como o sol queimando minha pele branca. Se eu continuasse ali por mais tempo, eu ficaria cheia de sardas. A cantoria aumentou, o som de passos abafado pelas pétalas. Um rosto desceu a mim e me olhou, eu não conseguia ver quem era por conta do sol forte, mas acabei reconhecendo uma menina que já vi na livraria várias vezes, uma menina com um problema, com o rosto redondo dos mongoloides. Era uma criatura gentil e digna de pena, não consigo lembrar seu nome, mas creio que tenha algum laço secreto com *monsieur* Zamaretti, o livreiro, uma conexão que ele não deseja que se torne pública. Ela estava lá muitas vezes quando eu ia à livraria procurar meus livros. Ficava no chão, brincando com um balão. Às vezes eu lhe mostrava imagens das histórias da condessa de Ségur. Ela ria, ou melhor, daria uns urros bem altos aos quais me acostumei. E lá estava ela em meus sonhos, roçando margaridas em minha testa e urrando sua gargalhada. Eu tentei lhe dizer que me desamarrasse e lhe explicar como, mas ela não me entendia. Eu me exaltei, o sol queimava, chamuscava. Perdi a paciência e gritei com ela. A menina se assustou e se afastou apesar de meu apelo, foi embora numa corrida meio aparvalhada, meio animalesca. Desapareceu. Gritei, mas o lenço na minha boca não deixava o som ir longe. E eu sequer sabia seu nome. Eu me senti indefesa e me derramei em lágrimas. Quando acordei, havia de fato lágrimas nas minhas bochechas.

Rue Childebert, 18 de março de 1865

Minha muito querida madame Rose,

Essa é a primeira carta que lhe escrevo, mas de alguma forma sei que não será a última.

Germaine desceu para avisar que a senhora não viria à loja essa tarde por conta de um resfriado forte. Sinto muito. Vou sentir sua falta por aqui! Melhoras.

Escrevinho enquanto Blaise encaminha os primeiros pedidos do dia. Assim que eu acabar,

mando levar a carta aí em cima. Nessa manhã está gelado aqui embaixo e fico até aliviada em saber que está na cama, quentinha e confortável, com Mariette e Germaine para terem todo o cuidado com a senhora. Acostumei-me a sua presença comigo e mal aguento olhar a cadeira, onde senta para fazer seu bordado, vazia no cantinho. Tenha certeza de que todos os clientes perguntarão onde está. Mas a que ficará mais triste com sua ausência será nossa divina baronesa. Ela vai perguntar a Blaise onde está a senhora, se está tudo bem e vai pensar em mandar por ele um presentinho, um livro talvez, ou os chocolates de que gostamos tanto.

Gosto tanto de nossas conversas. Nunca conversei muito com meus pais. Meu pai preferia eu de vez a sua filha ou mulher, e minha mãe não era das mais amáveis. Tenho de admitir que fui uma criança solitária. Sinto que a senhora é um pouco uma mãe para mim. Espero que isso não a incomode. Sei que já tem uma filha, que, como a senhora, tem nome de flor, embora algo me diga que vocês não são muito próximas. Madame Rose, a senhora ocupou um espaço novo e importante em minha vida, e, hoje, ao olhar a cadeira vazia, percebo isso fortemente. Mas há ainda outra questão que gostaria de tratar agora. É uma questão delicada e não sei bem como começar, mas tentarei.

Todos sabem da minha opinião quanto aos trabalhos do prefeito na cidade, eu os considero um progresso necessário, mas entendo perfeitamente sua opinião. Acontece que, veja, tenho de tirar um peso de mim quanto ao que sei. A senhora tem toda certeza de que nossa vizinhança está a salvo, de que as reformas de melhoria da cidade pouparão a casa de sua família por conta da proximidade com a igreja. Mas não tenho tanta certeza disso. Vejo o que tem sido feito pela cidade e aprovo as mudanças (mas não vamos brigar novamente em relação ao prefeito, afinal a senhora está resfriada e deixo o assunto para lá). Ainda assim, imploro que comece a pensar na possibilidade de receber uma notificação de que a casa será posta abaixo. (Sei que o que escrevo a fará repelir a carta e me odiar. Mas gosto demais da senhora, madame Rose, para me afligir com um aborrecimento passageiro.)

A senhora se recorda de quando me ajudou a entregar aqueles lírios brancos na place Furstenberg, quando o pintor Delacroix morreu em seu ateliê? (Foi há um ou dois anos.) Enquanto estávamos no ateliê, arrumando as flores, ouvi um cavalheiro conversar com outro. Nunca lhe falei isso porque não gostaria de preocupá-la. E jamais acreditei que sua casa estivesse em perigo. Mas agora que vejo o que tem acontecido pela cidade, como os trabalhos estão com um ritmo rápido, as equipes organizadas, sinto o perigo. Um dos cavalheiros (um senhor rico e elegante, de terno bem-cortado e um bigode que dava voltas nas pontas) conversava com outro (mais jovem e claramente menos importante) sobre o prefeito e seu pessoal. Eu não estava prestando muita atenção, mas creio ter ouvido algo como: “Vi o projeto do Hôtel de Ville. Aquelas ruelas escuras em torno da igreja, desde a esquina até aqui, vão desaparecer. São muito estreitas e úmidas. Bom que o velho Delacroix não esteja mais entre nós para ver isso.” Pensei neles quando saímos da casa e seguimos pela rue de l’Abbaye, que aquilo ainda levaria algum tempo para acontecer. Também pensei que a rue Childebert poderia não estar nos planos por ser perto da igreja... Mas não é o caso, como percebi. Ah, madame Rose, temo por isso. Envio a carta por Blaise e peço que a leia até o fim. Precisamos pensar no que fazer se o pior se concretizar. Temos tempo, mas não muito.

Envio também um pequeno buquê de suas rosas favoritas. As cor-de-rosa. Toda vez que as entrego, sinto seu perfume ou as vendo, penso na senhora.

Com carinho,

Alexandrine

Quase não sinto dor es a manhã. Fico impressionada com quão forte meu corpo é na minha idade! Você acha que é porque tenho o coração jovem? Porque não tenho medo? Porque sei que você está a minha espera? Lá fora brilha um sol tímido. O frio está mais forte. Da janela da cozinha, vejo apenas a luz do sol e o céu azul. Nossa cidade, ou melhor, a cidade do imperador e do prefeito sob o sol de inverno. Ah, como ficarei feliz em não colocar mais meus olhos naqueles

boulevards. E não li o que escreveu um dos irmãos Goncourt a respeito dessas ruas? “Os novos *boulevards*, tão longos e largos, tão geométricos e enfadonhos quanto ruas sem fim.” Como eu ri! Alexandrine me arrastou certa noite de verão para um passeio no novo *boulevard* por trás da igreja de Madeleine. Havia sido um dia quente e abafado, e eu ansiava pela serenidade fresca de nossa sala de estar, mas ela não me deu ouvidos. Fez-me colocar um vestido bonito (o preto e rubi), rearrumar meu coque e enfiar os pés naquelas botinhas que você adorava. Francamente, dizia ela, uma dama elegante precisava sair para ver o mundo em vez de permanecer em casa com chá e cobertorzinho de pelo de cabra! Será que eu não amava a cidade? Eu não preferiria estar na rua com ela a ficar sozinha em casa naquela noite? Fui gentilmente importunada.

Tomamos o bonde puxado a cavalos, estava lotado. Nas novas avenidas havia tanta gente que eu mal poderia contar. Fiquei me perguntando se caberia tanta gente em Paris. Também mal podíamos caminhar por nossas novas calçadas pontuadas por amendoeiras. E o barulho, Armand. Rodas que não paravam de rodar, os cascos dos animais batendo constantemente no chão, vozes e risos, os gritos dos vendedores de jornal, meninas floristas oferecendo suas violetas. O clarão das luzes das lojas, a nova iluminação nas ruas. Parecia dia. Imagine um fluxo ininterrupto de carruagens e pessoas. Todos pareciam estar desfilando, ostentando suas joias, suas posses elegantes, um chapéu sofisticado, um busto cheio, quadris largos. Lábios vermelhos, penteados rebuscados, pedras preciosas. As lojinhas expunham suas mercadorias numa enorme profusão de escolhas, tecidos, cores. Clientes entravam e saíam dos cafés luminosos, que tinham fileiras e mais fileiras de mesinhas, com garçons correndo rapidamente para lá e para cá com suas bandejas para o alto. Alexandrine teve de lutar por uma mesa (algo que eu não ousaria fazer), e finalmente conseguimos sentar em frente a um grupo de cavalheiros barulhentos que brindavam efusivamente com suas cervejas. Pedimos licor de ameixa. À nossa direita duas damas extremamente maquiadas se enfeitavam à mesa. Notei seus decotes e os cabelos tingidos. Alexandrine e eu trocamos olhares discretamente, sabíamos o que eram e o que esperavam. E logo um dos homens da mesa de trás se

aproximou e lhes murmurou algumas palavras. Poucos minutos depois saiu de braços dados com as duas, uma de cada lado, debaixo dos assobios dos companheiros. “Revoltante”, murmurou Alexandrine. Eu balancei a cabeça concordando e tomei um golinho de meu licor.

Quanto mais tempo eu ficava sentada por lá, espectadora impotente da vulgaridade, mais brava eu ficava. Dei uma olhada nos enormes prédios sem cor que nos encaravam na avenida de linhas retas e monótonas. Nenhuma luz queimando no interior dos prédios construídos para cidadãos endinheirados. O prefeito e o imperador construíram cenários, à imagem deles. Sem coração. Sem alma.

— Não é grandioso? — murmurou Alexandrine com os olhos vidrados.

Ao olhar para ela, não consegui expressar meu desagrado. Ela era jovem e entusiasmada e amava a nova Paris, como todos a nossa volta, gente que se deleitava naquela noite de verão. Ela caiu no conto da aparência falsa, do exibicionismo, da superficialidade.

Ai, ai... No que se tinha transformado nossa cidadezinha medieval, seu charme estranho, suas ruelas sinuosas e escuras? Àquela noite me pareceu que Paris havia se transformado em uma meretriz espalhafatosa balançando seus frufus.

Há um amontoado de livros ao meu lado. São preciosíssimos para mim. Sim, livros.

Ouçõ agora *vous* dar risinhos. Deixe-me lhe contar como aconteceu e *vous* entenderá por que *monsieur* Zamaretti, depois de Alexandrine, se tornou a segunda pessoa mais importante a me dar vontade de viver.

Certo dia, saindo da floricultura de Alexandrine, minha cabeça cheia de cores e cheiros e pétalas, nos pensamentos do vestido de baile da baronesa de Vresse, encontrei *monsieur* Zamaretti, que me convidou educadamente para ir a sua livraria a qualquer momento livre que eu tivesse. (É claro que ele havia notado como a redecoreção da floricultura havia ajudado nas vendas e decidiu também renovar sua loja. Eu jamais havia ido lá. Sabia que *vous* já tinha ido porque *vous* adorava ler.

Monsieur Zamaretti também percebeu como eu passava horas com Alexandrine, nos últimos dois

anos. Não estaria com um tiquinho de inveja da amizade? Foi então que em um junho chuvoso ele apareceu, quando Alexandrine e suas clientes fofocavam sobre a execução sensacional do doutor Couty-Pommerais na prisão da Roquette. Ele havia sido acusado de envenenar sua amante. Uma multidão foi vê-lo ser guilhotinado. E *monsieur* Zamaretti nos deu todo tipo de detalhes sangrentos, contados a ele por um amigo que tinha ido assistir à execução e ficou bem perto de tudo. Quanto mais tremíamos de horror, mais ele parecia se divertir.)

Aceitei o convite para visitar a livraria e fui naquela tarde mesmo. A primeira coisa que notei quando entrei foi o cheiro de couro e papel. Era um cheiro intoxicante mas agradável. Ele havia feito um ótimo trabalho. As paredes eram de um azul pálido, uma cor apaziguadora, e era possível sentar-se em poltronas confortáveis debaixo de luminárias para ler o quanto bem se entendesse. *Monsieur* Zamaretti tinha uma mesa alta de madeira com lápis, cadernos de anotação, lentes de aumento, cartas e recortes de jornal. Sua loja era mais comprida e escura do que a de Alexandrine, o ambiente intelectual, inspirando estudo. Havia fileiras de livros de todos os tamanhos e cores e uma escada alta para alcançá-los.

A lojinha de Alexandrine era mais cheia de barulho e movimentação, o farfalhar do papel que usava para embrulhar as flores, o sino da porta que tocava a todo momento, a tosse de Blaise. Já na livraria, o silêncio reinava. Notei um cavalheiro em um canto lendo calmamente. Era quase como entrar em uma igreja. Eu dei parabéns a *monsieur* Zamaretti pelo bom gosto e estava prestes a sair quando ele me fez a mesma pergunta que Alexandrine fizera meses antes. A pergunta dele, porém, não tratava do trabalho dela, mas do dele, claro.

— A senhora gosta de ler, *madame* Rose?

Fui pega de surpresa. Não sabia o que responder. Era embaraçoso, claro, admitir que não se gosta de ler, não é? Fiquei como uma idiota, murmurei uma ou outra palavra e olhei para meus sapatos.

— Talvez a senhora fosse gostar de se sentar aqui e ler um pouquinho. — sugeriu ele com um sorriso sereno.

(*Monsieur Zamaretti* não tem uma boa aparência, como você deve se lembrar, mas seus olhos amendoados e seus dentes brancos são dignos de nota, assim como seu jeito bem-cuidado de se vestir. Você sabe como presto atenção nas questões de vestuário, como gosto de detalhes na apresentação das roupas e lhe digo que naquele dia ele estava com calças quadriculadas azul-marinho, um colete roxo e rosa e um *manteau* com gola de forrada de astracã.) Ele me indicou algumas poltronas e se assegurou de que a luminária acima delas estava ligada. Sentei-me meio sem jeito.

— Como não conheço o gosto da senhora, posso fazer algumas sugestões para hoje?

Fiz que sim com a cabeça. Ele sorriu radiante e escalou agilmente a escada. Admirei suas meias verde-esmeralda e ele voltou para baixo equilibrando cuidadosamente alguns livros contra o quadril.

— Trouxe um punhado de autores aqui, que tenho certeza de que gostará: Paul de Kock, Balzac, Dumas, Erckmann-Chatrian...

Ele colocou os volumes encapados em couro com títulos dourados na mesinha a minha frente. *O barbeiro de Paris. O amigo Fritz. A tulipa negra. O coronel Chabert.* Olhei-os um pouco na dúvida, mordi os lábios.

— Ah, tive uma ideia! — disse ele.

Apressou-se novamente e dessa vez pegou apenas um livro, que me entregou assim que seus pés tocaram o chão.

— Esse, eu sei que a senhora vai gostar, *madame Rose.*

Peguei cautelosamente, era bem grosso, notei com o coração meio desesperançado.

— Sobre o que é? — perguntei por educação.

— Sobre uma jovem, bela e entediada. É casada com um médico e está sufocada pela banalidade da vida provinciana.

Notei que aquele leitor silencioso da loja levantou o rosto da leitura e mexeu a cabeça ouvindo atento.

— E o que acontece a essa bela jovem entediada? — perguntei curiosa, no impulso.

Monsieur Zamaretti me encarou como se achasse que tinha fisdado um peixe grande.

— Essa jovem dama era uma leitora ávida de romances de amor. Ansiava por romance, ao mesmo tempo em que achava seu casamento terrível. Ela então se permite ter casos e inevitavelmente acontece uma tragédia...

— Essa história é apropriada para uma dama respeitável da minha idade? — coloquei.

Ele suspirou horrorizado. (Você se lembra de como ele tinha tendências ao exagero, não?)

— *Madame* Rose! Como o seu criado mais digno e humilde poderia ousar lhe propor um livro que não estivesse à altura de sua classe e inteligência? Apenas sugeri esse porque sei que damas não muito dadas à leitura se entregam com paixão a esse livro.

— Muito provavelmente instigadas pelo escândalo do tribunal — opinou o leitor solitário do outro lado da sala. *Monsieur* Zamaretti apumou-se como se tivesse se esquecido da presença do outro no ambiente. — Depois disso, todos quiseram ainda mais ler o livro.

— Exatamente, *monsieur*. O escândalo ajudou furiosamente nas vendas do livro.

— Que escândalo? Que tribunal? — perguntei me sentindo boba novamente.

— Bem, isso deve ter seus três ou quatro anos, *madame* Rose, mais ou menos na época em que seu marido faleceu. O autor foi acusado de aviltar a moral pública e a religião. Foi proibida a publicação da obra toda e isso levou a um processo e a um julgamento muito comentados na imprensa. E, então, todos queriam ler o livro que acendeu tal escândalo. Eu mesmo vendia dezenas de cópias por dia.

Olhei para o livro em minhas mãos, abri a folha de guarda.

— E o que o senhor acha do livro, *monsieur* Zamaretti? — indaguei.

— Creio que Gustave Flaubert seja um dos maiores escritores da nossa história. E que *Madame Bovary* é uma obra de arte.

— O que é isso. Também não é para tanto — zombou o leitor no canto.

Monsieur Zamaretti o ignorou.

— Leia apenas as primeiras páginas, *madame* Rose. Se a senhora não gostar, não continue.

Concordei mais uma vez, inspirando longamente e virei para a primeira página. Eu o fazia por ele, claro, afinal desde sua morte, Armand, ele foi tão gentil, sempre sorrindo acolhedoramente, acenando para mim quando eu passava por sua loja. Aninhei-me confortavelmente naquela poltrona funda e disse a mim mesma que leria por vinte minutos. Então lhe agradeceria e subiria de volta para casa. A próxima coisa que me lembro é de Germaine torcendo as mãos à minha frente. Eu mal lembrava onde estava ou o que fazia. Foi só ali que voltei ao mundo. Germaine, de pé, me olhava meio sem palavras. Então me lembrei de que estava na livraria. Estava um breu lá fora e meu estômago roncava.

— Que horas são? — perguntei baixinho.

— Bem, senhora, são quase 7h. Mariette e eu estávamos preocupadas. O jantar está pronto, o frango já quase passou do ponto. Nós não a encontramos na floricultura e *mademoiselle* Walcker nos disse que a senhora havia saído há tempos.

Ela olhou o livro que tinha em mãos e só então entendi que eu tinha lido por três horas seguidas.

Monsieur Zamaretti me ajudou a levantar, sorrindo triunfantemente.

— A senhora gostaria de voltar amanhã para continuar a leitura? — perguntou tranquilamente.

— Sim — respondi encantada. Fui conduzida ao andar de cima por uma Germaine ríspida, que estalava a língua e balançava a cabeça.

— Está tudo bem, senhora? — perguntou Mariette, surgindo na porta junto do aroma de frango assado.

— *Madame* está bem. Estava lendo. E se esqueceu da vida — respondeu rápido Germaine.

Creio que você teria rido disso, meu amor.

Aos poucos, comecei a passar as manhãs na livraria e as tardes na floricultura com

Alexandrine. Manhãs de leitura, em que eu passava duas ou três horas na livraria, depois comia um

almoço rápido preparado por Mariette e servido por Germaine, para então descer novamente para a loja de flores. Livros e flores se tornaram minha marca pessoal, foi o caminho secreto pelo qual fui capaz de viver depois de você partir.

A cada dia, eu simplesmente mal podia esperar para voltar a Charles, Emma, Léon e Rodolphe. O livro esperava por mim na mesinha em frente àquela poltrona e, num só fôlego, eu corria para ele. Não é fácil explicar como me sentia ao ler, mas tentarei. Você, como leitor, sem dúvida entenderá. Parecia que eu estava em algum lugar em que ninguém podia me perturbar, onde ninguém me alcançava. Nenhum som à minha volta me tocava, a voz de *monsieur* Zamaretti, dos outros clientes, de quem passava pela rua. Mesmo quando a menininha retardada vinha brincar e grunhia e ria enquanto rolava sua bola no chão, ainda assim, eu só via as palavras na página. As frases se tornavam imagens que se desenhavam magicamente, e as imagens voavam pela minha cabeça. Emma com seus cabelos e olhos pretos, tão negros, que às vezes eram quase azuis. Os detalhes mínimos de sua vida me faziam sentir que eu estava a seu lado, vivendo aqueles momentos com ela. Seu primeiro baile em La Vaubreyssard, sua valsa estonteante com o visconde. O ritmo lentíssimo da vida no campo, seu descontentamento crescente, seus sonhos tornados tão vívidos. Rodolphe, a cavalgada no bosque, a entrega, o encontro secreto no jardim. O caso com Léon no esplendor esmaecido de um quarto de hotel. E o fim terrível que me tirou o fôlego. O sangue, a dor, o pesar de Charles.

Como pude eu demorar tanto para descobrir as alegrias da leitura? Lembro de você tão concentrado naquelas noites inverniais lendo diante da lareira. Eu costurava ou cerzia, ou escrevia cartas. Às vezes eu jogava dominó. E lá ficaria você, paralisado em sua poltrona, livro em mãos, olhos passeando de página a página. Lembro de pensar que ler era seu passatempo favorito, um passatempo que eu não partilhava. Não me preocupava com isso. Meus passatempos eram roupas e moda e você tampouco dividia esse gosto comigo. Se eu me maravilhava com o corte de uma roupa ou a cor de um tecido, você se deleitava com Platão, Honoré de Balzac, Alexandre Dumas e Eugène Sue. Ah, meu amor, como me senti próxima a você enquanto devorava *Madame Bovary*. Não

conseguia ver por que tanto bafafá em relação ao julgamento. Não havia Flaubert se colocado justamente dentro da mente de Emma Bovary, fazendo o leitor passar por cada sensação que ela experimentava, seu tédio, sua dor, sua tristeza, seu arrebatamento?

Houve uma manhã, muito cedo, em que Alexandrine me levou ao mercado de flores de Saint-Sulpice. Eu havia pedido a Germaine que me acordasse às 3h da manhã. Foi o que ela fez, a cara inchada de sono, e eu acordei toda animada, sem qualquer cansaço. Finalmente eu iria descobrir como Alexandrine escolhia as flores, o que ela fazia terças e sextas, com Blaise. E lá estávamos nós três na *rue* Childebert silenciosa e escura. Ninguém por ali, apenas uma dupla de mendigos com suas lanternas. Sumiram quando nos viram. Eu mal podia acreditar que colocava os olhos na minha cidade a uma hora daquelas. Você acreditaria?

Descemos a *rue* des Ciseaux, e na *rue* des Canettes se podiam ver as primeiras carroças e os carrinhos sendo levados à praça em frente à igreja. Alexandrine explicou que o prefeito estava construindo um mercado novo perto da igreja de Saint-Eustache, uma construção enorme, com pavilhões de metal e vidro, sem dúvida algo monstruoso, que estaria pronto esse ano ou no próximo, mas como você pode imaginar eu não tinha a menor vontade de ir lá. Tampouco eu queria contemplar os trabalhos de construção da nova ópera, tão grandiosa. Em breve seria nesse mercado novo e enorme que Alexandrine teria de ir para reabastecer seu estoque de flores. Mas na manhã que lhe conto, meu bem, estávamos em Saint-Sulpice, onde se montava a feira de flores duas vezes por semana. Era uma manhã gelada de primavera, e fechei bem meu casaco, desejando ter levado uma echarpe de lã, a cor-de-rosa. Blaise puxava um carrinho de madeira que lembrava uma pequena charrete, praticamente do tamanho dele.

Quando nos aproximamos, pude ouvir o burburinho das vozes e o barulho das rodas nas pedras das ruas. Os lampiões a gás debaixo das barracas faziam círculos de luz em cada uma. O aroma familiar e suave das flores me recebeu ali, como o abraço de um amigo. Seguimos Alexandrine por um labirinto colorido e florido. Ela me dizia o nome de cada flor ao passarmos: cravo, campânula-branca, tulipa, violeta, camélia, miosótis, lilás, narciso, flor anêmona, ranúnculo... Era como se ela

estivesse me apresentando a seus melhores amigos:

— Ainda está cedo para as peônias, mas quando começarem a aparecer, verá que ficam quase tão populares quanto as rosas.

Alexandrine percorria as bancas de maneira profissional e agitada. Sabia exatamente o que queria. Os vendedores a cumprimentavam chamando-a pelo primeiro nome, alguns deles flertando abertamente, mas ela não dava a mínima. Apenas sorria. Torceu o nariz para os punhados de botõezinhos de rosas brancas, que eu tinha adorado. Ao perceber que eu não tinha entendido aquilo, ela indicou que não estavam frescas.

— Rosas brancas Aimée Vibert precisam ser simplesmente perfeitas — sussurrou —, têm de parecer como seda branca fina, com as pontinhas com traços claros de rosa. São usadas para buquês de casamento, sabe. Essas não vão durar muito tempo.

Como ela podia saber? Talvez pelo jeito como as pétalas se curvavam e o tom do caule? Eu estava atordoada mas radiante, vendo-a examinar com os dedos folhas e pétalas, com seu toque habilidoso e seguro, às vezes descendo o nariz para sentir melhor o cheiro ou deixando pétalas acariciarem seu rosto. Ela entrava em duras negociações com os vendedores. Fiquei impressionada com seu pulso. Não abrandava, não cedia, em nenhum momento. Tinha 25 anos e falava de igual para igual com vendedores experientes de meia-idade.

Perguntei de onde vinha aquela imensa massa de flores.

— Do *Midi*, do sul e do sol — respondeu Blaise.

Eu não podia deixar de pensar na corrente de flores que surgia na cidade dia após dia. E para onde iriam aquelas flores depois de vendidas?

— Bailes, igrejas, casamentos, túmulos — disse Alexandrine, enquanto Blaise colocava com agilidade no carrinho as flores compradas por ela. — Paris está sempre faminta de flores, *madame* Rose. A cidade precisa de sua cota diária de flores. Flores para o amor, para o pesar, para a alegria, para a lembrança, para os amigos...

Perguntei, então, o porquê de ela ter escolhido essa profissão. Alexandrine sorriu, passou a mão nos cabelos enrolados no coque no alto de sua cabeça.

— Havia um grande jardim perto de onde eu morava em Montrouge. Era lindo, com um chafariz e uma estátua, e onde eu brincava todas as manhãs. Os jardineiros que trabalhavam ali me ensinaram tudo sobre flores. Era fascinante. Eu os observava e aprendia. Rapidamente compreendi que as flores acabariam por se tornar parte da minha vida. — E então acrescentou em voz baixa para que apenas eu ouvisse: — As flores têm uma língua própria, *madame* Rose. Uma linguagem muito mais poderosa que a das palavras. — E escorregou uma rosinha fechada e cor-de-rosa em minha lapela.

Eu a imaginei criança, magra e alta, com seus cachinhos revoltos em duas tranças vagando pelo jardim de Montrouge, uma área verde que cheirava a rosa e resedá, inclinando sobre botões de flores com suas mãos alongadas e sensíveis, examinando pétalas, espinhos, bulbos e florações. Ela havia me contado que fora uma criança sozinha, sem irmãos e entendi como as flores se tornaram seus melhores amigos.

Naquele momento, o sol começava a aparecer timidamente sobre as duas torres de Saint-Sulpice. Os lâmpões a gás foram desligados. Eu me senti como se já estivesse acordada há dias, era hora de voltar à *rue* Childebert. Blaise arfava puxando o carrinho atrás de si e assim que chegamos à floricultura, as flores foram habilmente colocadas em jarros com água.

Logo, logo a campainha na porta começaria a tocar e as flores de Alexandrine tomariam seus caminhos mágicos e perfumados pela cidade. Minha florista continuaria um mistério, como ainda é hoje. Por todos aqueles anos e apesar de nossas longas conversas quando passeávamos pelo Luxemburgo, continuo sem saber muito sobre ela. Será que ela tem um jovem rapaz em sua vida? Talvez seja amante de um homem casado. Simplesmente não tenho a menor ideia. Alexandrine é como aquele cacto fascinante de *maman* Odette, enganadoramente macio, terrivelmente espinhento. Pouco a pouco aprendi a viver sem você. Eu tive de aprender. Não é o que acontece com as viúvas? Era outra vida. Tentei ser forte. Eu acreditava que era. O padre Levasque, ocupado com a

restauração da igreja feita por um dos arquitetos do prefeito, *monsieur* Baltard (o mesmo que agora constrói um novo mercado, como acabei de contar), não tem mais tempo para uma caminhada comigo nos jardins de Luxemburgo. Tenho de me arranjar por mim mesma. E foi o que fiz, com a ajuda de meus novos amigos. Alexandrine me mantém ocupada. Ela me envia em missões de entrega com Blaise. Fazemos um belo par, ele e eu. Somos cumprimentados da *rue* de l'Abbaye à *rue* du Four, ele com seu carrinho e eu segurando em meus braços as flores preciosas.

Nossa entrega preferida são as rosas da baronesa de Vresse. Alexandrine passa a maior parte da manhã as escolhendo, o que lhe toma certo tempo. Elas têm de ser as mais delicadas, as mais adoráveis, as mais aromáticas. A rosa Adèle Heu, que é cor-de-rosa, a branca Aimée Vibert, a Adelaide d'Orléans, que é marfim, ou a vermelho-escura, Amadis. Depois de escolhidas, são cuidadosamente embrulhadas em papel macio e caixas, os talos molhados, e temos pouco tempo para entregá-las.

A baronesa de Vresse vive em um belo prédio antigo na esquina da *rue* Taranne com a *rue* du Dragon. A porta da frente era aberta por seu criado, Célestin. Ele tem um rosto sério, um sinal esquisito com pelos na ponta do nariz, que me incomoda, mas é extremamente dedicado à baronesa. Tínhamos de subir uma longa escadaria de pedra, o que sempre nos tomava algum tempo, com Blaise puxando o carrinho com força e eu tomando cuidado para não escorregar nas pedras antigas. A baronesa nunca nos deixava esperar. Ela colocava a mão na cabeça de Blaise e lhe dava algumas moedinhas, mandava-o de volta à loja e ficava comigo. Eu a via cuidar das flores. Apenas eu, Alexandrine e Blaise podíamos lhe levar flores, ninguém mais. Eu me sentava com ela em um cômodo grande e iluminado, seu “covil”, dizia ela. Era belamente simples. Nada de veludo vermelho, dourados, espelhos ou candelabros brilhantes. As paredes eram de um magenta clarinho e havia desenhos de crianças presos nessas paredes. O tapete era branco e macio, o dossel, revestido com tela de Jouy. Era como estar em uma casa de campo. A baronesa gostava de arranjar suas rosas em vasos altos e finos, e havia sempre pelo menos três desses arranjos. Às vezes, seu marido corria

entrando e saindo, um homem vivaz e ativo, que mal me percebia, ainda assim, não havia nada desagradável nele.

Eu poderia me sentar ali por horas, aquecendo-me naquela atmosfera feminina. Você pode se perguntar de que falávamos. De suas filhas, duas menininhas meigas que por vezes eu via passar com a governanta. Sua vida social, que me fascinava, o *Bal Mabille*, a ópera, o teatro. Também conversávamos muito sobre livros, porque, como você, ela era uma grande leitora. Tinha lido *Madame Bovary* de uma vez só, para desespero (e preocupação) do marido, porque ela não conseguia largar o livro. Eu admiti para ela que era uma leitora nova, que meu novo passatempo surgiu graças a *monsieur* Zamaretti, cuja livraria era ao lado da loja de Alexandrine. Falávamos dos livros, eu e ela, e ela me sugeriu ler Alphonse Daudet e Victor Hugo, cujos trabalhos me foram descritos por ela de forma arrebatadora.

Como nossas vidas eram diferentes, eu pensava. Não tinha ela beleza, inteligência, educação e um casamento magnífico? Ainda assim, eu sentia uma sombra de tristeza em Louise de Vresse. Ela era bem mais jovem que eu, mais jovem que Violette, que Alexandrine, mas era de uma maturidade que raramente se via em pessoas de sua idade. Eu me perguntava, enquanto admirava sua figura graciosa, quais seriam seus segredos. O que havia debaixo do verniz. Tive vontade de me confidenciar com ela a fim de ouvir suas próprias confidências. Mas é claro que eu sabia o quão improvável isso seria. Lembro-me que houve uma troca encantadora entre nós. Certa manhã, após fazer a entrega de flores à baronesa, me sentei junto a ela para uma xícara de chocolate quente servida por Célestin. (Que linda porcelana de Limoges marcada com o brasão da família De Vresse!) Ao meu lado, ela lia o jornal, entrecortando a leitura com comentários espirituosos. Eu amava isso nela, seu interesse vívido pelo que se passava no mundo, sua curiosidade natural. Por certo que a baronesa não tinha nada de coquete vazia e sem cérebro. Naquela manhã ela estava com um vestido magnífico de saia armada, branco como pérola e com detalhes em seda na barra e um corselete de gola alta, que valorizava seu busto.

— Ah, graças a Deus! — exclamou ela num rompante, inclinada sobre uma página.

Ela explicou que a imperatriz interveio pessoalmente para diminuir a pena do poeta Charles Baudelaire. E quis saber se eu havia lido *Flores do mal*. Respondi que *monsieur* Zamaretti havia me falado do livro recentemente e me contado que os poemas acabaram por levar a um processo e um escândalo, como com *Madame Bovary*, de Flaubert. No entanto, eu ainda não o havia lido. Ela se levantou, foi ao cômodo ao lado, pegou um pequeno volume e me entregou. Era uma bela edição em couro fino verde e a encadernação ornada com uma coroa de flores exóticas entrelaçadas.

— Creio que gostará imensamente desses poemas, *madame* Rose — disse ela. — Por favor, pegue esse exemplar emprestado e o leia. Aguardo ansiosamente para saber sua opinião.

Voltei para casa e depois do almoço me sentei para ler o livro, com certa desconfiança. Os únicos poemas que eu havia lido eram os que você me escrevia, meu amado. Temi acabar entediada com aquelas páginas. O que eu diria à baronesa para não correr o risco de magoá-la? Ainda assim, sei que na condição de leitor, deve-se confiar no autor, no poeta. Eles sabem como tomar nosso lugar e nos tirar da vida comum para nos enviar a outro mundo que nós mal imaginávamos existir. É o que fazem os escritores talentosos. E foi o que Baudelaire fez a mim.

Villa Marbella, Biarritz, 27 de junho de 1865

Minha cara madame Rose,

Muito obrigada por sua carta. Demorou um pouco para chegar a mim porque estou agora no País Basco, na casa de lady Bruce, uma amiga querida, inglesa de muito bom gosto e uma ótima companhia. Conheci-a em Paris alguns anos atrás, em um almoço de damas no Hôtel de Charost, que, como você deve saber, é a embaixada britânica na rue Saint-Honoré. A embaixatriz, lady Cowley, colocou lady Bruce sentada perto de mim na mesa e nos demos extremamente bem, apesar de nossa diferença de idade. Talvez se possa dizer que ela tem idade para ser minha avó, porém não há nada de velho em lady Bruce, ela é inacreditavelmente cheia de energia. Mas, enfim, sua carta está aqui, e fico feliz em ler suas palavras e saber notícias suas. Adorei saber que você se

encantou com Charles Baudelaire! (Meu marido não suporta que eu fique tão abobada com os versos de Baudelaire, e me sinto muito aliviada em ver na senhora uma aliada.)

Ah, que alívio sair da rue Taranne, da Paris barulhenta e poeirenta! Ainda assim, sinto imensa falta de minha florista preferida (e da companhia dela). Não consigo encontrar em lugar algum dessa cidade — apesar da presença da própria rainha Isabela de Espanha, sem falar da própria imperatriz — alguém que entregue flores tão lindas e que crie arranjos de cabeça tão deslumbrantes quanto ela. O que fazer? Como a senhora deve saber, madame Rose, Biarritz é ainda mais elegante e brilhante do que a própria capital francesa.

Nossa estadia aqui é um turbilhão de bailes, fogos de artifício, excursões e piqueniques.

Francamente, eu não me importaria em passar algum tempo com um vestidinho simples e um livro, mas lady Bruce e meu marido não me ouviriam se eu falasse isso. (Lady Bruce fica enervada quando não acontece o que ela quer. Ela é um toquinho de mulher, tem metade da sua altura, e ainda assim manda em tudo com mão de ferro. Serão aqueles olhos verdes pálidos? Talvez, aqueles lábios finos com um jeito tão charmoso e ao mesmo tempo impetuoso? Mesmo seus passos em suas pantufinhas são marcados pela autoridade.)

Vou lhe contar sobre a casa dela, a Villa Marbella. Tenho certeza de que a senhora a adoraria.

É praticamente uma fantasia, das mais esplêndidas, em mármore, cerâmica e mosaicos mouros, como se saída das Mil e uma noites. Imagine arcadas alongadas, chafarizes cintilantes, piscinas refletindo as luzes do dia ou da noite, um pátio coberto e um domo de vidro através do qual brilha o sol. E, claro, a vista da praia, do mar. Quando se olha para o sul, por lá desponta a Espanha! Tão perto, e os picos dos Pireneus, sempre cobertos de nuvens fofas. Ao se virar para o norte, lá está Biarritz com seus despenhadeiros e as ondas espumando.

Adoro estar perto do mar, a não ser pelo fato de essa proximidade deixar meu cabelo terrivelmente encrespado. Tenho de alisá-lo todas as noites, o que é bem tedioso, confesso. Em especial quando é antes de nossa carruagem nos levar a Villa Eugénie, onde a imperatriz nos

espera, naquela magnífica mansão em forma de E, sobre a qual com certeza a senhora já deve ter lido. (Sei que acompanha as modas de perto e creio que vibraria de excitação diante dos vestidos fabulosos que se usam nessas noitadas mágicas. Exceto pelas anáguas que ficam cada vez maiores e começam a tornar complicado ir a festas muito cheias.)

A senhora também pergunta como estão minhas meninas; que gentil de sua parte. Bem, Apolline e Bérénice amam estar por aqui. Não as deixo se aproximar demais do mar, afinal as ondas são imensas. (Soubemos outro dia de um jovem que se afogou em Guéthary. Foi puxado pela corrente. Uma tragédia.)

Levei as meninas e a governanta a um interessante evento social essa semana. O tempo estava chuvoso e mesmo tempestuoso, mas ninguém ligou. Uma multidão se reuniu na praia e no porto à espera do imperador. Estávamos bem espremidas, mas conseguimos ficar bem. Logo adiante do porto e daquelas águas traiçoeiras que apanham tantos navios, está uma laje imensa, marrom, que surge do mar salpicado. No topo da rocha, há uma estátua branca de uma grande madona, feita sob encomenda do imperador para proteger todos do mar que busquem terra firme. O imperador e sua mulher foram os primeiros a caminhar naquela ponte delgada de madeira e ferro que leva à laje. Andaram pela ponte sob os aplausos da multidão. Logo seguimos o caminho e as pequenas ficaram impressionadas com a oscilação das ondas que batiam na plataforma de pedra. Olhei para o alto, para o rosto branco da Nossa Senhora congelada na brisa, olhando para o oeste, para as Américas, e me perguntei por quanto tempo ela duraria, quanto tempo ficaria ali se batendo contra tempestades violentas, vento e chuva.

Mande meus melhores sentimentos a Alexandrine e Blaise. Voltarei no fim da estação e espero ansiosamente receber outra carta sua.

Louise Eglantine de Vresse

Senti outra vez a mão gelada e o hálito do invasor em meu rosto. A luta para afastá-lo de mim, os chutes furiosos e enérgicos, meus braços e minhas pernas que se chacoalhavam, meu grito

abafado com a mão imunda dele tentando tapar minha boca. O momento aterrorizante em que compreendi que meus esforços seriam em vão e que ele teria o que queria. A única maneira de afastar o pesadelo é escrever para você. Estou cansada, tão cansada, meu amor. Quero que chegue logo o fim. Sei que está perto. Mas há mais a lhe falar. Tenho de concentrar meus pensamentos, temo deixar você ainda mais confuso. Não terei forças por muito mais tempo. Estou velha demais para viver sob essas condições. Ainda assim, você sabe, nada me fará sair dessa casa.

Agora me sinto um pouco melhor. Mesmo que tenham sido poucas, algumas horinhas de sono me rejuvenesceram. Agora é o momento de lhe falar da minha batalha contra o prefeito, falar do que enfrentei. Quero contar tudo o que tentei para salvar nossa casa. Depois de a carta chegar, ano passado, fui percebendo aos poucos como cada vizinho reagiu. Apenas *madame* Paccard, doutor Nonant e eu decidimos entrar na briga.

Apesar do sucesso da Exposição Universal, no ano passado, as coisas começaram a mudar. O prefeito não estava mais com aquela aura gloriosa de antes. Depois de 15 anos de destruição, começou um lento murmúrio de descontentamento, primeiro não muito percebido, depois mais e mais alto. Li artigos de jornal duros com o prefeito, assinados pelo *monsieur* Picard e pelo *monsieur* Ferry. Os dois foram virulentos. Todos parecem questionar o financiamento das obras e a extensão dos trabalhos. Teria razão o prefeito em arrasar com a *Île de la Cité*? Em fazer o Quartier Latin passar pelo que passou? Não terá pesado demais na mão com a cidade? E, afinal, como exatamente tudo isso foi financiado? E no meio disso tudo, veja só, o prefeito deu dois passos em falso. Creio que tenham custado sua honra. Só o tempo dirá.

O primeiro erro foi com o Luxemburgo. (Ah, meu bem, você teria perdido a tranquilidade se tivesse vivido isso. Posso imaginá-lo resmungando com seu café matinal quando lesse no jornal sobre o decreto em questão.) Foi em um dia gelado de novembro e Germaine estava ocupada com a lareira enquanto eu lia as notícias. Vi o terrível artigo. Cortariam 10 acres dos jardins de Luxemburgo a fim de melhorar o trânsito nas *rues* Bonaparte e Férou. Pelo mesmo motivo, cortariam

fora o lindo horto na parte sul do jardim. Rapidamente me coloquei de pé, encarando Germaine e corri lá para baixo, para a floricultura. Alexandrine aguardava uma entrega importante.

— Não me diga que concorda com o prefeito a respeito disso — rosnei, balançando o jornal para ela. Eu estava tão brava que batia os pés no chão ao caminhar.

E ela era, afinal, uma amante da natureza:

— Ai, isso é terrível! — exclamou.

Naquela tarde, apesar do frio, as pessoas se reuniram diante das grades do jardim, em seu lado virado para a *rue Férou*. Fui com Alexandrine e *monsieur* Zamaretti. Logo se juntou uma bela multidão e os *gendarmes* foram chamados para manter tudo sob controle. Estudantes gritavam: “Vida longa aos jardins de Luxemburgo!” Abaixo-assinados rodavam fervorosamente. Devo ter assinado três, com a mão enluvada, meio troncha. Era excitante ver como parisienses tão diferentes, de todas as idades e classes, uniam-se para proteger o jardim. Uma dama elegante próxima a mim conversava muito atenta com uma lojista. *Madame* Paccard estava lá com todo o pessoal do hotel. *Mademoiselle* Vazembert estava de braços dados com dois cavalheiros. E de longe ainda vi a adorável baronesa de Vresse e seu marido, junto da governanta e das duas menininhas.

A *rue* de Vaugirard estava apinhada de gente. Eu me perguntei como conseguiríamos chegar em casa, mas isso não me preocupou de fato. Eu me sentia a salvo com Alexandrine e *monsieur* Zamaretti. Todos aqui, cada um de nós se juntava ao outro contra o prefeito. A sensação era maravilhosa. Na manhã seguinte ele saberia de nós, quando desse uma olhada nos jornais, junto a sua equipe, em busca de seu nome, o que pelo que se dizia, era a primeira coisa que fazia no dia. Também saberia de nós quando os abaixo-assinados começassem a se amontoar sobre sua mesa. Como ele ousava mutilar nosso jardim encantado?! Todos os que estavam ali aquela tarde partilhavam de laços especiais com o local, seu palacete, seus chafarizes, o lago central, as esculturas, os canteiros de flores. O jardim tão pacífico era símbolo de nossa infância e de nossas memórias. Estávamos fartos das ambições de longa data do prefeito, ambições tão cheias de si.

Dessa vez, ficaríamos contra. Não o deixaríamos deformar os jardins de Luxemburgo.

Os encontros aconteceram por dias, cada vez com mais manifestantes. Você teria achado emocionante. Os abaixo-assinados ficavam com mais e mais folhas e os artigos nos jornais ficavam cada vez mais negativos em relação ao prefeito. Estudantes fizeram badernas nas ruas e certa noite o próprio imperador foi confrontado por uma multidão, quando estava prestes a entrar no teatro do Odéon para uma peça. Eu não estava lá, mas Alexandrine me contou o ocorrido. Ela disse que o imperador parecia constrangido, parando nos degraus, protegendo-se meio escondido em sua capa. Ouviu o que as pessoas diziam e balançou seriamente a cabeça.

Algumas semanas depois, Alexandrine e eu lemos que o decreto havia sido retificado porque o imperador e o prefeito reviram os planos de obras. Ficamos felicíssimas, mas infelizmente nossa alegria foi breve. Os jardins perderiam algumas partes, ainda que não um pedaço tão grande quanto antes. O horto, por exemplo, estava com os dias contados. Foi uma vitória um pouco desapontadora. Em seguida, logo depois de o caso Luxemburgo sair da boca do povo, outra questão, ainda mais odiosa, surgiu. Mal tenho palavras para descrever a você.

Acredite se quiser, mas o prefeito começou a ficar obcecado com a questão da morte. Estava convencido de que a poeira que emanava dos cemitérios parisienses trazia partículas dos corpos em decomposição e contaminava a água. Li, estupefata, que o prefeito pretendia fechar os cemitérios de dentro da cidade por motivos sanitários. Os mortos agora seriam levados a Méry-sur-Oise, perto de Pontoise, a 30km de distância, para um cemitério enorme, uma necrópole moderna. O prefeito idealizou trens especiais para mortos, que saíam das estações de Paris e nos quais as famílias iriam com os caixões de seus mortos para o enterro em Méry. Foi algo monstruoso de se ler. Mal consegui descer para mostrar a Alexandrine. Fiquei simplesmente paralisada, pensava em meus entes queridos, você, Baptiste, *maman* Odette. Eu me imaginei tomando o trem sinistro enrolada em crepe preto, cheia de pranteadores, agentes funerários e padres para visitar os túmulos de vocês. Senti que estava prestes a explodir em lágrimas. E acho que chorei mesmo. Nem precisei mostrar o jornal a

Alexandrine, ela já havia lido a respeito. Mas dessa vez achou que o prefeito tinha razão. Acreditava na completa modernização do sistema de fornecimento de água e pensava ser saudável a ideia de enterrar os mortos fora da cidade. Eu estava aborrecida demais para contradizê-la. Onde estariam os mortos de Alexandrine, me perguntei. Não em Paris. Se estivessem, ela não teria reagido daquela maneira.

Por sinal, a maior parte das pessoas estava como eu, escandalizada. Ainda mais depois de o prefeito anunciar que o cemitério de Montmartre passaria por reformas. Dezenas de túmulos seriam removidos para que se pudessem colocar os pilares de uma nova ponte que subiria a encosta. A polêmica veio de maneira devastadora. Os jornais tratavam muito do assunto. A oposição ao prefeito, venenosa, atizou o fogo. *Monsieur Fournel* e *monsieur Vuillot* escreveram panfletos mordazes e brilhantes, que você teria admirado. Depois de mandar milhares de parisienses fazer as malas e abandonar seus lares, ele agora deportava os mortos. Que sacrilégio! Toda Paris se alvoroçou. Sentia-se que o prefeito pisava em ovos.

O golpe final veio com a publicação de um artigo emocionante no *Figaro*. Uma senhora chamada *madame Audouard* (uma daquelas damas modernas que escreve de maneira audaciosa, não como a condessa de Ségur e suas historinhas brandas para crianças) havia enterrado um filho em Montmartre. Não sei quantos anos ele tinha, mas ela e eu partilhávamos da mesma dor inominável. Quando li o artigo, tenho de admitir, chorei outra vez. Suas palavras trespassaram meu coração: “Senhor prefeito, todas as nações, mesmo aquelas que chamamos de bárbaras, respeitam os mortos.”

Dessa vez, Armand, o imperador não apoiou o prefeito. A oposição era tão feroz que o projeto foi abandonado em poucos meses. O prefeito estava agora sob ataque, estava frágil pela primeira vez. Afinal.

Sens, 23 de outubro de 1868

Minha querida madame Rose,

Não há como agradecer o suficiente por seu inestimável apoio. Talvez a senhora seja a única

peessoa do mundo a realmente compreender o desespero e a desordem de espírito quando tive de me resignar com a destruição do hotel. A senhora e eu sabemos o poder que as casas têm, como esse poder nos envolve e a imensa satisfação que temos com nossas casas. O hotel era como uma parte de mim e a ele entreguei meu coração, meu corpo e minha alma, assim como fez meu amado marido, quando ele ainda estava entre nós. Me lembro da primeira vez em que coloquei os olhos no prédio. Era uma forma escura, taciturna e caindo aos pedaços, esgueirando-se perto da igreja. Por anos ninguém viveu lá, estava infestado de ratos e fedia a umidade.

Meu marido, Gaston, percebeu o que poderíamos fazer daquele prédio. Sim, ele tinha olho para isso, como se diz por aí. Às vezes, casas são como pessoas, são tímidas, não mostram sua personalidade facilmente. Levou um tempo para a conquistarmos, para domesticá-la e chamá-la de nossa, mas conseguimos, e cada instante desse processo foi um momento de alegria.

Desde o início eu queria que fosse uma hospedaria. Eu sabia o que isso significava, a quantidade de trabalho necessário, mas não me intimidei, muito menos Gaston. Quando penduramos o letreiro pela primeira vez, Hôtel Belfort, na varanda do primeiro andar, a alegria e o orgulho eram tantos que eu poderia ter desmaiado. Como a senhora sabe, quase sempre o hotel estava praticamente cheio. Era o único estabelecimento de qualidade nessa área, e assim que começou o boca a boca, nunca mais nos faltaram clientes.

Como sinto falta de meus clientes, madame Rose, de suas conversas, sua fidelidade, seus caprichos. Mesmo os clientes estranhos, mesmo os cavalheiros respeitáveis que subiam a seus quartos para se embolarem com mocinhas quando eu olhasse para o outro lado. A senhora se lembra de monsieur e madame Roche, que vinham a cada mês de junho para comemorar seu aniversário de casamento? E de mademoiselle Brunerie, a charmosa senhorita de idade, que sempre reservava um quarto do último andar, o que dava vista para o telhado da igreja? Dizia que a fazia sentir perto de Deus. Como pode um lugar em que eu me senti tão segura, a ponto de chamá-lo de casa, mas também o lugar em que eu ganhava dinheiro, que trazia a minha renda,

como pode esse lugar tão facilmente ser varrido da face da Terra?

Como a senhora sabe, optei por partir antes da demolição da rue Childebert e agora lhe escrevo da casa de minha irmã, em Sens, onde tento me estabilizar com uma pensão de família sem muito sucesso. Lembro de como entramos duro nessa batalha, eu, a senhora e o dr. Nonant, mas especialmente a senhora. A mim parecia que os outros moradores da rua haviam aceitado tranquilamente seus destinos. Talvez tivessem menos a perder. Talvez até desejassem começar uma nova vida em outro lugar. Por vezes me pergunto o que lhes terá acontecido.

Sei que o mais provável é que não vejamos novamente nossos vizinhos. Que pensamento estranho, afinal todas as manhãs de nossas vidas demos bom-dia a essas pessoas. Todos aqueles rostos familiares, os prédios e lojas familiares. Monsieur Jubert repreendendo seus funcionários, monsieur Horace já fungando às 9h da manhã, madame Godfin e mademoiselle Vazembert também de pé e como um par de galinhas cacarejando, monsieur Bougrelle papeando com monsieur Zamaretti, além do cheiro delicioso e maravilhoso de chocolate vindo da loja de monsieur Monthier. Morei tantos anos na rue Childebert, talvez quarenta, não, 45, que não posso vislumbrar seu desaparecimento. Não quero jamais pousar meus olhos sobre o boulevard moderno que a abocanhou. Jamais.

E a senhora? Decidiu se mudar para a casa de sua filha? Por favor, de vez em quando, envie notícias. Se quiser me visitar aqui em Sens, avise-me. A cidade é bem agradável. Um descanso bem-vindo depois de tantas obras, poeira e barulho de Paris. É reconfortante que meus clientes ainda me escrevam para contar como sentem falta do hotel. A senhora sabe como eu os tratava a pão de ló. Cada quarto era imaculado, decorado com simplicidade e bom gosto e recebia diariamente flores de mademoiselle Alexandrine, sem falar dos chocolates de monsieur Monthier. Como sinto falta de ficar na recepção recebendo meus clientes. Também os visitantes internacionais, que eram muitos. Foi enlouquecedor ter de fechar as portas em meio à Exposição Universal. E foi atroz ter de aceitar a destruição total de tantos anos de trabalho.

Muitas vezes penso na senhora, madame Rose. Sua bondade e seu encanto com todos da rua, sua coragem quando seu marido partiu. Monsieur Bazelet era um verdadeiro cavalheiro. Sei que teria odiado ver sua casa amada destruída. Me lembro de vocês dois caminhando pela rua antes de a doença tomar conta dele. Que par elegante! Belos, bem-vestidos e charmosos. E me lembro ainda do menininho, que Deus o tenha. Ninguém jamais esquecerá seu filho, madame Rose. Que Deus o abençoe e à senhora. Espero que esteja feliz com sua filha porque lembro que não era tão chegada a ela quanto a ele. Talvez esse martírio as tenha deixado mais próximas.

Envio-lhe meus melhores sentimentos de amizade e minhas preces. E espero que venhamos a nos encontrar outra vez.

Micheline Paccard

Eu aqui embaixo com meus livros. Belos, lindamente encadernados, em cores diferentes.

Não gostaria de me separar deles. *Madame Bovary*, claro, foi o que abriu as portas para a magia de ler. *As flores do mal* de Baudelaire, que eu voltava a ler às vezes com o passar do tempo. O fascínio dos poemas, em relação aos romances, é que se pode ler apenas um ou dois, depois mais alguns, como um banquete sem fim em que alguém se regala de pouquinho em pouquinho. A poesia de *monsieur* Baudelaire é estranha e assustadora, cheia de imagens, sons, cores às vezes perturbadores. Será que você gostaria deles? Creio que sim. Eles brincam com os sentidos e os nervos. O meu preferido é “Le Flacon” [Frasco de perfume]. É sobre aromas que abrigam memórias e como o perfume pode trazer de volta o passado. Sei que o cheiro das rosas sempre me lembrará Alexandrine e a baronesa. Água-de-colônia e talco me fazem lembrar de você, meu amor. Cheiro de leite quente e mel, de Baptiste. Verbena e lavanda, de *maman* Odette. Se você ainda estivesse entre nós, eu certamente leria esse poema para você, muitas e muitas vezes.

Por vezes, ler um livro leva a outro livro. Você já viveu isso? Estou certa de que sim. Descobri isso rapidamente. *Monsieur* Zamaretti me deixava passear pelas estantes de sua loja, eu até usava a escada para alcançar algum volume mais no alto. Viu, Armand, havia uma nova fome em mim, e

alguns dias, lhe garanto, eu estava voraz. Fui tomada pela necessidade de leitura, uma entrega deliciosa e divertida. Quanto mais eu lia, mais faminta eu ficava. Todo livro parecia promissor, cada página a que eu chegava me oferecia um escape, a sedução de um novo mundo, outros destinos, outros sonhos. Mas, então, o que eu lia?

Charles Baudelaire me levou a outro autor, americano, creio, Edgar Allan Poe. Como eu poderia resistir ao fato de o próprio *monsieur* Baudelaire ter traduzido suas histórias? Dei atenção especial ao autor por conta disso. Quando meu poeta favorito morreu, ano passado, li que ele havia sido enterrado em nosso próprio cemitério, em Montparnasse. Sim, o jazigo para descanso eterno de Charles Baudelaire fica a apenas algumas aleias de onde estão você, Baptiste e *maman* Odette. Ultimamente tenho estado muito cansada para ir lá, mas na última vez que fui, visitei o túmulo de Baudelaire. Havia uma carta perto da lápide e, como havia chovido, a tinta borrou por todo o papel, como uma grande flor negra.

Nos contos de *monsieur* Poe, percebi os mesmos temas assombrados e poderosos que me instigavam tanto. E entendi perfeitamente por que *monsieur* Baudelaire escolheu traduzir essas obras. Tinham o mesmo alcance, a mesma visão. Sim, pode-se dizer que eram macabros, cheios de mistério, suntuosos na imaginação. Será que você está perplexo com o gosto literário surpreendente de sua branda Rose? Meu conto preferido se chama “A queda da casa de Usher”, que se desenrola numa mansão soturna, coberta de hera, de onde se via um lago pequeno, escuro e silencioso. O narrador é chamado por um antigo amigo que padece de uma doença sem nome e que precisa de sua ajuda. Mal posso descrever a emoção e o suspense que senti da primeira vez que li a história. Sentia calafrios subindo e descendo minha espinha. Havia um clima de malevolência, de medo, de forças de outro mundo tramando o destino. Às vezes eu tinha de parar para voltar a respirar. Outras vezes, eu não conseguia seguir na leitura, como se aquilo fosse forte demais e fosse se apoderar de mim. Perdi o fôlego. E, ainda assim, eu acabava voltando para a página, porque nada nem ninguém me tiraria do terrível segredo de Roderick Usher, da aparição fantasmagórica de Madeline, com seu vestido

manchado de sangue, de toda a mansão caindo em ruínas no lago. *Monsieur* Poe tinha domínio sobre sua magia.

A pesar do frio tremendo, essa manhã os barulhos de obra voltaram. Não tenho muito tempo, então vou resumir a história. Há tanto ainda a lhe dizer. Seis meses atrás, *madame* Paccard, dr. Nonant e eu decidimos ir ao Hôtel de Ville para protestar contra a destruição de nossa rua.

Nossas muitas cartas eram respondidas por secretários da prefeitura que, como você pode imaginar, simplesmente repetiam que a decisão era irrevogável, mas que se podia negociar o valor da indenização de cada caso. Para nós três, porém, dinheiro não era o problema. Nós queríamos era manter nossas casas.

Dá para imaginar, então, nós três naquele dia de junho: *madame* Paccard com seu coque tremelicando, dr. Nonant e seu rosto bigodudo e sério e eu, sua Rose, com meu melhor casaco de seda, vinho, e meu chapéu com véu, os três muito determinados. Cruzamos o rio numa manhã clara e amena e fiquei impressionada, como de costume, com o prédio em estilo renascentista que nos aguardava do outro lado da ponte. Meu estômago se retorceu de nervosismo e me senti tonta por antecipação quando nos aproximávamos da enorme fachada de pedra. Não estaríamos loucos em pensar que conseguiríamos falar cara a cara com o próprio homem? Será que ele sequer ouviria nossos apelos? Fiquei aliviada em não estar sozinha, em ter dois companheiros comigo, ao meu lado. Eles pareciam bem mais seguros de si do que eu.

Naquele saguão de entrada enorme, no qual eu jamais estivera, percebi um chafariz tilintando debaixo das curvas de uma grande escada. Grupinhos de pessoas andavam a passos lentos olhando o salão central, pasmados com os tetos adornados, com a grandiosidade do *hôtel*. Então era aqui onde ele morava e trabalhava, ele, o homem cujo nome eu ainda sequer consigo escrever. Ele e sua família (aquela mulher que parecia um ratinho, Octavie, que aparentemente tinha asco à vida mundana, e suas duas filhas, Henriette e Valentine, robustas, rosadas e louras, ostentadas como vacas premiadas) dormiam debaixo daquele telhado imenso, em algum recanto labiríntico daquele local grandioso.

Ah, nós havíamos lido nos jornais sobre as festas luxuosas e ostentadoras que havia aqui, com uma pompa digna do Rei Sol. Um ano antes, a baronesa de Vresse esteve na festa para o rei da Prússia e o czar, que contou com três orquestras e mil convidados. Também esteve na recepção em homenagem a Francisco José da Áustria, logo depois em outubro, com quatrocentos convidados servidos por trezentos empregados. Ela descreveu a refeição com sete pratos, muitas e muitas flores, copos de cristal, porcelana fina e cinquenta candelabros gigantes. A imperatriz usava um vestido de tafetá com cadilhos de rubi e diamante. (Alexandrine chegou a engasgar com essa parte da descrição, enquanto eu me mantive em um silêncio pétreo.) Todos os parisienses sabiam sobre a adega do prefeito, com os melhores vinhos da cidade. Também sabiam que ao passar pela *rue* de Rivoli pela manhã bem cedo, só se veria uma janela acesa no *Hôtel* de Ville e era a janela do prefeito trabalhando duro em seu ofício de mandar um exército com picaretas para destruir a cidade. Como não tínhamos hora marcada com ninguém em particular, disseram-nos para subir ao primeiro andar, à Secretaria de Propriedade e Expropriação. Quando chegamos lá, vimos, com os corações desalentados, uma longa fila de pessoas também em espera. Com a paciência possível, entramos na fila. Quem seriam todas aquelas pessoas? Que tipo de demanda estariam fazendo? A senhora próxima a mim tinha a minha idade, um rosto cansado e roupas desleixadas. Mas usava anéis belos e caros nos dedos. Ao seu lado, havia um homem de barba, impaciente e de cara amarrada, batendo o pé no chão, olhando o relógio a cada dez minutos. Havia ainda uma família de pai e mãe jovens, muito distintos e com um bebê rabugento e uma garotinha entediada.

Todos aguardavam. De tempos em tempos, uma porta se abria e um funcionário viria anotar os nomes dos recém-chegados. Senti que a espera duraria para sempre. E quando chegou nossa vez, não nos foi permitido entrarmos juntos, apenas um a um. Não importava que tivesse demorado tanto para sermos atendidos! Deixamos *madame* Paccard ir na frente.

Os minutos se arrastavam. Quando ela finalmente saiu, seu rosto parecia ainda mais abatido.

Madame Paccard murmurou algo que eu não entendi e afundou em uma cadeira, mergulhando a

cabeça nas mãos. Eu e dr. Nonant a olhamos com certa ansiedade. A senhora com roupas malcuidadas havia saído de lá no mesmo estado, lágrimas descendo pelo rosto. Comecei a me sentir mais nervosa e deixei o doutor ir antes de mim, porque senti me faltarem as pernas. Aquela sala parecia abafada e viscosa, repleta do cheiro e da angústia de tantas pessoas.

Saí para um corredor andando para cima e para baixo. Aquilo parecia uma colmeia de tanta atividade. Era aqui onde tudo acontecia. A lenta destruição da cidade nasceu naquele prédio. Todos aqueles homens tão ocupados correndo para lá e para cá com papéis e pastas tinham algo a ver com aquilo. Quais deles teriam decidido que a nova avenida passaria rente à igreja? Quais deles teriam desenhado os projetos atuais? Qual teria traçado a primeira reta letal?

Todos sempre ouvimos falar da equipe esplêndida do prefeito. Conhecíamos seus rostos, eles acabaram ficando famosos. *A crème de la crème* da intelligentsia de nosso país, todos engenheiros brilhantes altamente graduados, da *École Polytechnique*, especializados em pontes e outras passagens. *Monsieur* Victor Baltard, o “homem de ferro”, responsável pelo mercado gigantesco de que lhe falei. *Monsieur* Jean-Charles Alphand, o “jardineiro”, conhecido por dar à nossa cidade seus novos pulmões. *Monsieur* Eugène Belgrand, o famoso “homem das águas”, obcecado com nosso sistema de esgotos. *Monsieur* Gabriel Davioud desenhou dois teatros na *place* du Châtelet, mas também o malfadado chafariz de tamanho totalmente despropositado, a *fontaine* Saint-Michel. Cada um desses cavalheiros teve seu papel grandioso nessa história, gozando de toda a glória.

Além do imperador, claro, que vigiava tudo do abrigo dourado de seus palácios, longe da poeira, dos destroços, da tragédia.

Quando finalmente fui chamada, me vi sentada em frente a um homem bem jovem, que poderia ser meu neto. Ele tinha cabelos longos e ondulados dos quais parecia se orgulhar muito, um terno escuro na última moda e sapatos reluzentes. Seu rosto era suave, com feições delicadas como as de uma menina. Sua mesa tinha pilhas altas de pastas de arquivo e outras comuns. Atrás dele, um cavalheiro mais velho e de óculos escrevia parecendo engolido por tanto trabalho. O juvenzinho passou um

olhar arrogante sobre mim, olhando em seguida para seu relógio. Acendeu um pequeno cigarro, baforejou como se fosse um homem extremamente importante e me pediu que prestasse minha reclamação. Respondi calmamente que me opunha fortemente à destruição de minha casa. Ele pediu meu nome e endereço, abriu um grande livro passando o dedo por alguma listagem página a página e resmungou:

— Cadoux, Rose, viúva de Armand Bazelet, *rue* Childebert, número 6.

— Sim, *monsieur*, sou eu.

— A senhora não concorda com a indenização proposta pela prefeitura, creio eu...

Falou isso de um jeito enfadado, com uma indiferença desprezível, examinando as próprias unhas enquanto falava. Quantos anos teria esse moleque arrogante?, pensei comigo mesma, fervilhando de raiva. Tinha, sem dúvida, outros assuntos mais importantes em mente, um almoço com uma rapariga, ou talvez uma noite de gala logo mais. Que roupas usaria? O terno marrom ou o azul? E será que daria tempo de cachear os cabelos antes da festa? Fiquei ali sentada à sua frente sem dizer nada, uma das mãos estirada sobre a mesa que nos separava.

Quando ele finalmente me olhou, provavelmente surpreso com meu silêncio, tinha um olhar cauteloso: essa aí vai fazer confusão e me atrasar para o almoço. Eu percebia como ele me via: uma daquelas velhas damas respeitáveis, bem-vestidas, provavelmente beldades em sua época, um século antes, e hoje ali para pedir dinheiro. Todas faziam isso. Às vezes, elas até conseguiam ganhar mais dinheiro. Era assim que ele pensava.

— Em quanto a senhora está pensando, *madame* Bazelet?

— Creio que o senhor não entendeu de todo a natureza de minha colocação, *monsieur*.

Ele se empertigou, levantou uma sobrancelha e perguntou:

— Então, por favor me diga que colocação é essa que a senhora tem a fazer, *madame*?

Ai, em sua voz, só havia ironia, zombaria. Eu tinha vontade de estapear seu rostinho suave. E eu disse claramente.

— Eu me oponho à destruição da casa de minha família.

Ele abafou um bocejo.

— Sim, *madame*, essa parte eu entendi.

— Não quero dinheiro.

Ele parecia confuso:

— O que a senhora quer, então?

Enchi os pulmões de ar e disse:

— Quero que o prefeito construa o boulevard Saint-Germain por outro lugar. Quero salvar minha casa e a *rue* Childebert.

Ele ficou de queixo caído, me encarou e soltou com força um som feio, gargarejado. Ah, como eu o odiei. Ele riu um bocado e aquele cabeça de bagre horrendo atrás dele também riu, até que a porta se abriu, outro homem espiou a sala, quando o pequeno patife murmurou:

— A senhora aqui quer que o prefeito mude o *boulevard* de lugar para poupar a casa dela — e os três soltaram suas risadas e riam mais e mais.

Não havia mais nada a ser dito ou feito. Eu me levantei, com toda a dignidade que pude e me encaminhei para a porta. Na sala ao lado, o dr. Nonant esfregava suas sobrancelhas suarentas com o lenço. Quando viu meu rosto, balançou a cabeça e levantou as palmas das mãos em certo desespero. *Madame* Paccard me deu tapinhas no braço. Era claro que eles ouviram as risadas. Todo o Hôtel de Ville ouviu.

Àquele momento havia ainda mais gente na sala de espera e o ar estava mais sufocante e fedido.

Saímos depressa. De repente o vimos, enquanto descíamos pelas escadas.

O prefeito. Olhava a todos com ar superior, estava bem perto de nós, tão perto que arfamos de susto e paramos. Lá estava ele, a um braço de distância. Eu podia ver seus poros, sua pele rosada um pouco manchada, sua barba encrespada, seus olhos azuis e afiados. Ele era robusto, quase gordo, com mãos descomunais.

Nós nos esprememos contra o corrimão quando ele passou rapidamente, com dois ou três secretários em seu encalço. Cheirava a um suor rançoso, álcool e tabaco. Ele não nos viu. Parecia compenetrado e implacável. Por muito pouco eu não o alcancei e agarrei aqueles punhos gordinhos para forçá-lo a olhar para mim, liberar todo meu ódio, meu medo, minha angústia, gritar com ele que ao destruir minha casa ele estava destruindo minhas memórias, minha vida, o centro da minha vida. Mas minha mão hesitou. E ele se foi.

Saímos os três em silêncio. Tínhamos perdido nossa batalha. Não ousamos falar com o prefeito, nenhum de nós. Nada mais podia ser feito. A *rue Childebert* estava condenada. O doutor perderia seus pacientes, *madame* Paccard, seu hotel e eu, nosso lar. Não havia mais esperança. Tudo havia terminado.

Do lado de fora o ar também estava pegajoso, quase quente demais. Segurei meu chapéu na cabeça enquanto cruzávamos a ponte. Mal vi o ir e vir do rio, com seus *péniches* e outros barcos, assim como também não prestei atenção ao tráfego intenso à nossa volta, com carros de muitos lugares e carruagens de aluguel ocupadas. Eu ainda podia ouvir as risadas ecoando e eu rangendo os dentes.

Eu estava tão furiosa quando cheguei em casa, meu bem, que escrevi uma longa carta ao prefeito. Disse a Germaine que colocasse no correio imediatamente. Não sei se ele chegou a ler. Mas escrevê-la me fez bem. Tirou certo peso de meu peito. Me lembro perfeitamente da carta. Afinal não faz muito tempo que escrevi, não é?

Monsieur ,

O senhor mais provavelmente jamais lerá essa carta, mas quem sabe ela não chega às suas mãos. Há uma chance mínima e vou arriscar.

O senhor não me conhece, nem nunca vai conhecer. Meu nome é Rose Bazelet, antes Rose Cadoux, e vivo na rue Childebert, que está prestes a ser demolida para a continuação da sua rue de Rennes e do boulevard Saint-Germain.

Há quinze anos que eu o aturo. Que aturo suas obras, sua cobiça, sua obstinação. Suportei a poeira, o desconforto, rios de lama, destroços e o advento de uma Paris decorada com extremo mau gosto e espalhafatosa, que encarna perfeitamente a vulgaridade de seus objetivos. Tive de aguentar até mesmo a mutilação dos jardins de Luxemburgo. Mas hoje foi demais.

No exato dia de hoje, senhor, fui ao Hôtel de Ville, como muitos outros parisienses em minha situação, para me manifestar contra a demolição da casa de minha família. Pouco me importa a arrogância com a qual fui recebida.

O senhor teria conhecimento, monsieur, de que cidadãos dessa cidade não aprovam suas ações, muito menos a maneira como essas ações têm sido encaminhadas? O senhor tem conhecimento de que é chamado de “o Átila da linha reta”, de “o barão estripador”? Talvez esses apelidos o façam sorrir. Talvez o senhor e o imperador tenham optado por não se importunar com o que o populacho pensa das obras de embelezamento da cidade. Milhares de casas foram destruídas. Milhares de pessoas foram forçadas a se mudar, a fazer as malas e sair de casa. É claro que como o senhor está em segurança em seu magnífico Hôtel de Ville, que continua preservado, esses desconfortos não significam nada para o senhor, para quem, aliás, eles são puramente materiais. Por aí se pensa que o lar de uma família vale simplesmente uma soma em dinheiro. Para o senhor uma casa é uma casa. Seu nome soa irônico. Como o senhor pode ser chamado de “Hausmann”? Hausmann significa “homem da casa” em alemão, não é? Li que, quando o senhor construía a continuação do boulevard que leva seu nome, o senhor não hesitou em extirpar a própria casa em que nasceu. Creio que isso diga tudo.

Fico aliviada em ler na imprensa que o número de seus inimigos só cresce, especialmente depois do caso do cemitério. As pessoas hoje começam a se questionar sobre o impacto de sua remodelação da cidade no futuro. Essas transformações irrevogáveis adulteraram comunidades, vizinhanças, famílias e aniquilaram a memória. Os cidadãos mais pobres foram mandados para fora da cidade porque não conseguem mais pagar os custos desses prédios novos e modernos. Não

há dúvida de que isso vai afetar os parisienses por muitos anos.

O estrago está feito. Não ando mais pelas ruas de minha cidade, monsieur , porque a cidade se tornou estrangeira para mim.

Nasci nesta cidade, como o senhor, cerca de sessenta anos atrás. Quando monsieur foi indicado, testemunhei o início das transformações, testemunhei o entusiasmo, o apelo da modernidade que estava na boca de todos. Vi a continuação da rue de Rivoli, a abertura do boulevard Sébastopol, que arruinou a casa do meu irmão, a abertura do boulevard du Prince Eugène, o boulevard Magenta, da rue Lafayette, a rue Réamur, a rue de Rennes, o boulevard Saint-Germain... E estou imensamente aliviada por não continuar aqui para testemunhar o resto de seus trabalhos.

Tenho ainda um último comentário. Os senhores não teriam sido, o senhor e o imperador, dominados pela pura grandiloquência do projeto?

Parece que a enormidade de suas ambições mútuas levou os senhores a vislumbrar uma Paris não apenas capital da França, mas de todo o mundo.

Não vou me dobrar diante do senhor. Não vou me dobrar diante do imperador. Não serei levada, como ovelha e como os parisienses cujas existências os senhores destruíram. Vou resistir.

Em nome do meu falecido marido, Armand Bazelet, que nasceu e morou, que amou e morreu na rue Childebert, jamais me renderei.

Rose Bazelet

Na calada da noite, senti uma presença próxima a mim e quase desmaiei. Por rápidos segundos de pânico pensei que era o invasor e que ninguém ouviria meus gritos daqui do porão. Pensei que havia chegado a minha hora. Foram momentos de agonia, eu me enrolando com os fósforos para acender uma vela.

— Quem está aí? — chamei, com a voz trêmula.

Uma mão calorosa alcançou a minha e, para meu alívio, era Alexandrine. Ela havia entrado na

casa com sua chave antiga, desceu as escadas até chegar aqui. Alexandrine havia finalmente compreendido que eu me escondia no porão. Pedi que não revelasse sua descoberta a ninguém. Ela continuou a me encarar na luz embaçada da vela. Parecia agitada.

— A senhora esteve aqui esse tempo todo, *madame* Rose?

Expliquei que havia sido ajudada por Gilbert, meu amigo indigente, que me trazia comida, água e carvão todos os dias e que eu estava muito bem apesar do frio congelante que assolava a cidade. Ela pegou minha mão gaguejando de emoção e protestou:

— A senhora não pode continuar aqui, *madame* Rose! A casa será demolida nas próximas 24 horas! Seria loucura ficar aqui... — e seus olhos, aqueles olhos cor de caramelo, brilhando de inteligência, encontraram os meus. Eu a encarei de volta, calmamente, com minhas costas eretas.

Alexandrine parecia buscar uma resposta bem dentro de mim, e eu lhe respondi sem palavras. Ela se desmanchou em lágrimas. Eu a envolvi em meus braços e ficamos assim por algum tempo, até que seus soluços se dissolveram. Quando ela se recuperou, simplesmente sussurrou:

— Por quê?

A amplitude da pergunta me tragou. Como eu poderia explicar? Por onde começaria? Houve um silêncio frio e cortante entre nós. Parecia que eu tinha morado aqui embaixo desde sempre e que nunca mais veria a luz do dia. Que tempo era aquele? Não importava. A noite parecia firme e forte. O cheiro de mofo do porão chegou ao cabelo e às roupas de Alexandrine.

Ela parecia uma filha quando agarrada a mim, como se tivéssemos o mesmo sangue, fôssemos feitas da mesma carne. Partilhávamos o calor e algum tipo de amor, creio, um laço poderoso de afeição que me ligava a ela e que nos fazia mais próximas do que jamais estive com alguém, mesmo com você. Senti que podia lhe contar meus fardos, que ela me entenderia. Respirei fundo e comecei a explicar que essa vida era toda a minha vida, que cada cômodo tinha uma história, minha história, sua história. Não achei um meio de preencher sua ausência depois que me deixou. Sua doença não deixou meu amor por você mais fraco — pelo contrário.

A casa trazia a história de nosso amor em sua estrutura interna, em sua beleza peculiar. Era minha ligação com você, para sempre. Perder a casa seria perdê-lo outra vez.

— Eu achava que essa casa duraria para sempre — sussurrei a Alexandrine nas trevas daquela noite. — Achei que ela se manteria inatingível pelo tempo, pelas batalhas, pelos acontecimentos da história, como a igreja se manteve até hoje. Pensei que a casa sobreviveria ao Armand e a mim e que outros garotinhos correriam por essas escadas, rindo, outras meninas morenas se enroscariam no sofá perto do fogo, outros cavalheiros leriam calmamente à janela. Acreditei que essa casa testemunharia outras tristezas e alegrias e tragédias da família. Quando eu olhava adiante, ou quando tentava ao menos, sempre via a casa, sua estabilidade. Parecia imutável. Ano após ano, acreditei que a casa continuaria a ter o perfume de nossa família, as mesmas rachaduras na parede, os estalidos da escada, as pedras irregulares do chão da cozinha, o sol continuaria a brilhar aqui dentro de um jeito específico dependendo da estação. Eu estava errada. A casa está condenada. E eu nunca a abandonarei.

Alexandrine ouviu, muito calmamente, sem me interromper em qualquer momento que fosse. Perdi a noção do tempo e minha voz mergulhou na obscuridade, como se um farol estranho nos conduzisse do dia para a madrugada. Acho que ela adormeceu em algum momento, assim como eu.

Quando abri os olhos, eu sabia que Gilbert estava lá, pude ouvi-lo fuxicar lá em cima ao mesmo tempo em que o aroma de café descia. Alexandrine se remexeu e murmurou algumas palavras. Eu gentilmente penteei com meus dedos seu cabelo para tirá-lo de seu rosto. Ela parecia tão jovem quando estava em meus braços, sua pele tão fresca e rósea. Por que será que nenhum homem descobriu o caminho para o seu coração? Eu me perguntei como teria sido sua vida para além das flores, que lhe eram indispensáveis. Seria solitária? Alexandrine era tão misteriosa. Quando acordou de fato, percebi que ela não entendia muito bem onde estava. Ela mal pode acreditar que havia dormido cá embaixo comigo. Levei-a ao andar de cima, onde Gilbert passava o café. Ela o olhou, acenou com a cabeça. E ao lembrar nossa conversa na noite anterior, seu rosto ficou sóbrio. Tomou

minha mão e a segurou forte, com uma expressão suplicante, ansiosa, mas me mantive firme. Balancei a cabeça.

Seu rosto ficou vermelho, então, como uma beterraba, e ela me segurou pelos ombros e me chacoalhou, furiosa.

— A senhora não pode fazer isso! Não pode, *madame* Rose!

Gritou isso com toda força, lágrimas descendo pelas bochechas. Tentei apaziguá-la, mas ela não ouvia e suas feições se contorciam irreconhecíveis. Gilbert deu um salto, respingando café no chão e a afastou de mim com firmeza.

— E as pessoas que se importam, as que precisam da senhora? — perguntou ela, com um silvo e meio ofegante enquanto tentava se livrar de Gilbert o empurrando e chutando. — O que eu farei sem a senhora? Não vê como está sendo egoísta? Eu preciso da senhora, *madame*, como as flores precisam da chuva. A senhora é muito preciosa para mim. Como pode não ver?

Sua dor me tocou profundamente. Eu jamais a havia visto agir assim. Por dez anos, Alexandrine sempre foi uma pessoa de compostura, cheia de autoridade. Sempre soube como se fazer respeitar. Ninguém jamais tirou vantagem de Alexandrine. Mas cá estava, soluçando, o rosto devastado de dor, os braços esticados para mim. Como eu podia fazer isso, ela continuou, como poderia ser tão cruel, tão sem coração. Eu não havia entendido que era como uma mãe para ela, que era sua melhor amiga, sua única amiga?

Ouvi. Ouvi e chorei como ela, em silêncio, não ousei olhá-la de novo. As lágrimas escorriam incontrolavelmente pelo meu rosto.

Ela disse, agora com voz exausta e áspera:

— A senhora poderia vir morar comigo. Eu cuidaria da senhora, iria protegê-la, eu faria isso, *madame* Rose. A senhora nunca ficaria sozinha, nunca ficaria sozinha outra vez.

E foi a vez de Gilbert falar num rompante.

— Chega, *mademoiselle* — eu e Alexandrine demos um salto.

Ela o encarou. Ele a olhou de volta, um pouco entretido ao passar a mão na barba preta e completou:

— *Madame* Rose está sendo cuidada, por mim. Ela não está sozinha.

Alexandrine sacudiu a cabeça com desdém. Fiquei feliz em ver seu gênio voltar.

— Você? — zombou.

— Sim, eu — disse ele pomposo, esticando-se para aumentar ainda mais sua altura.

— Ah, claro, *monsieur*, mas então o senhor concorda que o plano de *madame* Rose de ficar na casa até o fim é pura loucura.

Ele deu de ombros, como sempre faz.

— Essa é uma decisão de *madame* Rose, e dela apenas.

— Se é o que o senhor pensa, *monsieur*, então acredito que não temos o mesmo sentimento por *madame* Rose.

Ele pegou o braço dela, um tanto ameaçador.

— O que a senhorita sabe sobre sentimentos? — ralhou. — Uma senhorita que sempre dormiu em uma cama limpa, que nunca passou fome, *mademoiselle* limpinha com seu narizinho fino enfiado em pétalas de flores. O que *mademoiselle* sabe sobre amor, sobre dor e pesar? O que a senhorita sabe sobre vida e morte? Conte-me.

— Ah, deixe-me em paz — disse ela o espanando e caminhando para o outro lado da cozinha de costas para nós dois.

Houve um longo silêncio. Eu olhei para eles, essas duas criaturas estranhas que assumiram espaços importantes na minha vida nos últimos anos. Eu não sabia nada de seus passados, de seus segredos, mas os dois me pareciam estranhamente semelhantes em sua solidão, seus modos, sua postura. Altos e magros, enrolados em roupas negras, rostos pálidos e cabelos pretos bagunçados. O mesmo brilho nos olhos claros. As mesmas feridas escondidas. Como Gilbert teria ficado manco? Onde nasceu, onde estava sua família? Qual era sua história? E Alexandrine? Por que estava sempre

sozinha? Por que nunca falava de si? Era certo que eu jamais saberia.

Estendi uma mão para cada um, suas mãos estavam tão frias e secas como a minha, e lhes disse muito tranquilamente:

— Por favor, não briguem por mim. Vocês dois significam tanto para mim nesses últimos tempos.

Os dois balançaram a cabeça sem dizer nada, sem me olharem nos olhos.

Agora o dia já havia clareado, um dia de um branco pálido e brilhante, frio e gelado. Para minha surpresa, Gilbert me trouxe o casaco e o chapéu de pele que usei na noite em que ele me levou para dar uma volta pela vizinhança.

— Vista isso, *madame*. E, *mademoiselle*, vá buscar seu casaco e o feche bem.

— Para onde vamos? — perguntei um pouco atônita.

— Não vamos para longe. Ficaremos fora uma hora mais ou menos. Precisamos ir rápido. A senhora vai gostar. *Mademoiselle* também.

Alexandrine consentiu humildemente. Acho que ela estava cansada e chateada demais para começar outra briga.

Lá fora, o sol brilhava como uma joia estranha, quase branco e baixo no céu. O frio era tão intenso que eu podia senti-lo trespassar meus pulmões a cada vez que respirava. Eu mal suportava ver novamente a *rue* Childebert parcialmente destruída, de modo que passei por ela de olhos baixos.

Gilbert nos puxou pela *rue* Bonaparte, coxeando bastante. A rua estava deserta, sem vivalma, nem mesmo uma charrete. Parecia que a luz fraca e o ar congelante tinham sufocado toda a vida. Aonde ele estaria nos levando. Andávamos a passos rápidos, eu e Alexandrine de braços dados. Ela tremia da cabeça aos pés.

Chegamos ao rio e havia ali uma paisagem impressionante. Você se lembra daquele inverno tremendamente frio logo antes de Violette nascer, quando viemos a essa região entre a *Pont des Arts* e a *Pont Neuf* para ver os enormes blocos de gelo rolando no rio? Dessa vez com Alexandrine e Gilbert, o frio era tanto que todo o rio estava congelado. Gilbert nos levou até o cais, onde duas

péniches estavam presos no gelo, não tinham como se mover. Hesitei, dei um passo atrás, mas

Gilbert disse para confiarmos nele, e foi o que fiz.

O rio estava coberto com uma crosta acinzentada grossa e irregular. Pelo que pude perceber ao olhar para a *Île de la Cité*, as pessoas estavam caminhando sobre o Sena. Um cachorro trotava loucamente indo e vindo, saltando e latindo e às vezes escorregando. Gilbert pediu que eu tomasse muito cuidado. Alexandrine correu na frente, maravilhada como uma criança, gritando de alegria. Chegamos ao meio do rio. Pude ver a água amarronzada passando por baixo do gelo. De vez em quando se ouviam estalidos altos, que me assustavam. Mais uma vez, meu amigo mendigo disse-me para não ter medo, afinal estava muito frio. Havia cerca de um metro de espessura de gelo debaixo de nós, disse ele.

Como queria que você estivesse lá, Armand. Você ficaria pasmo, chocado com a visão daquilo.

Era como estar em outro mundo. Vi Alexandrine pular com o cachorrinho preto. O sol subiu lentamente, fraco como nunca vi, e mais e mais pessoas desciam para o rio. Parecia que os minutos não passavam, firmes como a água congelada do Sena debaixo de nossos pés. Gritos e risos. A brisa gélida que arranhava. O guincho das gaivotas no ar.

Ali, naquele momento, com o braço reconfortante de Gilbert a minha volta, eu soube que minha hora tinha chegado. O fim estava próximo e a escolha só dependia de mim. Eu ainda podia voltar atrás, podia sair da casa. Mas não tinha medo. Gilbert me olhou profundamente enquanto eu estava parada a seu lado, silenciosa, e entendi que ele sabia exatamente no que eu pensava.

Lembrei da última refeição que *monsieur* Helder ofereceu em seu restaurante na *rue Erfurth*.

Todos os vizinhos compareceram, sim, todos nós ali: *monsieur* e *madame* Barou, Alexandrine, *monsieur* Zamaretti, o doutor Nonant, *monsieur* Jubert, *madame* Godfin, *mademoiselle* Vazembert, *madame* Paccard, *monsieur* Horace, *monsieur* Bourgrelle, *monsieur* Monthier. Sentamos diante daquelas mesas longas e estreitas de que você tanto gostava, debaixo das chapeleiras douradas e perto da parede amarelada por conta da fumaça. As janelas com suas cortinas rendadas dando para a

rue Childebert e parte da *rue* Erfurth. Almoçamos e jantamos por lá tantas vezes. Você tinha uma quedinha por pernil com lentilhas, eu preferia bifés de fraldinha. Sentei-me entre Alexandrine e *madame* Barou, sem conseguir aceitar que, em poucas semanas ou meses, tudo aquilo deixaria de existir, seria varrido, extinto. Foi um banquete solene, ninguém falou muito. Mesmo as piadinhas de *monsieur* Horace pareceram sem graça. Quando comíamos nossas sobremesas, *monsieur* Helder viu Gilbert vagando longe na rua. Ele sabia que éramos amigos e ninguém pareceu se importar com a presença de um maltrapilho entre nós. Gilbert se sentou, fez um aceno respeitoso a todos com a cabeça e buscou comer seu suspiro com alguma graciosidade. Seus olhos encontraram os meus e piscamos um para outro, com certa alegria. Ah, ele deve ter sido um rapazinho bonito no passado. Ao fim do almoço, enquanto tomávamos café, *monsieur* Helder fez um discurso canhestro. Quis agradecer a todos por serem seus clientes. Iria para Corrèze, onde ele e a esposa abririam outro restaurante, perto de Brive-la-Gaillarde, cidade da família de *madame* Helder. Não desejavam ficar numa cidade modernizada em demasia e que por isso mesmo estava, sentiam eles, perdendo sua alma. Paris estava se tornando outra Paris, lamentou, e como ele ainda tinha energia, ele a levaria para outro lugar e recomeçaria.

Foi naquele dia, depois daquela última e triste refeição no *Chez Paulette*, que me vi caminhando com Gilbert a meu lado pela rua. Toda a rua começava a empacotar suas coisas e se mudar. Carrinhos e carroças estavam estacionados em frente às casas. Os encarregados da mudança viriam buscar meus móveis na semana seguinte. Gilbert me perguntou para onde eu iria. Até então, minha resposta era a casa de minha filha, Violette, próxima a Tours. Mas de algum modo eu sabia que com esse estranho tão singular eu podia ser eu mesma. Não precisava mentir.

E foi assim, meu querido, que disse a ele:

— Não vou a lugar algum. Nunca deixarei minha casa.

Ele entendeu perfeitamente o que isso queria dizer. Assentiu com a cabeça sem questionar.

Apenas completou:

— Estou aqui para ajudá-la, *madame* Rose. Vou ajudá-la em qualquer que seja seu caminho.

Olhei para Gilbert em busca de seu olhar:

— E por que faria isso, diga...

Ele parou, passou os dedos longos e encardidos pela barba amarfanhada e disse:

— A senhora é única, *madame* Rose, nos últimos anos sempre me ajudou. A vida não foi bondosa.

Perdi meus entes queridos. Perdi minhas posses, minha casa, até mesmo minha esperança. Mas quando estou com a senhora, sinto que ainda resta alguma esperança. Mesmo nesse mundo moderno e cansativo que eu não compreendo.

Esse foi sem dúvida seu dizer mais longo na minha presença. Fiquei emocionada, como você pode imaginar, e busquei com força as palavras corretas. Elas não vieram. Então eu simplesmente lhe afaguei de leve o braço. Ele balançou a cabeça e sorriu. Seus olhos misturavam alegria e tristeza.

Quis lhe perguntar sobre as pessoas que ele amou, sobre suas perdas. Mas entre nós fluía uma corrente de compreensão e respeito. Não precisávamos nos fazer perguntas. Não precisávamos de respostas.

Soube naquele momento que havia encontrado a pessoa que jamais me julgaria. A pessoa que não tentaria me deter.

Logo os trabalhos recomeçariam, disse-me Gilbert quando me acompanhava de volta para casa. Caminhamos devagar, afinal as ruas estavam salpicadas de gelo. Alexandrine nos deixou enquanto ainda estávamos no Sena. Foi embora sem se despedir, sem sequer me olhar em qualquer momento. Eu a vi ir embora, em direção ao norte, suas costas retas e tesas. Eu sabia o quanto ela ainda estava brava comigo pela maneira firme e ameaçadora com que seus braços balançavam. Será que ela voltaria? Tentaria me dissuadir? O que eu faria se ela insistisse?

Vimos um grupo de operários no fim da *rue* Erfurth, ou do que restou dela, e Gilbert teve de usar esperteza e prudência para nos levar de volta à casa. Agora saiu para buscar comida e estou aqui sentada em meu esconderijo, ainda com o casaco pesado e quente.

Agora não tenho mais muito tempo. Começarei a contar o que você precisa saber. Não é fácil.

Então serei direta. Usarei as palavras mais simples possíveis. Perdoe-me.

Nunca soube seu nome todo. Era chamado simplesmente de *monsieur* Vincent e eu sequer tinha certeza de se esse era seu primeiro ou seu último nome. Tenho certeza de que você não se lembra dele. Para você, era alguém sem a menor importância. Quando aconteceu, eu tinha 30 anos, *maman* Odette havia nos deixado três anos antes, Violette tinha quase 8.

A primeira vez que o vi foi perto do chafariz, certa manhã, quando eu passeava com nossa filha.

Só o notei porque ele me encarava. Estava sentado na borda do chafariz com um grupo de homens que eu não conhecia. Um sujeito atarracado, sardento, de cabelo curto alourado e mandíbulas angulosas. Era mais jovem que eu. Gostava de olhar as damas, como logo pude perceber. Havia algo de vulgar nele, talvez suas roupas ou então seu jeito.

De início não gostei dele. Havia uma expressão pouco confiável em seus olhos, um sorriso falso que se alongava pelo rosto.

— Ah, é um mulherengo... — murmurou *madame* Chanteloup quando entregava nossas camisas engomadas.

— Quem? — perguntei, apenas para ter certeza.

— Aquele jovem *monsieur* Vincent, novo funcionário do *monsieur* Jubert.

A cada vez que eu pisava fora de casa, para ir ao mercado, para levar Violette às aulas de piano, para visitar o túmulo de *maman* Odette, lá estava ele, espreitando da porta da gráfica, como se me esperasse. Eu tinha certeza de que ele me vigiava, e o fazia como um predador, de um jeito que me deixava nervosa. Eu nunca ficava à vontade perto dele. Os olhos brilhantes de *monsieur* Vincent pareciam me sondar.

O que queria esse homem? Por que me esperava todas as manhãs apenas para trocar algumas palavrinhas? O que esperava de mim? De início ele me incomodava tanto que eu o evitava. Quando via sua silhueta se delineando na frente do prédio, eu apertava o passo, cabeça baixa, como se

tivesse algo urgente a fazer. Me lembro inclusive de lhe contar como esse homem jovem me incomodava quando tentava puxar conversa. Você riu. Achou que eram galanteios de um juvenzinho jogando charme para sua esposa. O que significava que sua Rose continuava com frescor, minha Rose ainda é adorável, você dizia, beijando com carinho o topo de minha cabeça. Não achei graça. Você não poderia ser um pouquinho mais ciumento? Eu teria gostado de algum impulso de possessividade. *Monsieur* Vincent mudou quando percebeu que eu não lhe daria papo. Tornou-se extremamente educado, demonstrava quase uma reverência por mim. Corria para me ajudar com sacos do mercado, pacotes ou para descer da condução a cavalo. Tornou-se extremamente agradável. Aos poucos, minha desconfiança amainou. Aos poucos, ele fez funcionar seu charme. Acabei me acostumando com sua afetividade, sua cordialidade. E cheguei a esperar por ela. Ah, meu querido, como nós mulheres somos vaidosas. Como somos bobas. Lá estava eu gostando ridiculamente daquela atenção constante. Se em algum dia eu não o visse, ficava me perguntando onde estaria. E quando o notava, ficava corada. Sim, ele tinha jeito com as mulheres. Eu deveria ter percebido isso antes.

O dia em que aconteceu, você estava longe. Ele soube disso de algum jeito. Você tinha ido com seu advogado visitar uma de suas propriedades fora da cidade. Só voltaria no dia seguinte. Germaine e Mariette ainda não trabalhavam conosco. Uma menina vinha me ajudar a cuidar de Violette e quando ia embora só ficávamos eu e nossa filha.

Naquela noite, ele bateu à porta. Eu tinha acabado de terminar meu jantar solitário. Olhei a *rue* Childebert lá embaixo, passei o guardanapo nos lábios e o vi ali de pé, com o chapéu nas mãos. Dei um passo atrás para me afastar da janela. O que é que ele poderia querer? Por mais encantador que fosse nos últimos tempos, eu não iria descer para abrir a porta. Ele foi embora e eu pensei estar a salvo. Porém, pouco mais de uma hora depois, já noite, outra batida na porta. Eu estava prestes a ir para cama, vestia minha camisola azul e meu *robe de chambre*. Nossa filha dormia no quarto de cima. A casa estava silenciosa e escura. Desci. Não abri a porta e perguntei quem era.

— Sou eu, *monsieur* Vincent. Queria entrar apenas para lhe falar. É rápido, *madame* Rose. Abra a porta, por favor.

Sua voz parecia gentil e bondosa. A mesma voz que usava comigo nas semanas anteriores. Caí na armadilha. Eu abri a porta.

Ele entrou rápido demais. Tinha um forte bafo de álcool, me olhou de cima, como um animal que encara sua presa. Aquele brilho nos olhos outra vez. Um medo gelado subiu pelos meus ossos, eu soube que deixá-lo entrar em minha casa tinha sido um erro terrível. Ele nem tentou puxar uma conversa, deu um bote sobre mim com aquelas mãos cheias de sardas, num gesto horrendo, ávido, seus dedos como se me mordessem os braços, seu bafo quente em meu rosto. Consegui me afastar de súbito, consegui correr escada acima, com um grito silencioso preso em minha garganta. Mas ele era rápido demais, alcançou minha nuca, me puxou quando eu entrava na sala de estar e me jogou no tapete, aquelas mãos repugnantes em meus seios, a boca molhada e pegajosa em meus lábios.

Eu tentei convencê-lo, dizer que aquilo era completamente errado, que minha filha estava no quarto de cima, que você voltaria logo, que ele não podia fazer aquilo. Não podia.

Ele não se importava, não ouvia, não estava nem aí. Consegui me imobilizar, apertando-me contra o chão. Tive medo de meus ossos quebrarem sob seu peso. Gostaria que você entendesse que não havia nada que eu pudesse fazer. Nada. Comecei a lutar, briguei com toda a minha força, puxei seu cabelo sebento, me contorci, chutei, mordi, cuspi. Mas não conseguia gritar, porque nossa filha estava lá em cima e eu não suportaria que ela descesse e testemunhasse aquilo. Quis, acima de tudo, protegê-la.

Quando percebi que a briga só piorava, me paralisei, como uma estátua. Chorei, chorei com toda força, meu amor. Chorei em silêncio. Ele fez o que quis. Eu procurei me distanciar daquele momento hediondo. Me lembro de olhar para o teto, as pequenas rachaduras, à espera daquele martírio terminar. Podia sentir o cheiro de mofo do tapete, e o cheiro horrendo dele, o fedor de um estranho, um estranho em minha casa, em meu corpo. Foi tudo muito rápido, alguns minutos, mas para mim era

como um século. Havia um olhar malicioso e abominável em seu rosto, sua boca escancarada e com os cantos voltados para cima. Eu jamais esqueceria aquele arreganhar de dentes monstruosos, o reluzir de seus dentes, sua língua para fora da boca.

Saiu sem uma palavra, olhando-me com escárnio, eu jogada no chão, como um cadáver, parece que fiquei ali por horas. Então me arrastei para o quarto, busquei água e me lavei. A água estava gelada e eu contraía o corpo. Minha pele estava machucada, tinha hematomas. Meu corpo todo doía. Tudo o que eu queria era me enroscar em algum canto e guinchar meu choro. Pensei que enlouqueceria, me senti imunda, contaminada.

A casa não era segura. Tinha sido invadida, saqueada. Eu podia sentir as paredes tremerem. Bastaram cinco minutos. Estava feito: o estrago.

Naquela noite não dormi. O brilho daqueles olhos. Suas mãos vorazes. Foi quando o pesadelo começou. Subi para o quarto de minha filha. Ela dormia, quentinha e inerte. Deitei-me ali ouvindo sua respiração tranquila. Jurei a mim mesma que jamais contaria aquilo a quem quer que fosse, nem mesmo ao padre Levasque em confissão. Nem mesmo em minhas preces mais íntimas eu mencionaria o que aconteceu.

E a quem eu contaria, afinal? Eu não era próxima a minha mãe, não tinha irmã, minha filha era nova demais. E eu jamais conseguiria lhe contar. O que você faria? Como reagiria? Eu voltava à cena inúmeras vezes. Eu não o teria encorajado? Não teria aceitado o flerte inadvertidamente? Não seria culpa minha? Como eu podia ter aberto a porta de camisola e robe? Eu não tinha me comportado com decência. Como poderia ter sido enganada por aquela voz atrás da porta?

E esse evento pavoroso não lhe deixaria profundamente envergonhado se eu lhe contasse? E se você pensasse que eu estava tendo um caso, que eu era amante dele? Eu não suportaria a vergonha. Não consigo nem imaginar sua expressão ao pensar isso. Não iria suportar a fofoca, a conversa fiada, caminhar pela *rue* Childebert, pela *rue* Erfurth, com olhos sobre mim, sorrisos de quem sabe o que aconteceu, alguma cutucada de cumplicidade, os murmúrios.

Ninguém saberia. Ninguém jamais saberia.

Na manhã seguinte, lá estava ele, fumando em frente à gráfica. Temi não ter forças para caminhar na frente do prédio. Por alguns instantes, eu me prolonguei em frente à nossa porta, como se buscasse as chaves na bolsa. Então consegui dar alguns passos na calçada de pedra. Olhei para frente, e ele me encarava. Ele estava com um longo arranhão na bochecha, e me encarava diretamente, descaradamente, com ar de vanglória. Passou lentamente a língua no lábio superior. Olhei para o outro lado, com a cara vermelha.

Como o odiei naquele momento. Desejei arrancar os olhos dele. Quantos homens haveria como ele nas ruas, homens que forçam as mulheres? Quantas mulheres, por medo, não estariam suportando em silêncio o sentimento de culpa? Homens como aquele faziam do silêncio sua própria lei. Eu jamais o denunciaria. Ele sabia que eu jamais contaria a você. Ele tinha razão em pensar isso. Onde quer que esteja hoje, tantos anos depois, eu não o esqueci. Trinta anos se passaram e, embora nunca mais tenha colocado os olhos nele outra vez, eu o reconheceria instantaneamente. O que terá se tornado? Que tipo de velho? Eu me pergunto se ele sequer suspeita da devastação, da ruína que trouxe à minha vida.

Você se lembra de como me abracei forte a você quando voltou no dia seguinte? Lembra como o beijei? Como passei a me agarrar em você pelo resto da vida? Àquela noite, você me teve e senti que era a única maneira de apagar a passagem daquele homem.

Logo

depois, *monsieur* Vincent sumiu da vizinhança. Desde então, nunca mais dormi profundamente.

Es a manhã Gilbert voltou com pão fresco e quentinho, além de algumas asas de frango assadas. Ele ficou me encarando enquanto eu comia e eu perguntei o que havia.

— Eles estão vindo. Acabou o frio — disse baixinho.

Fiquei em silêncio.

— Ainda há tempo — sussurrou.

— Não — eu disse firmemente, limpando meu queixo sebento.

— Muito bem.

Ele se levantou e estendeu a mão para mim.

— O que há? — perguntei.

— Não vou ficar aqui para ver isso.

Para meu desalento, ele chorou. Não pude pensar no que dizer. Ele me puxou, seus braços me envolveram como dois galhos enormes e retorcidos. Mais de perto, ele fedia impressionantemente. Então deu um passo atrás, envergonhado. Buscou algo em seu bolso e me entregou uma flor murcha, uma rosa marfim.

— Se a senhora mudar de ideia... — começou.

Olhou comprido para mim. Eu neguei com a cabeça.

Então ele se foi.

Estou muito tranquila, meu bem. Posso ouvi-los, o trovoar da aproximação deles, suas vozes, seu alarido. Tenho de correr para contar o fim de minha história. Acho que você sabe, creio que tenha entendido.

Prendi a rosa de Gilbert em meu corpete. Minhas mãos tremem ao escrever, e não é de frio, não é de medo pela chegada do pessoal das obras. É o peso do momento, do que tenho de enfim desenterrar.

O garotinho ainda era pequeno, não andava. Estávamos nos jardins de Luxemburgo, com a babá (não lembro o nome dela, aquela moça doce e plácida), diante do chafariz dos Médici. Era um dia lindo de primavera, ventava, o jardim estava cheio de crianças, mães, passarinhos, flores. Você não estava conosco esse dia, disso tenho certeza. Eu usava um belo chapéu com uma fita azul que insistia em se desfazer, fugindo para as minhas costas no tumulto da brisa. Ah, como ria Baptiste. Quando o vento tirou meu chapéu, Baptiste explodiu de alegria, seus lábios se retesando em um

grande sorriso. Era uma expressão fugaz. Sua boca se arreganhou em uma risada que eu já tinha visto e fora incapaz de apagar da memória.

Um sorriso medonho. A visão do horror me trespassou como um punhal. Pus a mão no peito e abafei um grito. A jovem babá, assustada, me perguntou se eu estava bem. Eu me aprumei, o chapéu tinha voado de vez, quicando por um caminho poeirento como o cabriolar de um animal selvagem. Baptiste reclamou num choramingo apontando para o chapéu, que hesitei em buscar, embora tenha conseguido me recompor para ir lá. Meu coração, porém, baqueava terrivelmente. Como pude não esperar por tal tragédia? A agitação extrema que senti depois do ataque me fez bloquear os acontecimentos da minha mente, assim como suas consequências asquerosas.

Aquele sorriso. Aquele arreganhar de dentes. Eu estava prestes a vomitar ali mesmo. Vomitei.

Não sei como consegui voltar a pé para casa. A mocinha me ajudou. Lembro que assim que chegamos fui direto para o meu quarto e por lá fiquei o resto do dia, na cama, de cortinas fechadas.

Por um longo período me senti presa em uma cela sem janelas ou portas. Não conseguia encontrar a saída. O ambiente era escuro e opressivo. Por horas, eu procurava uma porta, tinha certeza de que ela estava escondida em algum lugar debaixo do papel de parede, e passava desesperada meus dedos, as palmas da mão pelas paredes, em busca de uma rachadura que fosse. Não era um sonho.

Aquilo girava em minha mente, tudo continuava mesmo quando saía para meus pequenos afazeres diários, quando tomava conta dos meus filhos, da minha casa, quando cuidava de você. A cela sem aberturas me sufocava todos os dias. Às vezes, eu tinha de me esconder na saleta detrás de nosso quarto para conseguir respirar normalmente.

Jamais pisei novamente no lugar exato onde aquilo aconteceu, não longe de onde *maman* Odette deu seu último suspiro. Pouco a pouco, consegui apagar a memória do ocorrido. Precisei de meses, de anos para isso. Meu amor resplandecente pelo meu filho e meu amor profundo por você triunfaram sobre a completa monstruosidade da verdade. Nunca lhe contei, nunca consegui. Quando chegava perto daquele ponto do tapete, dia após dia, eu desviava, passava por cima das minhas memórias.

Apaguei-as. Eu as varri para longe, como se faz com alguma sujeira. Como foi possível? Como suportei? Simplesmente consegui. Aprumei os ombros, como um soldado frente a uma batalha. Os anos se passaram. O horror esmaeceu, assim como o tapete onde tudo aconteceu. Até o dia em que a terrível memória foi substituída por outra.

Ainda hoje, não consigo escrever as palavras, não consigo formar frases que tratem da verdade. Não consigo. A culpa também nunca parou de me assolar. E você entende que, quando Baptiste morreu, tive certeza de que era o Senhor me punindo por meus pecados?

Quando nosso filho morreu, tentei me aproximar de Violette, afinal ela passou a ser minha única filha. Mas ela nunca me deixou amá-la. Era indiferente, distante, levemente desdenhosa, como se me achasse uma pessoa inferior a você. Hoje, com o distanciamento que a idade nos proporciona, percebo que ela pode ter sofrido por eu ter preferido Baptiste. Vejo que essa deve ter sido minha grande falha na condição de mãe, amando mais meu filho do que minha filha e deixando isso transparecer. Como isso deve ter parecido injusto a ela. Sempre dei a ele a maçã mais reluzente, a pera mais saborosa. Ele tinha o lugar à sombra, a cama mais macia, um assento melhor no teatro, o guarda-chuva, se estivesse chovendo. Será que ele tirava proveito dos privilégios? Será que se gabava diante da irmã? Talvez o fizesse sem perceber. Talvez ele a fizesse se sentir ainda menos amada.

Tento pensar calmamente a respeito de tudo isso. Meu amor por Baptiste foi a força mais poderosa de toda minha vida. Será que você pensava que eu só conseguia amar Baptiste e mais ninguém? Terá se sentido deixado de lado? Lembro que uma vez você disse algo sobre eu ser apatetada com o menino. Ah, meu coração, eu era mesmo. E quando a abominável realidade se tornou evidente, passei a amá-lo ainda mais. Eu poderia tê-lo odiado, rejeitado, mas não, meu amor cresceu ainda mais, como se eu tivesse de protegê-lo desesperadamente de sua origem odiosa.

Você se lembra de como fui incapaz de jogar fora os pertences de nosso filho, depois de ele morrer? Por anos seu quatinho foi uma espécie de santuário, templo do amor a meu menino adorado.

Eu ficava sentada ali, presa em um tipo de entorpecimento enquanto chorava. Você era gentil e bondoso, mas não compreendia. Como poderia? Violette, ficando mocinha, desprezava minha dor. Sim, eu me sentia como se estivesse sendo punida. Meu príncipe dourado me havia sido levado porque pequei, porque não pude evitar ser violentada. Porque tinha sido culpa minha.

E agora, Armand, ao ouvir as equipes de demolição chegando à rua, com suas vozes altas, seus risos crus, sua violência interna atçada pela missão horrível, sinto como se fosse sofrer uma nova violação. Dessa vez, como você vê, não é *Monsieur* Vincent a me forçar seus desejos, usando sua virilidade como arma, não, é uma serpente colossal de pedra e cimento, que vai esmagar a casa para o nada e que vai me lançar no esquecimento. E por trás da serpente de pedra, há alguém no controle de tudo. Meu inimigo. Aquele homem barbado, o homem da casa. Ele.

Es a casa é como meu corpo, como minha pele, meu sangue, meus ossos. Ela me carrega como carreguei nossos filhos. Foi danificada, sofreu, foi violada e sobreviveu, mas hoje ela vai ruir. Hoje, nada a salvará, nada me salvará. Não há nada lá fora, Armand, nada nem ninguém a que eu gostaria de me apegar. Sou uma velha senhora e é chegada a hora de me despedir.

Depois de sua morte, um cavalheiro me cortejou por algum tempo. Um viúvo respeitável, *monsieur* Gontrand, barrigudo e com longas costeletas. Ele ficou bem interessado em mim. Uma vez por semana, vinha me prestigiar com uma caixinha de chocolates ou com violetas. Creio que também se interessou pela casa e pela renda das duas lojas alugadas. Ah, sim, sua Rose é perspicaz. Ele era uma companhia agradável, é verdade. Jogávamos cartas e dominós, eu lhe ofereceria uma taça de vinho Madeira, e ele sempre ia embora logo antes do jantar. Vez por outra, tentou ser mais audacioso, mas logo compreendeu que eu não estava interessada em me tornar sua mulher. Ainda assim, continuamos amigos por anos. Eu não queria casar outra vez, como fez minha mãe. Agora que você não está mais aqui, eu prefiro ficar sozinha. Penso que apenas Alexandrine entendia isso. E devo confessar outra coisa: ela é a única pessoa de quem sentirei falta. Já sinto falta dela. Entendo agora que, por todos aqueles anos, depois de você me deixar, ela me deu um presente inestimável:

sua amizade.

Por mais estranho que pareça, nesses últimos instantes terríveis, penso também na baronesa de Vresse. Apesar da diferença de idade e de nível social, sinto que nos tornamos amigas. E confesso ainda que em algum momento pensei em usar seus contatos na Prefeitura para atrair a atenção do prefeito e salvar nossa casa. Ela não ia às festas dele? Ele não foi apenas uma, mas duas vezes à *rue Taranne*? Mas, veja, eu nunca fiz isso. Não ousei. Eu a respeitava demais.

Penso na baronesa enquanto me embrulho aqui embaixo, tremendo, e me pergunto se ela tem alguma ideia do que está se passando. Me lembro dela naquela casa linda e nobre, com sua família, seus livros, suas flores e festas. Seu jogo de chá de porcelana, suas saias púrpuras e sua amabilidade, assim como a grande sala luminosa em que recebia seus convidados. O sol salpicando as tábuas corridas antigas e reluzentes. A *rue Taranne* é perigosamente próxima ao novo boulevard Saint-Germain. Será que as meninas da baronesa terão de crescer em outra casa? Terá Louise Eglantine de Vresse de lidar com a perda da casa da família, que se ergue imponente na esquina da *rue du Dragon*? Eu nunca saberei.

Penso em minha filha me aguardando em Tours, perguntando-se onde estou. Penso em Germaine, minha fiel e leal Germaine, que sem dúvida está preocupada com minha ausência. Terá percebido? Saberá que me escondo aqui? Devem esperar diariamente por uma carta, um sinal. Elas devem ficar alertas quando ouvem os cascos dos cavalos se aproximando da casa. Em vão.

O último sonho que tive aqui foi um presságio. Não sei descrevê-lo muito bem. Eu estava no céu, como um pássaro, olhando a cidade lá de cima. E eram só ruínas. Ruínas chamuscadas, de um vermelho luzente, uma cidade devastada, consumida pelo fogo. O Hôtel de Ville queimava como uma tocha, uma carcaça imensa e fantasmagórica prestes a cair. Todo o trabalho do prefeito, todos os planos do imperador, todos os símbolos de sua cidade moderna e perfeita tinham sido aniquilados. Não sobrava nada, apenas a desolação dos *boulevards*, das linhas retas em brasa cortando a cidade como cicatrizes sangrentas. Em vez de ficar triste, senti um estranho alívio, e o vento soprou uma

nuvem de cinzas em meu caminho. Ao bater minhas asas, com meu nariz e minha boca cheios de cinza, senti uma imensa e inesperada alegria tomar conta de mim. Era o fim do prefeito, o fim do imperador. Mesmo que apenas em sonho, assisti a queda dos dois. E a degustei com imensa satisfação.

Eles e seus barulhos se agitam na porta da casa. Baques e sons de coisas se quebrando. Meu coração salta. Estão na minha casa, meu amor. Eu os ouço caminhar com certa dificuldade para cima e para baixo nas escadas, ouço suas vozes ásperas ressoando nos quartos vazios. Imagino que eles queiram se certificar de que não há mais ninguém aqui. Fechei o alçapão para o porão. Acho que não vão me achar porque não terão o cuidado de olhar. Já receberam as confirmações de que os moradores foram embora. Têm certeza de que a senhora viúva Armand Bazelet se mudou há 15 dias. Toda a rua está abandonada. Ninguém mais vive nessa fileira de casas-fantasma, as últimas ainda corajosamente de pé na *rue Childebert*.

É o que pensam. Quantos serão como eu? Quantos parisienses não se renderão ao prefeito e ao imperador, ao assim chamado progresso? Quantos parisienses não se esconderão em porões para não ter de abrir mão de suas casas? Jamais saberei.

Eles estão descendo. Ouço passos sobre minha cabeça. Escrevo o mais rápido que posso. Uma garatuja. Talvez eu devesse soprar e apagar a vela. Será que podem ver o tremular da luz por entre as tábuas? Ah, espere... Eles se foram.

Fez-se silêncio há um bom tempo. Apenas meu coração a bater e a pena que arranha o papel. Uma espera soturna. Tremo dos pés à cabeça. O que será que está acontecendo? Não ousou me mexer aqui embaixo. De tempos em tempos, porque temo ficar louca, pego um romance chamado *Thérèse Raquin*, um dos livros que *monsieur Zamaretti* me sugeriu ler antes de fechar a livraria. Conta a história sensacional, fascinante de um casal adúltero, intrigante. Impossível parar de ler. A escrita é extremamente vívida, ainda mais audaciosa do que a dos senhores Flaubert ou Poe. Talvez por ser muito moderna? O autor é um jovem chamado Émile Zola. Acho que não tem nem 30 anos. A reação

ao livro foi incrível. Um jornalista chamou o romance de “literatura pútrida”. Outro de pornografia. Poucos aprovaram. Pode ser, mas certamente esse jovem escritor, de um jeito ou de outro, vai deixar sua marca.

Como você deve estar surpreso de eu ler isso agora. Mas, veja, Armand, quando alguém lê *monsieur* Zola, confronta-se abruptamente com os piores aspectos da natureza humana. Não há nada de romântico em sua escrita, nem nada de nobre. Por exemplo, a infame cena no necrotério da cidade (aquele local logo perto do Sena em que nem eu nem você jamais fomos, apesar de toda a popularidade quando aberto para visitas públicas) é uma das cenas literárias mais poderosas que já li em toda a minha vida. Consegue ser ainda mais macabra do que as cenas de *monsieur* Poe. Você deve estar se perguntando como sua doce e meiga Rose pode aprovar tal literatura. Há um lado negro de sua Rose, de sua rosa. Sua rosa tem espinhos.

Ai, de repente passo a ouvi-los perfeitamente. Ouço se aglomerarem pela casa, enxame de insetos asquerosos armados com picaretas. Percebo os primeiros golpes bem precisos lá em cima do telhado. Atacam primeiro o telhado, como você deve lembrar, trabalham de cima para baixo. Não demora muito para chegarem a mim. Acabarão chegando.

Ainda há tempo de fugir. Ainda posso me apressar escada acima, destrancar o alçapão, abrir a porta da frente e correr pelo ar frio. Outro mendigo, pensarão. Tenho certeza de que Gilbert ainda está por lá, lá fora, à minha espera, mesmo que as chances sejam quase nulas de eu sair por aquela porta.

Ainda posso fazer isso. Ainda posso optar pela segurança. Deixar a casa ruir sem mim. Ainda tenho escolha. Ouça, não sou uma vítima, Armand. É isso que quero fazer. Ruir com a casa. Ser enterrada com ela. Entende?

Agora o barulho é horrendo. Cada batida cavando a ardósia do telhado, as pedras das paredes, é como um golpe escavando meus ossos e minha pele. Penso na igreja, que observa tudo isso placidamente. A igreja estará sempre em segurança. O dia de hoje não fará a menor diferença. Quem

saberá? Quem vai encontrar meu corpo entre os escombros? Antes eu temia não estar ao seu lado no cemitério. Hoje estou convencida de que não importa a mínima nossos restos mortais não fiquem juntos. Nossas almas já se uniram outra vez.

Fiz uma promessa a você e vou cumpri-la. Não deixarei aquele homem esvaziar nossa casa.

Está ficando muito difícil escrever, meu amor. A poeira entranha até aqui e me faz tossir e fungar.

Quanto mais demora? Rangidos e chiados horrorosos. A casa estremece como um animal agonizando em dor, como um navio pego pela crista de uma tormenta furiosa.

É o indizível. Quero fechar meus olhos e pensar na casa como era quando você ainda estava por aqui, em todo seu resplendor, quando Baptiste vivia e tínhamos convidados todas as semanas, a mesa posta, o vinho, os risos que enchiam a sala.

Penso em nossa felicidade, me lembro da vidinha simples e alegre, agora arraigada, entrelaçada nessas paredes, a tapeçaria frágil de nossa existência. Penso nas janelas altas e grandes brilhando para mim de noite quando eu voltava para casa pela *rue des Ciseaux*, uma luz cálida, acenando. E lá estava você, de pé na janela me aguardando. Penso em nossa vizinhança condenada, a beleza simples das ruazinhas que se ramificavam a partir da igreja e que não serão lembradas por ninguém.

Ah, há algo remexendo no alçapão, meu coração dá um salto enquanto escrevo a você, com pressa, em pânico. Eu me recuso a sair, não vou deixar a casa. Como podem ter me achado? Quem lhes disse que eu me escondia aqui embaixo? Gritos, berros, guinchos, uma voz aguda me chama e me chama... Não me mexo. Há tanto barulho. Não consigo descobrir quem está me chamando. Será? A vela tremula pela poeirada grossa, não tenho mais onde me esconder. Senhor, me ajude, não posso respirar. Um estrondo sobre minha cabeça. Aconteceu. A chama se apagou. Escrevo isso na escuridão negra, afobada, com medo, alguém desce...

***Le Petit Journal*, 28 de janeiro de 1869**

Uma descoberta macabra foi feita na antiga *rue Childebert*, dilacerada pela criação do novo boulevard Saint-Germain. Enquanto os trabalhadores cavavam pelos escombros, encontraram os

corpos de duas mulheres escondidos no porão de uma das casas demolidas. (...) as mulheres foram identificadas como Rose Cadoux, 59, viúva de Armand Bazelet, e Alexandrine Walcker, 29, solteira, florista que trabalhava em uma loja da *rue* de Rivoli. Ao que parece, foram mortas com a destruição da casa. Não ficou claro o motivo da presença das duas na área, que foi evacuada para as obras levadas adiante pela equipe do prefeito. No entanto, atribui-se à *madame* Bazelet uma audiência no verão passado no Hôtel de Ville, na qual se registrou que ela não concordava em se mudar de sua propriedade. A filha de *madame* Bazelet, *madame* Laurent Pesquet, de Tours, explicou que esperava havia três semanas a chegada da mãe em sua cidade. Quando contactados por nossos jornalistas, os assessores jurídicos da Prefeitura afirmaram que o prefeito não tem qualquer comentário a fazer sobre o assunto.

Le Petit Journal
SUPPLEMENT ILLUSTRE
1917

Tatiana de Rosnay

A casa que amei



SUMA
de letras

Da autora de *A chave de Sarah*

Document Outline

- [Folha de rosto](#)
- [Créditos](#)
- [Sumário](#)
- [Dedicatória](#)
- [Agradecimentos](#)
- [Epígrafe](#)
- [Nota da autora](#)
- [Glossário](#)
- [Querido](#)
- [No dia em que a carta chegou](#)
- [Não durmo tão mal aqui](#)
- [Mas volto ao dia em que a carta chegou](#)
- [A barulheira que havia lá fora](#)
- [Fiquei tão concentrada em lhe escrever](#)
- [Gilbert é a única pessoa](#)
- [Tenho um tesouro comigo](#)
- [Gilbert se foi](#)
- [Você se lembra do primeiro chamado](#)
- [Amor do meu coração](#)
- [Quando penso na sala de estar](#)
- [Minha adorada Rose](#)
- [Noite passada não dormi bem](#)
- [Irmã querida](#)
- [É um belo alívio](#)
- [Acabo de levar o maior susto](#)
- [Há um vidro quebrado](#)
- [Querida mamã](#)
- [Mesmo a caligrafia dela](#)
- [Minha muito querida Violette](#)
- [Não pude deixar de rir](#)
- [Nos meus sonhos](#)
- [Mãezinha](#)
- [Sinto uma mão gelada](#)
- [1849](#)
- [Rose do meu coração](#)
- [Precisei imensamente de uma pausa](#)
- [Gilbert me interrompeu](#)
- [Saímos em uma espécie](#)
- [Escrevi agora há pouco](#)
- [Tenho tido os sonhos mais estranhos](#)
- [Minha muito querida madame Rose](#)
- [Quase não sinto dor essa manhã](#)

- [Há um amontoado de livros](#)
- [Aos poucos, comecei a passar](#)
- [Pouco a pouco](#)
- [Minha cara madame Rose](#)
- [Senti outra vez a mão gelada](#)
- [Minha querida madame Rose](#)
- [Eu aqui embaixo](#)
- [Apesar do frio tremendo](#)
- [Monsieur](#)
- [Na calada da noite](#)
- [Logo os trabalhos recomeçariam](#)
- [Nunca soube seu nome todo](#)
- [Essa manhã Gilbert voltou](#)
- [O garotinho ainda era pequeno](#)
- [Essa casa é como meu corpo](#)
- [Eles e seus barulhos se agitam](#)
- [Le Petit Journal, 28 de janeiro de 1869](#)

Table of Contents

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Sumário](#)

[Dedicatória](#)

[Agradecimentos](#)

[Epígrafe](#)

[Nota da autora](#)

[Glossário](#)

[Querido](#)

[No dia em que a carta chegou](#)

[Não durmo tão mal aqui](#)

[Mas volto ao dia em que a carta chegou](#)

[A barulheira que havia lá fora](#)

[Fiquei tão concentrada em lhe escrever](#)

[Gilbert é a única pessoa](#)

[Tenho um tesouro comigo](#)

[Gilbert se foi](#)

[Você se lembra do primeiro chamado](#)

[Amor do meu coração](#)

[Quando penso na sala de estar](#)

[Minha adorada Rose](#)

[Noite passada não dormi bem](#)

[Irmã querida](#)

[É um belo alívio](#)

[Acabo de levar o maior susto](#)

[Há um vidro quebrado](#)

[Querida maman](#)

[Mesmo a caligrafia dela](#)

[Minha muito querida Violette](#)

[Não pude deixar de rir](#)

[Nos meus sonhos](#)

[Mãezinha](#)

[Sinto uma mão gelada](#)

[1849](#)

[Rose do meu coração](#)

[Precisei imensamente de uma pausa](#)

[Gilbert me interrompeu](#)

[Saímos em uma espécie](#)

[Escrevi agora há pouco](#)

[Tenho tido os sonhos mais estranhos](#)

[Minha muito querida madame Rose](#)

[Quase não sinto dor essa manhã](#)

[Há um amontoado de livros](#)

[Aos poucos, comecei a passar](#)

Pouco a pouco
Minha cara madame Rose
Senti outra vez a mão gelada
Minha querida madame Rose
Eu aqui embaixo
Apesar do frio tremendo
Monsieur
Na calada da noite
Logo os trabalhos recomeçariam
Nunca soube seu nome todo
Essa manhã Gilbert voltou
O garotinho ainda era pequeno
Essa casa é como meu corpo
Eles e seus barulhos se agitam
Le Petit Journal, 28 de janeiro de 1869